

RAQUEL DA COSTA CORRÊA

**A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DE VIBRANTE SIMPLES EM
LUGAR DE MÚLTIPLA EM ONSET SILÁBICO NO
PORTUGUÊS FALADO EM ANTÔNIO PRADO-RS**

**PORTO ALEGRE
2016**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA
LINHA DE PESQUISA: FONOLOGIA E MORFOLOGIA**

**A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DE VIBRANTE SIMPLES
EM LUGAR DE MÚLTIPLA EM ONSET SILÁBICO NO
PORTUGUÊS FALADO EM ANTÔNIO PRADO-RS**

RAQUEL DA COSTA CORRÊA

ORIENTADORA: PROF^a. DR. ELISA BATTISTI

Dissertação de Mestrado em Teoria e Análise Linguística, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE
2016**

CIP - Catalogação na Publicação

Corrêa, Raquel da Costa

A realização variável de vibrante simples em lugar de múltipla em onset silábico no português falado em Antônio Prado - RS / Raquel da Costa Corrêa. -- 2016. 150 f.

Orientadora: Elisa Battisti.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. alternância entre vibrante simples e múltipla. 2. teoria da variação. 3. prática social. 4. análise da rede social dos informantes. I. Battisti, Elisa, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha orientadora Elisa Battisti pela presença sempre constante, pessoalmente ou não. Agradeço pela paciência, pela dedicação, pelo conhecimento compartilhado.

Aos professores Cléo Altenhofen (UFRGS) e Gisele Dal Corno (UCS) por colaborarem, de formas distintas, para o acesso aos áudios das entrevistas sociolinguísticas.

À colega Camila Ulrich pela disponibilidade de atuar como juíza, ouvindo os contextos levantados nas entrevistas sociolinguísticas.

A todos os colegas de pós-graduação e de graduação que, de alguma forma, contribuíram para o andamento da pesquisa.

Aos professores de pós-graduação que sempre oportunizam situações de aprendizado para os alunos, seja em sala de aula, seja no bar do Antônio.

Às pradenses Dirce e Natália Brambatti Guzzo por atuarem como mediadoras, facilitando meu acesso às pessoas da cidade de Antônio Prado.

Ao Clube de Mães do Centro de Antônio Prado por ter me recebido e permitido a observação do jantar mensal do clube.

Aos informantes das entrevistas etnográficas que me receberam muito bem e aceitaram falar durante quase duas horas sobre as suas rotinas no município de Antônio Prado.

Aos familiares, especialmente minha mãe, Iára, que ficaram com o Dante, meu filho, para que eu pudesse realizar a pesquisa.

Ao meu padrinho, Mestre Ronaldo Rosa e à minha prima-irmã, Doutora Annelise Rosa, por serem meus grandes exemplos nessa trajetória de pós-graduação.

Ao meu marido, Dênis Schattschneider, pela compreensão e incentivo.

RESUMO

De acordo com Frosi e Mioranza (1983), a realização de vibrante simples em lugar de múltipla é um fenômeno passível de ocorrer no português quando este está em contato com o italiano. No Rio Grande do Sul, a população de descendentes de imigrantes italianos se faz fortemente presente, principalmente nas cidades da antiga RCI-RS (Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul). Os estudos realizados por Rossi (2000), Spessatto (2003), Bovo (2004) e Battisti e Martins (2011) nessas comunidades revelam que o emprego variável da vibrante simples em lugar da múltipla é uma prática predominantemente masculina, rural e realizada pelos falantes de faixa etária mais elevada. O objetivo do presente trabalho é verificar, com base na Teoria da Variação (LABOV, 1972), a proporção de aplicação da regra variável de uso de vibrante simples em lugar de múltipla, tanto em posição intervocálica (*arroz*) quanto em início de palavra (*rua*) em Antônio Prado – RS, e os condicionadores linguísticos e sociais do processo, na hipótese de que as variáveis sociais sejam mais relevantes para a aplicação da regra, como atestam estudos realizados em outras comunidades de fala. Partimos também da hipótese de que os homens de mais idade, moradores da zona rural, aparecerão como favorecedores da realização da vibrante simples, conforme indica a literatura. A amostra é composta por 32 informantes de Antônio Prado (RS), do Banco de Dados da Serra Gaúcha (BDSer), da Universidade de Caxias do Sul (UCS), considerando as seguintes características: 2 gêneros, 2 locais de residência (urbano e rural), 4 grupos etários (15-30; 31-50; 51-70; 71 ou mais anos), 2 níveis de escolaridade (primário a fundamental e médio a superior). A análise estatística dos dados é feita através do Goldvarb e os resultados revelam que a faixa etária mais elevada não favorece a aplicação de vibrante simples em Antônio Prado, contrariando uma de nossas hipóteses. Realizam-se registros etnográficos (SPRADLEY, 1979) com o intuito de compreender e explicar os resultados da análise de regra variável, através das informações obtidas sobre as práticas sociais (ECKERT, 2000) dos informantes. Os registros incluem três entrevistas etnográficas, além de observações e anotações realizadas em eventos na comunidade.

Palavras-chave: alternância entre vibrante simples e múltipla, teoria da variação, prática social, análise de rede social.

ABSTRACT

According to Frosi e Mioranza (1983), the occurrence of flap where a trill is expected is a common phenomenon in Brazilian Portuguese when it is in contact with the Italian language. In Rio Grande do Sul, the population of immigrants and their descendants is strongly present, mainly in the old RCI-RS (*Região de Colonização Italiana*, Italian Settlement Region) cities. The studies by Rossi (2000), Spessatto (2003), Bovo (2004) and Battisti and Martins (2011) reveal that the use of flap instead of trill is a predominantly male and rural practice, mostly performed by older speakers. This study aims to verify, based on the Language Variation Theory (LABOV, 1972), (i) the frequency of use of flap instead of trill, both in intervocalic position (*arroz*) and at the beginning of the word (*rua*), in Antonio Prado - RS; and (ii) the social and linguistic conditioning variables of rule application, in the hypothesis that the social variables are indeed more relevant for the application of the rule, as revealed by prior studies. We also hypothesize that older men, residents of the countryside, condition rule application. The interviews of 32 informants from Antônio Prado (RS) used in the research were taken from *Serra Gaúcha* Database (BDSer), from University of Caxias do Sul (UCS), considering the following characteristics: 2 genders (male, female), 2 places of residence (urban and rural), 4 age groups (15-30; 31-50; 51-70; 71 or older), 2 educational levels (from 1 to 8 years of education, and 9 or more years of education). The statistical analysis was done with Goldvarb software, and the results show that the older age group does not condition the use of flap in Antônio Prado, contradicting our hypothesis. We use ethnographic records (SPRADLEY, 1979) in order to comprehend and explain the quantitative results in the perspective of social practices (ECKERT, 2000). The records include 3 ethnographic interviews, as well as observations and notes recorded in community events.

Keywords: flap and trill alternation, theory of language variation, social practice, social network analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Escala de Sonoridade Bonet e Mascaró (1996)	17
Figura 2 - Representação da atuação do Princípio do Contorno Obrigatório – OCP	19
Figura 3 – Mapa com a localização de Antônio Prado, Caxias do Sul e Porto Alegre	24
Figura 4 - Colônia Antônio da Silva Prado	28
Figura 5 - Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus	29
Figura 6 - Gruta Natural	30
Figura 7 - Centro de Antônio Prado	30
Figura 8 - Selo oficial da comemoração dos 140 anos de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul	36
Figura 9 - Função logística	46
Figura 10 - Diferenças de Gênero de geração para geração	62
Figura 11 - Padrões de migração	63
Figura 12 - Estrutura da rede	75
Figura 13 - Conteúdo da rede	75
Figura 14 - Calendário 2015 do Clube de Mães do Centro de Antônio Prado	91
Figura 15 - Carrinho de lomba exposto no museu da cidade de Antônio Prado	97
Figura 16 - Rede social dos 48 informantes de Antônio Prado	113
Figura 17 - Pirâmides etárias de Antônio Prado, do Rio Grande do Sul e do Brasil	119
Figura 18 - Reapresentação do cruzamento entre Gênero e Faixa Etária	120

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Escolaridade	79
Tabela 2 - Local de Residência	80
Tabela 3 - Gênero	80
Tabela 4 - Faixa Etária	81
Tabela 5 - Número de Sílabas	83
Tabela 6 - Posição da Sílabas na Palavra	83

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Proporção total de realização de vibrante simples em lugar de múltipla em Antônio Prado - RS	77
Gráfico 2 - Cruzamento entre Gênero e Local de Residência	84
Gráfico 3 - Cruzamento entre Gênero e Faixa Etária	85
Gráfico 4 - Cruzamento Gênero e Escolaridade	86
Gráfico 5 - Cruzamento entre Local de Residência e Escolaridade	87
Gráfico 6 - Cruzamento entre Faixa Etária e Escolaridade	87
Gráfico 7 - Cruzamento entre Posição e Número de Sílabas na Palavra	88

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Contextos em que ocorre a vibrante simples em italiano	20
Quadro 2 - Contextos em que ocorre a vibrante múltipla em italiano	21
Quadro 3 - Representação de interferências fônicas dos dialetos italianos no português	37
Quadro 4 - Células da matriz social considerada na análise	66
Quadro 5 - Variáveis controladas na pesquisa	70
Quadro 6 - Graus e relacionamento em rede de Antônio Prado	76
Quadro 7 - Quantidade de laços por grupos de Faixa Etária e por graus	114

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FONOLOGIA DOS RÓTICOS	15
3 ANTÔNIO PRADO NO CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA	24
4 TEORIA DA VARIACÃO	40
4.1 BREVE HISTÓRICO	40
4.2 OBJETIVOS E PRESSUPOSTOS DO MODELO	42
4.3 CONCEITOS BÁSICOS: COMUNIDADE DE FALA, REGRA VARIÁVEL, MUDANÇA LINGUÍSTICA	43
4.3.1 Comunidade de Fala	43
4.3.2 Regra Variável	44
4.3.3 Mudança Linguística	47
4.3.3.1 Estratégias de Análise em Tempo Aparente e Tempo Real	48
4.3.3.2 Problemas no estudo da Mudança Linguística	49
4.4 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS DE ANÁLISE	50
4.5 REVISÃO DE ESTUDOS DE VARIACÃO QUE ABORDAM O CONTATO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO COM OS DIALETOS ITALIANOS	52
4.5.1 Substituição do ditongo nasal tônico -ão por vogal posterior média fechada -õ	53
4.5.2 Realização da vibrante simples em lugar de múltipla	54
4.5.3 Realização das sibilantes palatais como alveolares	56
4.5.4 Refreio à vocalização da lateral em coda silábica	57
4.5.5 Moderada palatalização das oclusivas alveolares	58
4.6 IDENTIDADE, DIALETAÇÃO E FALARES REGIONAIS	59
5 METODOLOGIA	65
5.1 ANÁLISE QUANTITATIVA	66
5.1.1 Dados	66
5.1.2 Delimitação das Variáveis	68
5.1.2.1 Variável Dependente	68

5.1.2.2 Variável Independente	68
5.1.2.2.1 Variáveis Extralinguísticas	68
5.1.2.2.2 Variáveis Linguísticas	69
5.1.3 Análise Estatística	70
5.1.3.1 Programa Computacional	70
5.1.3.2 Preparação dos Dados	71
5.2 ANÁLISE QUALITATIVA	72
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	77
6.1 ANÁLISE QUANTITATIVA (ARV)	77
6.1.1 Cruzamentos de variáveis extralinguísticas	84
6.1.2 Cruzamentos de variáveis linguísticas	88
6.2 ANÁLISE QUALITATIVA	89
6.2.1 Relatório das idas a campo: observações, registros e entrevistas	89
6.2.2 Análise das redes sociais dos informantes	112
6.2.3 Antônio Prado e o Padrão linguístico da RCI-RS	115
7 CONCLUSÃO	123
8 REFERÊNCIAS	126
ANEXOS	134
ANEXO 1 : TRECHO DO ARQUIVO DE DADOS	135
ANEXO 2 : MELHOR RODADA	138
ANEXO 3: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	147
ANEXO 4: QUADRO CODIFICAÇÃO DE VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS - REALIZAÇÃO DE VIBRANTE SIMPLES EM LUGAR DE MÚLTIPLA EM ONSET SILÁBICO	149

1 INTRODUÇÃO

A presença de descendentes de imigrantes italianos é bastante forte no Rio Grande do Sul, especialmente na antiga Região de Colonização Italiana (RCI-RS), onde pequenos agricultores da região norte centro-oriental da Itália, mais especificamente das regiões da Lombardia, do Vêneto, do Trentino - Alto Ádige e do Friuli - Venécia Júlia estabeleceram-se em busca de terras cultiváveis no final do século XIX.

Embora já se comemorem 140 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul, as características oriundas da fala dialetal italiana ainda podem ser percebidas no português falado na RCI-RS. Por exemplo, Frosi e Mioranza (1979) afirmam que, no quadro consonantal dos dialetos do grupo vênето, os quais têm grande representatividade na região, não há consoante fricativa chiante surda [ʃ], nem a fricativa chiante sonora [ʒ]. Portanto, produz-se *sa* [ˈsa] em vez de *chá* [ˈʃa], *Cassias* [kaˈsias] em vez de *Caxias* [kaˈʃias], *zanela* [zaˈnela] em vez de *janela* [ʒaˈnela], por exemplo, no português falado pelos descendentes de imigrantes. A ausência do ditongo nasal “ão” na estrutura dos dialetos vênето constituiu-se em mais um ponto contrastivo, dada a presença desse mesmo ditongo no português. A vogal /a/ no núcleo do ditongo, nasalizada, acaba sendo substituída, como pode ser constatado em *pon* [ˈpõ] em vez de *pão* [ˈpõw], *mon* [ˈmõ] em vez de *mão* [ˈmõw].

A vibrante múltipla /r/, em seus alofones alveolar [r] e fricativos [x] e [h], não faz parte do quadro de fonemas consonantais dos dialetos do grupo vênето, os quais ocupam maior parcela no Rio Grande do Sul. Ainda hoje, é comum a realização de *aroz* [aˈroz] em vez de *arroz* [aˈroz], *careta* [kaˈreta] em vez de *carreta* [kaˈreta], por exemplo, no português falado na RCI-RS. Este é o objeto de estudo da presente dissertação: a realização variável de vibrante simples em lugar de múltipla em onset silábico, ou seja, início de sílaba, tanto em início de palavra (*rua*) quanto em posição intervocálica (*arroz*), no português falado em Antônio Prado, pequena cidade localizada na RCI-RS.

Partimos da hipótese de que as variáveis sociais são mais relevantes para a aplicação da regra, conforme mostram estudos anteriores feitos em Flores da Cunha e Caxias do Sul, que também fazem parte da RCI-RS.

Outra de nossas hipóteses é a de que os homens de idade mais elevada, moradores da zona rural e de baixa escolaridade tendem a aparecer como favorecedores da realização da

vibrante simples, conforme indica a literatura: Rossi (2000) realizou a investigação do emprego de vibrante simples em lugar da múltipla no português falado em Chapecó (SC) e Flores da Cunha (RS), em dados de entrevistas sociolinguísticas do VARSUL¹; Spessato (2003) ocupou-se da investigação das produções de vibrante múltipla e simples apenas em Chapecó (SC), também com dados de entrevistas do VARSUL; Bovo (2004) fez um estudo da fala em língua portuguesa de bilíngues português-italiano da zona rural de Caxias do Sul em dados de vinte e quatro entrevistas do BDSer² (Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha); Battisti e Martins (2011) pesquisaram a realização da vibrante simples em lugar de múltipla na cidade de Flores da Cunha, também utilizando dados de entrevistas do BDSer.

Para a investigação da proporção total de aplicação da regra e, especialmente, das variáveis que favorecem a realização de vibrante simples em lugar da múltipla, serão utilizadas entrevistas de 32 informantes do Banco de Dados da Serra Gaúcha (BDSer), de Caxias do Sul (UCS), considerando as seguintes características: 2 gêneros, 2 locais de residência (urbano e rural), 4 grupos etários (15-30; 31-50; 51-70; 71 ou mais anos), 2 níveis de escolaridade (1 a 8 anos, primário a fundamental, e 11 ou mais anos, médio a superior).

A presente pesquisa baseia-se na Teoria da Variação (LABOV, 1972), obtendo resultados quantitativos através da análise de regra variável. Conjuga a análise à etnografia (SPRADLEY, 1979), na concepção de variação como prática social (ECKERT, 2000). A rede social dos informantes (MILROY, 1980) auxilia na elucidação dos resultados quantitativos gerados pelo programa Goldvarb X³ (Sankoff, Tagliamonte, Smith, 2005), além de possibilitar a identificação de um padrão regional, considerando estudos sobre a palatalização das oclusivas alveolares e sobre a vibrante simples em lugar de múltipla, e a reflexão sobre a posição de Antônio Prado nesse padrão.

Considerando a revisão da literatura, três questões norteadoras serão respondidas após as etapas quantitativa (ARV) e qualitativa (etnografia): 1) Existe um padrão na RCI-RS, ou seja, os estudos realizados na região, apontam para a existência de um padrão? 2) Se a resposta for sim, existe um padrão, qual seria? 3) Em que aspectos Antônio Prado se encaixa nesse padrão e em que aspectos destoa?

Este trabalho divide-se em sete capítulos, sendo o primeiro reservado à introdução e o último à conclusão. No segundo capítulo trataremos da fonologia dos róticos, descrevendo-os

¹ Variação Linguística no Sul do Brasil é um acervo de entrevistas sociolinguísticas com informantes do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. O acervo é mantido pela UFRGS, PUCRS, UFSC e UFPR.

² Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha é um acervo de entrevistas sociolinguísticas com informantes que habitam os municípios da antiga região de colonização italiana do Rio Grande do Sul (RCI-RS). O acervo é mantido pelo UCS (Universidade de Caxias do Sul)

³ Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>> Acesso em: 02 dez. 2015

nas línguas naturais e em português brasileiro, italiano padrão e em dialeto vênето sul riograndense. No terceiro capítulo apresentaremos a cidade de Antônio Prado no contexto da imigração italiana no Rio Grande do Sul, no Brasil e na América Latina. Serão destacados o contexto histórico, cultural e linguístico desde o período das grandes correntes migratórias até o momento atual, em que se comemoram 140 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul. O quarto capítulo traz um breve histórico e pressupostos da Teoria da Variação, além de conceitos básicos, metodologia e a revisão de trabalhos sobre as características fonético-fonológicas do contato do português brasileiro com os dialetos italianos no Rio Grande do Sul. O quinto capítulo expõe a metodologia do presente trabalho, destacando as variáveis que serão investigadas, a constituição da amostra, e explica as etapas quantitativa e qualitativa da pesquisa. Os resultados são apresentados no sexto capítulo, através de tabelas e gráficos, e discutidos face ao conteúdo dos registros etnográficos.

2 FONOLOGIA DOS RÓTICOS

Tanto a vibrante múltipla /r/, em seus alofones alveolar [r] e fricativos [x] e [h], como a simples ou tepe /r/, estudados nesta dissertação, incluem-se no grupo dos róticos, sons das línguas humanas geralmente representados pela letra *r*.

O conjunto de sons definidos como róticos envolve algumas dificuldades teóricas. Nesse conjunto reside uma lista de segmentos altamente variável do ponto de vista fonético e fonológico. Por esse motivo, torna-se difícil uma definição da classe, a qual, na maioria dos casos, acaba por basear-se na relação com aspectos da ortografia. (FERREIRA-GONÇALVES E SILVA, 2014)

Weise (2003) considera pessimista a crença de Lindau (1985) e de Ladefoged e Maddieson (1996) de que não é possível uma caracterização em termos de traços fonéticos que estariam circunscritos aos róticos como classe.

Para Lindau (1985), a relação entre os membros do grupo dos róticos se dá em termos de similaridades de famílias, sendo que cada elemento se assemelha com uma parte do grupo, mas não com todos os seus elementos. Não há uma propriedade física que constitua a essência de todos os róticos.

Conforme Weise (2003), existem aspectos em comum que permitem o estabelecimento de generalizações para (r). São eles:

1. The position in the phonotactic patterns of languages: r-sounds are vowel-adjacent elements in the syllable. The pattern is: CrVrC, for any language allowing consonantal clusters at all. – 2. r-sounds, while nonsyllabic consonants in general, often have a syllabic variant, alternatively called a vocalized *r* or a rhotacized vowel. – 3. Within a language, rhotics of one type (synchronically or diachronically). – 4. If rhotics alternate with each other in this way, the phonotactics or these r-sounds does not change. – 5. Phonological constraints on /r/ and other generalizations such as those in 1 to 4 above can refer to /r/ without any reference to the more specific type of /r/ in question. (WEISE, 2003, p. 26)⁴

⁴1.A posição em padrões fonotáticos nas línguas: os sons de r são elementos adjacentes às vogais no interior da sílaba. O padrão é: CrVrC, para qualquer língua possibilitando encontros consonantais. – 2. Os róticos normalmente apresentam uma variante silábica, denominada rótico vocalizado ou vogal roticizada. – 3. No interior de uma língua, geralmente os róticos de um tipo variam com os de outros tipos. – 4. Se os róticos variam entre si, sua fonotaxe não se altera. – 5. Restrições fonológicas e outras generalizações, como as apresentadas de (1) a (4), podem fazer referência a /r/ sem fazer nenhuma referência a um tipo de /r/ mais específico. (WIESE, 2003, p. 26, tradução nossa)

Segundo Lindau (1985), cerca de 75% das línguas do mundo possuem algum tipo de (r), sendo que 18% têm contrastes com dois ou três desses elementos. Predominam as articulações na região dental-alveolar, como ocorre em inglês e nas línguas românicas. As articulações pós-alveolares e retroflexas também são comuns, mas sons uvulares são mais raros. Os sons de (r) podem ser realizados como fricativa, vibrante, tepe e aproximante.

Ladefoged e Maddieson (1996) consideram que as vibrantes realizadas com a ponta ou a lâmina da língua constituem o membro prototípico da classe, a qual é completada por *taps*, fricativas e aproximantes. O ponto de articulação é igualmente variável, apresentando segmentos dentais, alveolares, palato-alveolares, uvulares, dentre outros.

Lindau (1985) considera que os róticos ocupam posições privilegiadas na estrutura silábica, lembrando que não é incomum que sejam as únicas consoantes permitidas como segundo membro de um encontro consonantal em início de sílaba (onset) ou como primeiro membro de um encontro consonantal em posição de coda. Segundo o autor, é possível dizer que, em línguas que possuem encontros consonantais, os róticos tendem a ocorrer perto do núcleo da sílaba. Frequentemente, compartilham a posição privilegiada com laterais aproximantes e ou nasais.

Para Ladefoged e Maddieson (1996), a maior evidência de que as variantes de (r) pertencem a uma única classe, pelo menos do ponto de vista fonológico, é o fato de os róticos de um tipo frequentemente alternarem com os de outro tipo.

Malmberg (1954) já vislumbrava um fenômeno de posteriorização acontecendo no francês, no alemão, no holandês, no dinamarquês e no norueguês. Análoga tendência se registrava no Norte da Itália (Turim), em português e em algumas regiões de língua espanhola da América. Para o autor, trata-se de uma tendência universal, considerada um fenômeno urbano que teve origem nas classes superiores das cidades e que só lentamente penetrou na pronúncia “da gente da província” (caso da França e da Holanda). Para o autor, “trata-se de um enfraquecimento da pronúncia da consoante, uma espécie de degeneração” (MALMBERG, 1954, p.84). No português do Brasil, a posteriorização é apontada por Câmara Jr (1953), Lopez (1979), Callou (1987), entre outros autores, no dialeto carioca como a realização mais comum. Em outras regiões brasileiras, esse fenômeno se verifica de modo mais lento, havendo predomínio da articulação anterior, conforme Marquardt (1977), Monaretto (1992), no português do Rio Grande do Sul, e de acordo com Cagliari (1981), no português de São Paulo.

A vibrante caracteriza-se como o fonema de maior número de realizações fonéticas nas línguas em geral, com predomínio de uma ou outra, conforme a língua, o dialeto e o contexto linguístico.

Bisol (1999) explica, de acordo com o modelo de traços proposto por Chomsky e Halle (1968), que em cada item lexical os segmentos consistem em colunas de traços ou sequências de colunas de traços, não havendo qualquer ordenação entre os traços que compõem as matrizes. Esses traços têm função classificatória, distintiva. Por esse motivo são binários, isto é, cada traço é definido por dois pontos na escala física, representando um a presença, o outro, a ausência da propriedade.

A vibrante faz parte da classe das soantes, ou seja, o som é produzido com uma configuração do trato vocal na qual é possível a sonorização espontânea. Ao contrário das não soantes, ou obstruintes, que são produzidas com uma configuração da cavidade que torna a sonorização espontânea impossível.

Existem valores de sonoridade diferenciados para a posição dos segmentos na sílaba. Bisol (1999) afirma que, no caso da distribuição da vibrante, Bonet e Mascaró (1996) propõem uma explicação por meio da seguinte escala de sonoridade:

Figura 1 - Escala de sonoridade Bonet e Mascaró (1996), em Bisol (1999, p.212)

0	1	2	3	4	5
Oclusivas – r-forte , fricativas - nasais - laterais - r-fraco , glides - vogais					

Os autores colocam o r-forte na mesma posição das fricativas e o r-fraco se anexa aos glides. Segundo Bisol (1999), valem-se do Ciclo de Sonoridade de Clements (1990), o qual indica que:

a sílaba preferida tem um crescimento máximo de soância do início para o núcleo e decresce minimamente do núcleo para a coda. Assim, o *r*, em início de sílaba (*rato*, *honra*), será forte, pois esse segmento está em posição de ataque, onde deve haver um crescimento abrupto da soância. A presença do tepe na posição de segunda consoante em ataques complexos (*prato*) justificar-se-ia por esse princípio, uma vez que um r-forte nessa posição violaria a distância mínima de sonoridade que devem ter os elementos próximos ao núcleo, já que a sonoridade de um tepe é maior do que a da vibrante e menor do que a do núcleo. Na coda (*mar*, *porta*), a queda de sonoridade tem que ser gradual, priorizando-se o r-fraco como o segmento mais adequado para ocupar tal posição. (BISOL, 1999, p.212)

No que diz respeito à posição intervocálica, a de contraste, posição analisada no presente trabalho, Bisol (1999) apresenta as considerações de Bonet e Mascaró (1996) sobre a existência de um problema: o tepe encontra-se em posição de ataque com predição de que um

r-forte ocorra neste contexto. Segundo os autores, o r-fraco neste ambiente constitui uma exceção, pois desobedece ao Ciclo de Soância. Para resolver a questão, marcam o r-fraco por um traço abstrato.

Para Bisol (1999), em termos articulatórios, um segmento vibrante ocorre por pequenas oclusões produzidas pela língua ou pela tremulação da úvula através da ação da corrente de ar. Os movimentos vibráteis são feitos pela ponta ou pelo dorso da língua, que bate repetidamente contra a arcada dentária superior, contra os alvéolos ou ainda contra o véu palatino. Para Malmberg (1954, p.85),

pode acontecer que desapareça a vibração propriamente dita, e que a ponta da língua, em vez de produzir uma série de oclusões e de aberturas, nunca feche completamente a passagem do ar que continua a passar por uma pequena abertura produzindo um ruído de fricção.
Já não se trata, portanto, de uma vibrante, mas uma constrictiva ou fricativa.

Essas modalidades de articulação caracterizam os sons do r-forte ou vibrante múltipla, que pode, pois, realizar-se tanto como uma vibrante propriamente dita, quanto uma fricativa ou aspirada. É enquadrada na categoria das líquidas.

Há sons de (r) que podem ocorrer com uma só batida da língua junto aos alvéolos chamados de tepe ou de vibrante simples, branda ou fraca, encontrados em grupo consonantal (*cravo*) e entre vogais (*maré*) (BISOL, 1999).

Battisti e Martins (2011) resumem essa definição, utilizando as seguintes palavras:

Vibrante simples é a consoante que, no nível fonético, é produzida com uma leve batida da ponta da língua nos alvéolos, como na articulação do segmento medial de *ira*. Vibrante múltipla também é produzida pela ponta da língua na região dos alvéolos, com mais de uma batida do articulador ativo (ponta da língua) no passivo (região alveolar) (*erro*). (BATTISTI e MARTINS, 2011, p.146)

Em português, tradicionalmente, considera-se que há duas espécies de (r) que se opõem fonologicamente apenas em posição intervocálica (*careta: carreta, tora: torra*). Nos outros ambientes, a oposição fica neutralizada: em posição inicial (*rua*) só ocorre o r-forte (múltiplo), como segundo elemento de grupo consonântico (*prato*) ocorre de preferência o r-fraco (simples) e em posição pós-vocálica (*porta*) pode ocorrer um ou outro. (CALLOU e LEITE, 2003)

Em posição de onset, há tanto a produção de fricativas velares quanto a de vibrantes e tepes em posição de onset absoluto. Vibrantes e tepes nessa posição, entretanto, estão relacionadas a fatores sociolinguísticos. Por exemplo, são realizadas por falantes bilíngues descendentes de alemães e italianos em estados como o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, em cujas capitais, no entanto, predomina a produção da fricativa velar.

Em posição de coda, destaca-se o apagamento da vibrante em sílaba final na região sul do Brasil, especialmente nos verbos, como em [fa.'la] *falar*. Em sílaba medial, embora haja maior variação, o tepe é o segmento mais produzido, como em ['kar.ta] *carta*. (BRESCANCINI e MONARETTO, 2008)

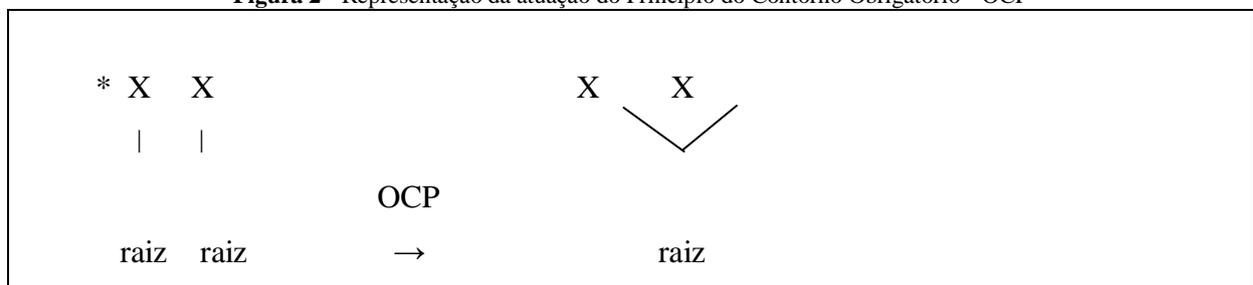
Monaretto (1994) afirma que o *status* fonológico da vibrante em português é controverso. A literatura registra duas interpretações pertinentes:

a) O português possui duas vibrantes: a forte e a fraca. (CÂMARA JR., 1977)

b) O português possui apenas um fonema vibrante, que para Câmara Jr (1953) é a vibrante forte e, para Lopez (1985), é a vibrante fraca.

Monaretto (op.cit) – assim como Lopez (op.cit)- argumenta em favor da existência apenas de tepe na forma subjacente e que sua realização na posição de contraste (entre vogais) seria entendida como uma vibrante simples *versus* duas ou geminadas. Para sustentar a argumentação, a autora baseia-se na Teoria Autossegmental (GOLDSMITH, 1990) em que o segmento é representado por uma estrutura ramificada de traços fonológicos. O argumento sustenta-se no *Princípio do Contorno Obrigatório – OCP* que proíbe sequências de segmentos idênticos no nível melódico. É possível uma só unidade de raiz corresponder a duas unidades temporais, como no caso das consoantes geminadas.

Figura 2 - Representação da atuação do Princípio do Contorno Obrigatório - OCP



Fonte: Monaretto (1994, p. 153)

Monaretto (op.cit) utiliza como segundo argumento, para sustentar a existência de apenas tepe na forma subjacente, o fato de os falantes bilíngues das zonas de colonização

européia (italiana e alemã) no Brasil interpretarem as duas vibrantes como variantes da mesma unidade fonológica, produzindo-a como tepe.

Segundo Monaretto (op.cit), Lopez (1985) apresenta as seguintes evidências como argumento para a existência de apenas r-fraco na estrutura subjacente: ao ser acrescentado um morfema flexional ou derivativo em palavras terminadas por (r), este se realiza apenas como r-fraco (*mar-mares;marítimo-maresia*); o r-forte nunca ocorre em grupo consonantal, deixando este contexto exclusivo para o r-fraco; o (r) em ambiente intervocálico encontra-se em um mesmo ambiente do que o (r) em final de palavra, que é sempre tepe com acréscimo de uma forma iniciada por vogal (*mar azul*); em processos de assimilação do prefixo in- com palavras iniciadas por (r) (*in+racional*), o (r) inicial é um (r) fraco que assimila a nasal precedente, criando-se uma geminada (*ir+r*).

A concepção de que há dois fonemas distintos segue os princípios da fonologia estruturalista. Câmara Jr (2000 [1970]) aborda o elenco de fonemas consonantais do português, examinando a posição de início de sílaba. Segundo o autor, o (r) brando e o (r) forte fazem parte desse elenco. Na linha de Câmara Jr, Battisti e Martins (2011) explicam:

A vibrante simples e a múltipla são fonemas no português, uma vez que há valor contrastivo entre esses segmentos, como se vê no par mínimo *muro-murro*. Dessas duas consoantes, apenas a vibrante múltipla realiza-se em diferentes fones: vibrante alveolar [r], fricativa velar [X] e fricativa glotal [h]. Assim, *murro*, por exemplo, pode ser produzido como *mu[r]o*, *mu[X]o* ou *mu[h]o*, sem que a diferente pronúncia implique mudança de significado. (BATTISTI e MARTINS, 2011, p.147)

No italiano, o *status* da vibrante é semelhante ao do português. Em posição intervocálica existe contraste entre vibrante simples e múltipla, havendo apenas nessa posição a possibilidade de a vibrante múltipla ocorrer. Em outras posições temos apenas a vibrante simples. Os Quadros 1 e 2 trazem os contextos de ocorrência de vibrante simples e múltipla no italiano, respectivamente, com exemplos.

Quadro 1 - Contextos em que ocorre a vibrante simples em italiano

#__	V_V	C_V	_C	_#	_#V	_#C
<i>remoto</i> /re'mɔtu/	<i>caro</i> /'karu/ <i>Mauro</i> /'mawru/	<i>prego</i> /'prego/	<i>parte</i> /'parte/	<i>bar</i> /'bar/	<i>per ora</i> /pe'ɔra/	<i>per caso</i> /per'kazu/

Baseado em Fulgêncio e Bastianetto (1998,p.169)

Quadro 2 - Contextos em que ocorre a vibrante múltipla em italiano

#__	V_V	C_V	_C	_#	_#V	_#C
	<i>carro</i> /ˈkarɔ/					

Baseado em Fulgêncio e Bastianetto(1998,p.169)

Uma consoante como a vibrante múltipla diferencia-se pela sua maior duração em relação à consoante breve que é a vibrante simples, e tem, geralmente, uma tensão maior e uma duração de aproximadamente 100% a mais em relação à duração da consoante breve.

Na língua italiana, essa oposição entre consoantes breves e longas é muito importante, pois define pares de vocábulos diferentes. Pares mínimos como *caro* ‘caro’ e *carro* ‘carroça’, *ala* ‘asa’ e *alla* ‘um’, *vano* ‘espaço’ e *vanno* ‘ir’, *eco* e *ecco* ‘aqui’, se distinguem exclusivamente pelo traço da duração consonantal. Cada palavra do par tem um significado devido à presença de uma consoante breve ou longa. (FULGÊNCIO e BASTIANETTO, 1998)

Assim como em português, existem divergências entre os estudiosos no que diz respeito ao fonema vibrante na forma subjacente do italiano: seria apenas um fonema ou seriam dois? Para Fulgêncio e Bastianetto (1998), alguns autores, como Canepari (1992), consideram que há apenas um fonema que seria reduplicado no caso da realização de vibrante múltipla. Outros linguistas consideram que há dois fonemas distintos, uma vez que existem pares de vocábulos com significados diferentes que se opõem unicamente pelo tipo de vibrante (*caro* e *carro*).

Segundo os autores, Batinti (1993) identificou que as vibrantes constituem 9,69% do conjunto consonantal do léxico básico (6.889 palavras) da língua italiana, incluindo vibrante simples e múltipla, através de uma amostra de 53.422 fonemas nesse conjunto.

Para Fulgêncio e Bastianetto (1998), conforme Canepari (1992), na pronúncia padrão, a vibrante é apical e alveolar, ou seja, se realiza através de uma ou mais batidas da ponta da língua (ápice) contra os alvéolos. Pode ocorrer também a vibrante uvular (mais comum no norte e no centro da Itália).

Dardano e Trifone (2011) apresentam o fonema /r/ como *contínua vibrante alveolar*, lembrando que, em posição intervocálica, pode ser realizada como *simples* (tênu, breve) ou *intensa* (longa, dupla).

Krämer (2009) apresenta um quadro com as realizações consonantais possíveis na forma de superfície, apontando para os róticos as formas /r/ e /r/, ou seja, tepe e vibrante

alveolar, explicando o porquê da presença dessas duas formas no quadro: “The rhotic is usually realized as a tap when short and as a trill when long (though Bertinetto and Loporcaro (2005) register a double contact of the tongue tip at the roof of the mouth in post-pausal and pre-consonantal position).”⁵ (KRÄMER, 2009, p. 47)

Essas são características consideradas comuns ao que se considera o italiano padrão. No entanto, a Itália é um país rico em dialetos que guardam entre si certas semelhanças e certas diferenças.

Antes de descrevermos os róticos presentes no dialeto Vêneto, que foi trazido para o Rio Grande do Sul pelos imigrantes italianos e tem grande influência no falar da RCI-RS, é necessário destacar que os dialetos italianos são divididos em dois grandes grupos: dialetos italianos setentrionais (SE) e dialetos italianos centro-meridionais, sendo que o Vêneto faz parte do primeiro grupo.

Os dialetos que estão (ou estiveram) presentes na RCI-RS têm sido descritos por alguns autores, incluindo Vitalina Frosi e Ciro Mioranza. Os autores abordam o quadro das consoantes, descrevendo alguns aspectos fonético-fonológicos.

Frosi e Mioranza (1983) mencionam como realizações do ítalo-brasileiro *careta* em vez de *carreta*, *caro* em vez de *carro*, *carinho* em vez de *carrinho*. Os autores afirmam ainda que, embora a vibrante múltipla não faça parte do quadro de consoantes dos dialetos do tipo vênето, essa mesma vibrante é usada pelos falantes nativos como recurso de expressividade, quando há envolvimento emotivo. Ex: *Que querredinha que ela é*” (frequentemente dirigida às crianças).

Entre as diferenças existentes nos dialetos vênéticos no que diz respeito à vibrante, os autores apontam o fato de o feltrino-belunês apresentar maior número de consoantes em final absoluto, incluindo a realização de \bar{r} (vibrante apicodental múltipla sonora), e também o fato de que os dialetos feltrino-belunês, rovigoto, trevisano e vicentino possuem registro de r , vibrante apicodental sonora, mais tensa que a vibrante simples apicodental sonora, opondo-se ao paduano e ao veronês, nos quais não se registra nenhuma ocorrência deste som consonantal. Destacam também que “todos os dialetos vênéticos se identificam, no tocante à presença de sons consonantais em final absoluto, somente com relação à vibrante simples e à líquida lateral” (FROSI E MIORANZA, 1983, p. 141-142). No dialeto paduano não ocorrem \bar{r}

⁵ O rótico é geralmente realizado como vibrante simples quando curto e como vibrante múltipla quando longo (embora Bertinetto e Loporcaro (2005) registrem um duplo contato da ponta da língua com o céu da boca em contexto pós-pausa e em posição pré-consonantal).

e ʀ ; o mesmo se verifica no dialeto trevisano, em que não ocorre \bar{r} e no dialeto veronês em que há ausência de (*r*) em posição inicial absoluta.

Resumindo, tanto o português brasileiro quanto o italiano apresentam contraste entre vibrante simples e múltipla em posição intervocálica. Essa é a única posição em que pode ocorrer a vibrante múltipla em italiano. No vêneto brasileiro, especificamente, não ocorre a vibrante múltipla em posição alguma, o que resulta em nosso problema de pesquisa: a realização de vibrante simples onde, no português brasileiro, se esperaria a múltipla (*aroz* ~ *arroz*) em uma comunidade de fala predominante constituída por descendentes de imigrantes italianos que herdaram as características fonético-fonológicas principalmente dos dialetos do tipo vêneto.

No próximo capítulo, situaremos a comunidade de fala em questão no contexto da imigração italiana, incluindo os períodos de intercruzamento linguístico pelos quais a antiga RCI-RS passou.

3 ANTÔNIO PRADO NO CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA

Antônio Prado é a comunidade de fala onde a pesquisa foi realizada. O município situa-se a nordeste do Rio Grande do Sul:

Figura 3 – Localização dos municípios de Antônio Prado, Caxias do Sul e Porto Alegre.



Fonte: Battisti et al (2007)

Neste capítulo, o objetivo é abordar a formação sócio-histórica e linguística do município, de sua fundação até hoje, situando-o no contexto da imigração italiana na América, especialmente no Brasil e no Rio Grande do Sul.

Durante os anos das migrações maciças (1880-1930) da Europa às Américas, a Argentina foi um dos destinos importantes da emigração italiana. Até 1889, a Argentina atraiu maior número de imigrantes que os Estados Unidos. A partir da década seguinte, os Estados Unidos passaram a ser o destino dominante no continente americano, até o primeiro pós-guerra, quando o ingresso de imigrantes passou a ser limitado mediante a imposição de cotas. Como consequência, houve uma redução drástica das transferências para os Estados Unidos e a Argentina recobrou sua importância. (BERNASCONI, 2000)

O Brasil era uma das opções para os migrantes. Também recebia grandes quantidades de italianos, situação que, conforme Hutter (1987), estendeu-se até o Decreto de Prinetti (1902), lei italiana que proibia a partida de emigrantes italianos com passagens gratuitas. Isso afetou o Brasil, a Argentina e os Estados Unidos, nações que tinham permissão para manter

uma imigração subsidiada em grande escala. O autor afirma que não se pode creditar a diminuição da corrente imigratória italiana para o Brasil apenas em função do referido decreto, visto que a crise cafeeira à época já vinha provocando alteração no número de imigrantes italianos que mudavam de rumo.

O fenômeno da imigração italiana no Brasil foi de grande importância para o país considerando que, estando em andamento o processo de abolição da escravidão, as lavouras de café localizadas em São Paulo previam a escassez de mão de obra agrícola. Além disso, a imigração foi a base da colonização e da formação da população no Sul do Brasil. Em menor escala, foi parte atuante na agricultura de Minas Gerais e do Espírito Santo. Além da contribuição na agricultura, teve um papel relevante na indústria e no comércio, no Sul do Brasil. Em São Paulo, ao contrário do que acontecia nas colônias do Sul nas quais havia vilarejos que pareciam réplicas dos vilarejos italianos, encontrava-se um pedaço da Itália transportado para a maior metrópole do Brasil. (CROCI apud MELLO, ALTENHOFFEN e RASO, 2011)

Em 1870, quando os imigrantes começavam a chegar ao Brasil, a Itália encontrava-se entre os países pobres e de alto índice de população. O excesso de população e a falta de terras cultiváveis provocavam uma distorção na oferta e na procura de mão-de-obra. Na Itália, a oferta era maior do que a procura, enquanto no Brasil, na Argentina e nos Estados Unidos, a procura de mão-de-obra superava a oferta. Assim, ocorreu a grande emigração da Itália em direção aos referidos países. (HUTTER, 1987)

Através da vinda do imigrante europeu, o Brasil visava a resolver dois grandes problemas, segundo Hutter (1987):

- A necessidade de prover mão-de-obra no sudeste brasileiro para substituir a escrava na lavoura cafeeira, que cada vez mais se expandia, passando o café a ser o principal produto brasileiro de exportação;
- A urgência de uma colonização eficaz para o povoamento de diversas áreas e a recuperação da agricultura em regiões que se encontravam improdutivas, caso do sul do Brasil.

O segundo problema fazia com que a região mais ao Sul do Brasil incentivasse a colonização por meio da pequena propriedade, tendo em vista a extensão das terras e a impossibilidade de povoá-las com a população natural ali existente.

A possibilidade de tornar-se proprietário de terras cultiváveis trouxe os pequenos agricultores do norte centro-oriental da Itália, mais especificamente das regiões da Lombardia,

do Vêneto, do Trentino - Alto Ádige e do Friuli - Venécia Júlia para as terras devolutas ao nordeste do Rio Grande do Sul (área determinada pelo Governo para a fundação de uma colônia que receberia os imigrantes italianos com destino a esse Estado).

Não se pode afirmar a quantidade exata de imigrantes italianos que se estabeleceram no Rio Grande do Sul entre 1875 e 1914 devido à escassez e à imprecisão das fontes oficiais (MANFROI, 1987), mas é possível, através da pesquisa bibliográfica, dizer que a expansão da colonização italiana no Rio Grande do Sul foi rápida e surpreendente. Em poucos anos, os territórios designados para a colonização foram inteiramente ocupados, obrigando os novos imigrantes e os descendentes dos primeiros a procurarem novas terras longe das zonas previstas pelas autoridades competentes.

Segundo Frosi e Mioranza (1983), as colônias oficiais, fundadas nas três últimas décadas do século XIX, davam à RCI-RS a seguinte configuração:

a) 1875 - Colônias Caxias, Conde D'Eu e Dona Isabel, compreendendo a área dos atuais municípios de Caxias do Sul (parte), Farroupilha, Flores da Cunha, Carlos Barbosa, Garibaldi e Bento Gonçalves, além do município de São Marcos, núcleo fundado em 1883 e habitado por poloneses, no início e, posteriormente, por italianos;

b) 1884-5 - Colônias Alfredo Chaves e Antônio Prado, compreendendo a área dos atuais municípios de Veranópolis, Nova Prata (parte), Nova Bassano e Antônio Prado;

c) 1892 - Colônia Guaporé, compreendendo a área correspondente aos atuais municípios de Casca, Guaporé, Muçum, Serafina Corrêa e parte de Marau (distrito de Vila Maria)

Manfroi (1987, p. 179) cita a taxa de natalidade alta das famílias italianas no estado como uma das principais causas da expansão da colonização italiana: “Uma família de 12 filhos era muito comum e famílias de 18, 19, 20 filhos não eram raras nas colônias italianas do Rio Grande do Sul”. As pequenas propriedades não ofereciam condições aos numerosos filhos do proprietário que, ao contraírem matrimônio, precisavam migrar, ocupar novas terras nas colônias circunvizinhas e, mais tarde, em longínquos municípios, formando novas colônias.

Devido ao fato de que as terras cultiváveis nos lotes coloniais não comportavam o rápido crescimento demográfico das colônias, já na década de 1880 iniciou-se o deslocamento de italianos ou ítalo-brasileiros em direção a Encantado. O mesmo ocorre na década de 1890 com a ocupação da Colônia de Guaporé. A partir da primeira década de 1900 constata-se a ocupação das terras limítrofes da área de colonização italiana, sempre em direção ao norte.

Dessa forma, o ítalo-brasileiro fixa-se nas áreas dos então municípios de São Francisco de Paula, Vacaria, Lagoa Vermelha, Passo Fundo e Soledade (FROSI e MIORANZA, 1983).

Para Velho (2008), a instalação da colônia de Antônio Prado teve os seguintes objetivos:

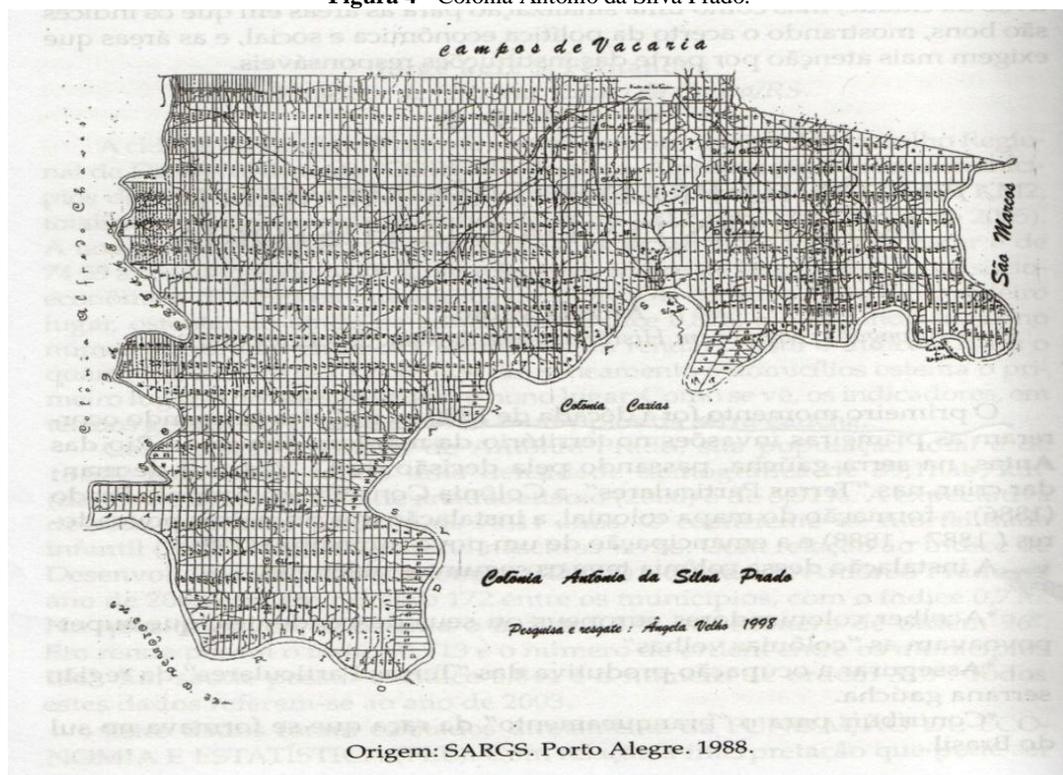
- Acolher colonizadores europeus ou seus descendentes, que superpovoavam as “colônias velhas”.
- Assegurar a ocupação produtiva das “Terras Particulares” da região serrana gaúcha.
- Contribuir para o “branqueamento” da raça que se formava no sul do Brasil.

Por volta de 1880, período em que os tropeiros de mulas vinham de Sorocaba (SP) para o Rio Grande do Sul, veio o tropeiro paulista Simão David de Oliveira comprar mulas e percebeu a chegada de muitos imigrantes italianos. Fixou-se no passo usado pelas tropas no rio das Antas entre Nova Trento e Antônio Prado e montou uma balsa para que os colonos que chegavam pudessem passar, firmando assim o Passo do Simão, facilitando o acesso a El Paese Novo (que no futuro viria a receber o nome de Antônio Prado).

Em 1885, sendo Imperador D. Pedro II, Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, ficou estabelecido que, durante o exercício de 1886/1887 fosse criado um núcleo de colonização na margem direita do rio das Antas, delimitada da seguinte forma: “ao norte, os campos de Vacaria; ao sul, o Rio das Antas; a leste o Rio Leão e a oeste, o Rio da Prata” (ASSIS, 2008). Este núcleo não tinha nome. O engenheiro-chefe Manuel Barata Góis sugeriu que fosse dado o nome à nova colônia do conselheiro Antônio da Silva Prado⁶, por ter no Parlamento pugnado a favor da imigração.

⁶O Conselheiro Antônio da Silva Prado, filho de Martinho da Silva Prado e Veridiana da Silva Prado, nasceu em São Paulo em 25 de maio de 1840 e faleceu no Rio de Janeiro em 23 de abril de 1929. Exerceu diversas atividades como Delegado de Polícia, jornalista, agricultor, entre outras. Foi Superintendente do Serviço de imigração da Europa. Possuía a Legião de Honra da França, foi Presidente Honorário do Automóvel Clube da França e carreou vários outros títulos no Império, promovendo a vinda de imigrantes para o Brasil e a instalação de núcleos coloniais, principalmente no Rio Grande do Sul. (ASSIS, 2008)

Figura 4 - Colônia Antônio da Silva Prado.



Fonte: Baccarin, Guzzo e Barroso, 2008, p.140

Antônio Prado possui em média, segundo o Censo de 2010, 12.833 habitantes em 347,617 km², ou seja, 36,92 hab/km². 11.489 residentes seguem a religião católica, conforme a doutrina de seus antepassados. Através das entrevistas sociolinguísticas de Antônio Prado, sabemos que muitas famílias frequentam a igreja católica, seja na cidade ou nas capelas, mesmo quando possuem algum tipo de restrição à postura dos padres ou da instituição.

Além do fator religioso, a localidade cultiva muitos costumes semelhantes aos costumes dos seus antepassados italianos, como o sistema de cultivo, a estrutura familiar, os cuidados com a saúde, a vida social e a educação dos filhos, embora a maioria dos informantes perceba que as mudanças são inevitáveis e que, principalmente os mais jovens, têm tido aspirações que não favorecem a manutenção dos usos, costumes e tradições da região. O acesso às universidades e às oportunidades de trabalho fora da cidade aumentaram bastante nas últimas décadas, levando muitos moradores a migrarem para outras localidades.

Os que ficam, no entanto, mantêm certas práticas sociais tradicionais como frequentar a igreja, os clubes de mães, as bodegas e os jogos de cartas. Os dois últimos recebem em sua maior parte, moradores do sexo masculino e de idade mais elevada, enquanto o clube de mães acolhe as mulheres.

O município realiza, periodicamente, festas voltadas ao turismo, ressaltando as características da região. Muitos moradores participam da organização dessas festas, auxiliando desde o planejamento até execução do evento, seja servindo mesas ou fazendo pratos típicos. Entre as festas de maior visibilidade estão a “Noite Italiana” e a “FenaMassa”. Além dos eventos, Antônio Prado visa a atrair os turistas através de opções como as casas tombadas, a Casa do Artesão, a Casa da Neni e o Museu Municipal, Centro Histórico e Artístico Nacional, as Escadarias da Fé, a Gruta Natural e a Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus, algumas vinícolas, entre outros.

Figura 5 - Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus.



Foto: Lilian Isabel Marie Ravnikar⁷

⁷ Bolsista BIPOP – PROPESQ, UFRGS (2015)

Figura 6 - Gruta Natural



Foto: Lilian Isabel Marie Ravnikar

Antônio Prado convive com a arquitetura colonial, através principalmente das casas tombadas, e com a arquitetura moderna, fato que demonstra, de certa forma, as aspirações dos moradores por progresso, mas ao mesmo tempo, por manter as tradições e o estilo colonial italiano que tanto atrai os turistas.

Figura7 - Centro de Antônio Prado



Foto: Acervo pessoal.

Conforme Pozenato (2000), o que existe no Rio Grande do Sul não é uma cultura italiana, mas uma cultura de raízes italianas que se caracteriza como uma cultura brasileira diferente da oriunda de outras etnias. Costa e De Boni (1996) já mencionavam a existência de ítalo-brasileiros no Rio Grande do Sul, devido ao fato de que os imigrantes e, por consequência, seus descendentes não serem “a Itália banhada por mares em três direções, mas uma nova Itália, banhada por diferentes etnias por todos os lados”.

Quando se emigra de um país para outro é necessário selecionar o que poderá ser mantido e o que deverá ser abandonado da cultura de origem. No caso dos imigrantes italianos, foi preciso rever as práticas de cultivo de terras, já que as condições encontradas no Brasil eram diferentes das condições do país de origem. No entanto, os conhecimentos trazidos não foram todos descartados, foram adaptados ao novo ambiente, servindo para a invenção de outras práticas de trabalho.

Mesmo sendo necessárias tantas adaptações e mudanças nas práticas de cultivo, foi possível conservar alguns costumes, através das atividades menos condicionadas pelo ambiente físico (como a fabricação do salame, do queijo, da polenta e do pão) que acabaram por conferir aos imigrantes e seus descendentes uma identidade cultural diversa da dos demais brasileiros. (POZENATO, 2000)

Pozenato (2000) destaca, ainda, entre as adaptações e mudanças que ocorreram no caso da imigração italiana, a revisão das relações de vizinhança. Em geral, a experiência vivida no país de origem era a de uma vizinhança próxima, em pequenas aldeias – os *paesi*. De suas casas na aldeia, o agricultor se dirigia para as terras de cultivo. O regime de colônias, com propriedades familiares da ordem de 25 hectares em média, oferecidas ao imigrante italiano no Rio Grande do Sul, obrigava-o a residir na propriedade. Com isso, os vizinhos mais próximos já não estavam ao lado, mas a centenas de metros de distância.

Manfroi (1987) afirma que, entre os imigrantes de uma mesma linha, havia o contato facilitado entre as famílias, já que os imigrantes construía suas casas à beira da linha nos dois lados da estrada. Assim, ao longo da linha, as casas se sucediam, alinhadas paralelamente umas às outras, o que evitava o perigo do isolamento. Já os contatos entre uma linha e outra eram um pouco mais difíceis, devido à distância de dois quilômetros entre uma linha e outra. Para o autor, a linha determinou a estrutura social e a unidade orgânica do povoamento. Foi na linha que os imigrantes organizaram sua vida religiosa e social, segundo o modelo de seus vilarejos natais. A mata virgem e a falta de estradas dificultavam o contato com outras linhas e com outras sociedades.

Frosi (1996, 2000), tomando como pressuposto a ideia de que os fenômenos linguísticos ocorrem em estreita relação com o contexto socioeconômico e cultural, divide o processo de intercruzamento linguístico na RCI-RS em quatro períodos.

No primeiro período, entre 1875 a 1910, quando as primeiras levas de imigrantes estavam chegando ao Brasil e estabelecendo-se na RCI-RS, o processo de intercruzamento linguístico - dialetológico acontecia de forma relativamente lenta devido ao fato de que não existiam vias e meios de comunicação. A economia era baseada na policultura de subsistência, ou seja, as famílias plantavam variedades para seu próprio consumo. Isso mantinha imigrantes isolados de convívio entre eles e também em relação ao estado e ao país. A comunicação se dava entre os dialetos italianos e entre os indivíduos do mesmo núcleo populacional, formado na linha ou travessão.

O universo linguístico desse período pode, de modo sintético, assim ser caracterizado: (a) vários dialetos italianos distintos existiam em situação de convivência intracomunidade, isto é, vários dialetos italianos eram falados no âmbito de uma mesma comunidade de fala; (b) vários dialetos italianos particularizados existiam em situação de convivência intercomunidades, vale dizer, os dialetos italianos eram mantidos distintos um em relação ao outro nas relações, ainda que precárias, entre uma comunidade e outra. Ainda, os dialetos existiam também em situação de convivência em relação à língua portuguesa. A convivência dos dialetos italianos com a língua portuguesa é, nessa fase, restrita e seletiva. (FROSI, 2000, p. 87)

O isolamento rodoviário, as reuniões religiosas, os casamentos, o modelo de assentamento em colônias de uma mesma família (que conseqüentemente gerava outras famílias que também viviam ali ou em novas colônias), a organização social (em torno do trabalho, do lazer, da religião e da escola) são fatores essenciais para a constituição de territorialidades, ou seja, *espaço de uso real ou potencial de uma variedade ou variante linguística*. (ALTENHOFEN, 2014)

O segundo período do processo de intercruzamento linguístico ocorreu entre 1910 e 1950, sendo marcado pela passagem da policultura para a monocultura da videira, à industrialização e a comercialização do vinho. Conforme Giron (2000), “quando ocorreu o fluxo migratório italiano para a região, as melhores terras já tinham sido ocupadas por colonos alemães, uma vez que esses chegaram a partir de 1824. Então, a saída encontrada pelos imigrantes italianos foi especializar-se em um tipo de artigo, o vinho”. Houve a abertura de estradas, interligando uma comunidade à outra das diferentes Linhas ou Travessões, momento em que o fenômeno das interinfluências dialetais assumiu também uma dimensão

intercomunitária. Resultante de cruzamentos dialetais, formou-se uma fala supradialetal de características predominantemente vênetas, uma coíné de uso generalizado entre os falantes italianos.

Durante este período, Antônio Prado já havia progredido bastante através da abertura de estradas, travessias fluviais e alargamento de ruas, propiciando que a maioria dos habitantes de Vacaria pudesse chegar à comunidade para se prover de gêneros coloniais, especiarias, tecidos, artigos domésticos e ferramentas agrícolas.

Entre 1923 e 1927, Antônio Prado, governado pelo Intendente Gaetano Reginato, participou de uma exposição realizada em Porto Alegre, em comemoração ao Cinquentenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, reunindo os produtores italianos e seus descendentes de todos os municípios gaúchos, premiando-os. A participação de Antônio Prado foi incentivada pelo intendente Reginato e resultou em premiação para diversos empresários da cidade, embora Antônio Prado tenha sido a cidade mais jovem a participar da exposição ao lado de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Alfredo Chaves e Garibaldi.

Na década de 1930, desencadeia-se a campanha de nacionalização do ensino e de “brasilianização” durante o Estado Novo (1937-1945)⁸. Destaca-se a ênfase dada ao ensino da língua portuguesa em detrimento da fala dialetal italiana, como também a proibição de falar dialetos italianos nas comunidades de fala da RCI-RS.

Esse período é lembrado por muitos informantes que fazem parte da amostra da presente pesquisa como o período em que *era proibido falar o dialeto*. E muitos deles afirmam que, atualmente, mesmo sem o caráter de obrigatoriedade, as variedades linguísticas italianas faladas na cidade e região vêm sendo esquecidas e/ou abandonadas por muitos. Muitos pais não fazem questão de ensinar a fala dialetal italiana aos filhos, há o costume de realizar essa prática apenas com os parentes mais velhos. A escola não contempla as variedades linguísticas de base italiana no currículo e uma grande quantidade de jovens sai da cidade para estudar e trabalhar e acaba não retornando. Estes são fatores apontados pelos informantes como favorecedores da aculturação e da assimilação do português e abandono dos dialetos italianos.

No entanto, os fenômenos da aculturação e da assimilação tiveram início logo que os imigrantes chegaram ao Rio Grande do Sul e se estendem até hoje. Houve momentos em que

⁸Estado Novo – também conhecido por Era Vargas, foi um momento na história do Brasil iniciado com o golpe político de Getúlio Vargas, em 10 de novembro de 1937. O Estado Novo foi, ao lado da política do Marquês de Pombal, um dos períodos de maior repressão linguística vividos no Brasil, com posturas que se observam ainda hoje de hostilidade e ideologização de línguas diferentes do português. Veja-se, para tanto, Altenhofen (2004b).

esses processos ocorreram naturalmente, mas também houve um período em que foram impostos. Tonet (1996), a partir da observação e análise da documentação do Arquivo Municipal de Caxias do Sul, afirma que a aculturação foi um processo natural e espontâneo, em que os imigrantes italianos incorporaram elementos do vestir do homem dos Campos de Cima da Serra, adotando o pala, as botas de foles e russilhonas, o lenço ao pescoço. Além disso, a autora acredita que a formação do “talian”, a partir da fusão dos dialetos trazidos da Itália com o português, e as inúmeras naturalizações ocorridas testemunham que a nova pátria foi adotada por inteiro.

Portanto, não é possível afirmar que esses fenômenos sejam resultado apenas da proibição ocorrida no período do Estado Novo, mas, sim, resultado de um processo natural e espontâneo que resultou da convivência entre italianos e gaúchos.

Na transição entre o segundo e o terceiro períodos de intercruzamento linguístico, conforme Frosi (2000), desenvolveu-se o estigma sociolinguístico em relação aos falares dialetais italianos na RCI-RS. Segundo Frosi e Raso (2011), duas são as vertentes importantes que deram origem e alimentaram a estigmatização sociolinguística nessa região: por um lado, a atuação política do governo brasileiro em favor da língua portuguesa e sua interdição à fala étnica; por outro, o progresso de algumas localidades que foram se transformando em centros urbanos importantes.

A oposição entre urbano e rural tornou-se também diferenciação de nível socioeconômico e linguístico-cultural. Estigmatizados foram os indivíduos falantes de dialetos italianos e da variedade da língua portuguesa marcada pelas interferências dos dialetos italianos. O informante 133 do BDSer afirma, durante a entrevista sociolinguística, ainda existir estigmatização dos falantes de comunidades rurais quando estes se encontram em situação de fala com os habitantes da cidade de Antônio Prado. “Aqui na cidade, para quem é do interior, é... é tipo que nem fosse um racismo. O pessoal tem preconceito.” A entrevistadora questiona: “Tu achas?” E o informante reforça: “Não. Eu não acho. Eu tenho certeza.” E segue explicando que “se tu não tens um bom círculo de amigos aqui na cidade, tu não consegues criar amizade...” A entrevistadora pergunta como o informante sente esse preconceito, como ele percebe e ele responde: “As pessoas te evitam (...). As pessoas te olham diferente. Dá pra perceber que as pessoas te olham diferente.” O informante responde à entrevistadora dizendo que cursou o segundo grau (atual ensino médio) na zona rural, onde mora, e que lá, como são todos de zona rural, não percebe que haja preconceito. Quando questionado sobre centros urbanos maiores, o informante afirma que em Caxias, por exemplo, as pessoas não parecem estigmatizar quem vem de outras cidades ou interior da região, talvez

pelo fato de haver grande circulação de pessoas de diversas localidades e a população já estar acostumada.

No terceiro período, entre 1950 e 1975, o ítalo-brasileiro sofria uma dupla estigmatização sociolinguística: sua fala em dialeto italiano era considerada feia, indicativa de ser colono; sua fala em língua portuguesa denunciava suas origens étnicas: meio italiano, meio brasileiro.

Ao expressar-se em dialeto italiano ou em português com interferências das falas dialetais italianas, o habitante da RCI era visto como gringo, como estrangeiro, como um portador real ou virtual do sentimento de italianidade. Era identificado também como colono, pessoa não instruída, como indivíduo grosseiro, simplório e ignorante. Resumindo esses qualificativos, temos o estereótipo “colono burro”, o mais chocante e difundido, preservado na memória e passado através das gerações. (FROSI e RASO, 2011, p. 331)

O informante 163 do BDSer comenta a respeito da mistura dos dialetos italianos com o português, afirmando que considera “errado”: “Eu falo (italiano) bastantinho assim, só que eu não gosto de falar muito porque depois tu vai falar em brasileiro assim, fala bastante coisas assim... semelhantes assim. Eu acho errado. Sei lá. Aí não...não gosto muito de falar italiano. Mistura. Fica meio confuso assim. Eu entendo tudo, mas falar assim, eu não gosto de falar muito. Gosto mais de falar português”.

Ainda no terceiro período de intercruzamento linguístico, a diversificação industrial (mecânica, têxtil, metalúrgica, eletrônica, alimentícia, entre outras) relegou a um segundo plano a industrialização do vinho e a RCI projetou-se economicamente no estado e no país.

A RCI tornou-se um parque industrial diversificado, a aculturação do ítalo-brasileiro foi se processando paulatinamente. A eletrificação rural, o desenvolvimento tecnológico, em síntese, tudo aquilo que o progresso comumente oferece ao habitante da terra, ao mesmo tempo que foi propiciado ao ítalo-brasileiro melhores condições de vida, foi anulando a sua cultura original, em favor de uma vida moderna que passou a ser traçada e nivelada pelos modelos da sociedade brasileira maior. (FROSI e RASO, 2011, p. 329)

A construção de estradas e a eletrificação possibilitaram maior contato das comunidades rurais com outros modelos de vida, conhecidos através da mobilidade diatópica e social, colocando o ítalo-brasileiro em contato com pessoas de outros grupos étnicos e de outras regiões do Estado e do país, o que se deu também através dos meios de comunicação (rádio e televisão). Na década de 1950 intensifica-se o êxodo rural que, segundo Froisi (1983, p. 58-59), citando Sabbatini (1975), “não reflete somente o objetivo primário de busca de novos setores de atividades e/ou dos bens que o conglomerado urbano em franco progresso

oferece, mas espelha, sobretudo, a crise agrícola e de preços dos produtos, conjugada com o permanente excesso demográfico da zona rural.”

O fenômeno linguístico, neste período, era ainda o da vigência do multilinguismo, porém, com predominância da língua portuguesa como sistema nivelador. Várias ilhas dialetais italianas, onde dialetos específicos são usados por famílias em que a proveniência dos seus componentes não desfez as características peculiares de sua fala dialetal, subsistiam ao lado da koiné – uma forma supradialetal de comunicação linguística - de tipo vêneto, com maior representatividade do dialeto vicentino, em situação de mescla intracomunidade e, igualmente, em situação de mescla com a língua portuguesa regional. (FROSI 2000)

O quarto período de intercruzamento linguístico teve início no ano de 1975 com as celebrações do Centenário da Imigração Italiana, que despertaram novamente o sentimento de *italianità*, há algumas décadas sufocado, recalcado, o que se estende até hoje. Instaurou-se, neste período, um movimento de retorno às origens étnicas italianas, de busca da linguagem primordial, já em fase de anulação, extinção.

No ano de 2015 comemoraram-se os 140 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul através de evento realizado no dia 20 de maio, em Nova Milano – distrito do município de Farroupilha na Serra Gaúcha – local que recebeu os três primeiros casais de imigrantes italianos em 1875.

Além da promoção do evento, o Consulado-Geral da Itália em Porto Alegre criou um selo oficial para marcar os festejos. A imagem apresenta as cores da Itália e do Brasil, “unidas em um único elemento que simbolizava a integração dos dois povos, os imigrantes chegando e sendo acolhidos na nova terra, tornando-se brasileiros, mas sem nunca perderem suas raízes”.

Figura 8 - Selo oficial dos 140 anos de imigração italiana no Rio Grande do Sul



O Dia da Etnia Italiana foi instituído pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul em 3 de abril de 2001, por meio da Lei 11.595.

O falar, antes desvalorizado pela comunidade em geral, é, nesse período, investido de prestígio social e de grande importância no interior de determinados grupos da RCI-RS. A importância dada à fala dialetal italiana diz respeito, principalmente, a falantes da segunda geração nascida no Brasil, isto é, aos netos dos imigrantes italianos. São eles os ítalo-brasileiros que, diretamente e de forma marcante, sofreram maior influência dos fatores extralinguísticos peculiares ao segundo e terceiro períodos da evolução sociolinguística, isto é, a estigmatização sociolinguística.

O retorno às origens étnicas e linguísticas não é, contudo, suficiente para que os dialetos italianos sobrevivam e deem conta da comunicação no contexto do mundo moderno urbanizado da RCI-RS. A fala dialetal italiana perdeu o sentido; ela está intensamente mesclada, alterada pela interferência marcante da língua portuguesa que é a língua materna da maioria dos ítalo-brasileiros da RCI-RS.

A mescla afeta também a fala de língua portuguesa em todos os seus níveis de estruturação. Em nível fônico, verificam-se, até hoje, na fala de língua portuguesa, realizações como:

Quadro 3 - representação de interferências fônicas dos dialetos italianos no português

Põ	em vez de	pão	Cassias	em vez de	Caxias
Mõ	em vez de	mão	sa	em vez de	chá
Tera	em vez de	terra	zeito	em vez de	jeito
Arreia	em vez de	areia	Zesus	em vez de	Jesus
Susu	em vez de	chuchu	Zanela	em vez de	janela
Sõ	em vez de	chão	zente	em vez de	gente
São do sino	em vez de	som do sino	Zozé	em vez de	José

Fonte: Frosi e Mioranza (1979, p. 100-101); Frosi (1987, p. 223-9)

É possível identificar no Quadro 3 a representação de algumas interferências fônicas dos dialetos italianos no português (FROSI & RASO, 2008):

- No quadro consonantal dos dialetos do grupo vênето, não há consoante fricativa chiente surda, nem a fricativa chiente sonora. No português, essas consoantes têm função distintiva, como exemplificam os pares mínimos *achar/assar*

[a¹ʃar][a¹sar], ou *gelo/zelo*[¹zelo][¹zelo], em que a troca das chiantes pelas sibilantes produz mudanças de significado.

- Fenômeno semelhante acontece na produção de palavras portuguesas que possuem a vibrante múltipla. São realizações típicas do ítalo-brasileiro *careta*[ka¹reta] em vez de *carreta*[ka¹reta], *caro*[¹karo] em vez de *carro*[¹karo], *carinho*[ka¹rĩno] em vez de *carrinho*[ka¹rĩno]. Embora a vibrante múltipla não faça parte do quadro de consoantes dos dialetos vênetsos, essa mesma vibrante é usada pelos falantes nativos como recurso de expressividade, quando há envolvimento emotivo. Ex: *Que querredinha que ela é*” (frequentemente dirigida às crianças). Nas entrevistas realizadas em Antônio Prado, encontramos um bom exemplo desse fenômeno como recurso de expressividade: Um informante do sexo feminino, mais de 70 anos, refere-se diversas vezes à entrevistadora como “*querrida*”.
- A ausência do ditongo nasal “ão” [ãw] na estrutura vocabular dos dialetos vênetsos constituiu-se em mais um ponto contrastivo em confronto com a presença desse mesmo ditongo no português. A solução encontrada pelos falantes dos dialetos vênetsos às sequências do português com ditongo nasal “ão” foi a substituição desse ditongo pela vogal posterior média fechada, nasalizada, como pode ser constatado em *pon* [¹põ] em vez de *pão* [¹pãw], *mon* [¹mõ] em vez de *mão* [¹mãw], *poron* [po¹rõ] em vez de *porão* [po¹rãw]. Nessa e em outras sequências, quando o ditongo é estruturado por “a”, seguido ou pela vogal “e”, ou seguido por uma consoante nasal, ou ainda em final de sílaba, respectivamente, como em “*mãe*” [¹mãĩ], “*santo*” [¹sãtu], “*irmã*” [ir¹mã], no português do Brasil, além da nasalidade o timbre dessa vogal é fechado. Nos dialetos vênetsos, há uma redução ou anulação da nasalidade da vogal “a”, e ela é normalmente pronunciada com timbre aberto como a pronúncia do “a” acentuado do português: *máe*, *sãnto*, *irmá*.

O número de falantes que se expressam através do resíduo dialetal italiano ainda existente está cada vez mais reduzido. Podemos dizer que os bilíngues da RCI-RS são

bilíngues residuais, porque conservam somente algumas formas da fala dialetal italiana, que é essencialmente passiva, reduzida. A competência do bilíngue da RCI-RS é assimétrica, porque esse bilíngue apenas compreende o que é comunicado através do dialeto italiano. Ele se expressa precariamente num dialeto italiano misto, simplificado, reduzido. (FROSI, 2000)

É a partir da relação entre o quadro atual, baseando-nos nas práticas sociais dos informantes, na história de Antônio Prado e da RCI-RS que pretendemos discutir questões de identidade, dialeção e falares regionais (capítulo 4) sugeridas por nossos resultados quantitativos. Esses foram obtidos com metodologia baseada na Teoria da Variação, assunto do qual trataremos no próximo capítulo.

4 TEORIA DA VARIAÇÃO

Não é necessário ser linguista para perceber que existe variação em qualquer língua ou dialeto. Os falantes em geral apresentam a percepção de que existem formas diferentes de dizer a mesma coisa e de que essas formas podem coexistir em uma mesma localidade. Essas variações podem ter caráter fonológico, morfológico ou sintático e se correlacionar a diferenças sociais. Como exemplo de variação podemos citar as diferentes pronúncias de /r/ no português brasileiro, como em *po[x]ta*, *po[R]ta*, *po[h]ta*, que eventualmente identificam os sujeitos como falantes de diferentes variedades regionais; e a marcação de plural no sintagma nominal, como nas sequências *oS meninoS bonitoS*; *oS meninoS bonito*; *oS menino bonito*, variação que pode se relacionar a diferentes níveis de escolaridade dos sujeitos, entre outros aspectos.

Duas ou mais formas variáveis podem coexistir durante anos em uma mesma comunidade ou uma dessas formas pode passar a ser mais utilizada com o decorrer do tempo, gerando aos poucos o desaparecimento das outras, o que se caracteriza como mudança em progresso.

Foi através das pesquisas de William Labov, na década de 60, nos Estados Unidos, que surgiu a Teoria da Variação Linguística, fundamentadora da Sociolinguística Quantitativa, como uma reação à ausência do componente social e do tratamento da variação no modelo gerativo. Foi, portanto, William Labov quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada. (TARALLO, 2007)

A partir daí, a pesquisa linguística vem mostrando que as escolhas entre dois ou mais sons, palavras ou estruturas não ocorrem apenas por opção do falante, mas obedecem a um padrão sistemático regulado por regras especiais, conhecidas como regras variáveis, que expressam a covariação entre elementos do ambiente linguístico e do contexto social. (BRESCANCINI, 2002)

4.1 BREVE HISTÓRICO

Muito antes, no século XIX, já se havia notado a existência da variabilidade linguística (maneiras diferentes de se dizer a mesma coisa) e já existiam buscas por explicações para tal

fenômeno. Mas foi no século XX que os teóricos se esforçaram para mostrar que a coerência do comportamento linguístico podia ser derivada de princípios mais gerais, de preferência psicológicos.

Houve um período marcante no século XIX em que Hermann Paul “desenvolveu a ideia de que o falante-ouvinte individual encerra a natureza estruturada da língua, a coerência do desempenho falado e a regularidade da mudança”. (WEINREICH, LABOV,HERZOG, 2006[1968], página 39). Paul isola a língua do indivíduo do uso linguístico do grupo, afirmando que se devem distinguir tantas línguas quantos são os indivíduos e denomina o uso individual do falante como *idioleto*. Conforme Weinreich, Labov, Herzog (2006[1968]), os princípios de Hermann Paul refletem as melhores realizações da linguística pelos neogramáticos.

Paul tornou-se imensamente influente e seus textos serviram como base para mais de uma geração de linguistas, pois reconheceu o ponto de vista dialetológico sobre a mudança linguística. De tal forma, acabou servindo como alvo para a oposição antineogramática. (op.cit.)

Mais tarde, em 1916, Saussure propõe a homogeneidade como nova concepção de estudos da linguagem, afirmando que o objeto de estudo da linguística teria que ser a língua, formada como um sistema regido de leis próprias e homogêneas. Saussure propõe também a antinomia entre a realidade sincrônica, em que os elementos se relacionam sistematicamente, e a realidade diacrônica, em que os elementos se substituem sem formar sistema entre si. (op.cit.).

Não vemos nenhum indício de que Saussure tenha progredido para além de Paul em sua capacidade de lidar com a língua como fato social; para ele, a pré-condição para lidar com a língua como fenômeno social era ainda sua completa homogeneidade. (op.cit., p.55).

Para Weinreich, Labov, Herzog (2006[1968]), assim como Saussure não foi muito além de Hermann Paul quando tratou de mudança linguística, a linguística descritiva norte-americana também não avançou no tratamento desse tema. Houve certo interesse dos linguistas descritivistas americanos pela diversidade no interior da uma comunidade de fala, mas nunca se chegou a atribuir-lhe um caráter sistemático. No trato da mudança, Bloomfield assume, tal como Paul, que é a imitação por parte do indivíduo dos hábitos de fala de seus interlocutores que explica a mudança.

Nos anos 50, surge o gerativismo de Noam Chomsky na ciência linguística, sem trazer muitas novidades no que se refere à mudança. No gerativismo há o mesmo compromisso teórico com a homogeneidade, reproduzindo-se os mesmos paradoxos de Paul, Saussure e Bloomfield. (op.cit., p. 20)

Foi na década de 60 que Weinreich, Labov e Herzog propuseram-se a lançar as bases empíricas de uma teoria da mudança linguística capaz de superar os paradoxos que as teorias estruturais, fundadas no axioma da homogeneidade, haviam trazido para a linguística histórica. Seu posicionamento básico é conceber a língua como um objeto constituído de variação, ou heterogeneidade ordenada, tanto do ponto de vista sincrônico como diacrônico. (op.cit.)

4.2 OBJETIVOS E PRESSUPOSTOS DO MODELO

Da necessidade de um modelo que explicasse a variação e a mudança surgiu a Teoria da Variação. Foi a partir da pesquisa realizada por William Labov para a sua dissertação de Mestrado, em 1963, na Ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts, nos EUA, que a Teoria da Variação se consagrou, abordando aspectos fonológicos. Com a pesquisa concluída, Labov e seu orientador, Uriel Weinreich, chegaram à conclusão de que o papel dos fatores sociais era decisivo na explicação da variação linguística.

O estudo relacionou fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude à centralização da vogal-núcleo dos ditongos /ay/, em palavras como *right* 'direito' e *White* 'branco', e /aw/, em palavras como *house* 'casa' e *doubt* 'dúvida', do inglês. Labov observou que os moradores da ilha utilizavam a elevação da vogal-núcleo para preservar a identidade cultural e social da comunidade. (LABOV, 2008)

Com o objetivo de descrever e interpretar o fenômeno linguístico no contexto social das comunidades urbanas, em 1964, Labov realizou mais um importante estudo, dessa vez em Nova York: o autor elegeu três lojas da cidade com status socioeconômico superior, médio e inferior, e analisou a estratificação social do (r), observando duas maneiras distintas de se pronunciar o (r) pós-vocálico: presença ou ausência desse segmento fônico em final de sílaba, como em *fourth floor* 'quarto andar'.

Através da investigação realizada em Nova York, Labov descobriu que os fatores sociais têm forte influência na variação linguística, pois os vendedores da loja com status mais

alto apresentaram valores mais altos de (r), o que demonstrou que a presença de (r) é considerada forma de prestígio.

Podemos, então, apontar como principais pressupostos do modelo da teoria da variação linguística (a) a correlação de padrões linguísticos complexos com diferenças na estrutura social, o que possibilita isolar fatores sociais que estão relacionados diretamente com a estrutura linguística; (b) a distribuição de variantes fonéticas em várias regiões, faixa etária, grupos ocupacionais, étnicos, que oportuniza a reconstrução da história desta mudança sonora. (AZEREDO, 2012, p. 27)

Para Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968], p. 104), os modelos linguísticos baseados no pressuposto da homogeneidade linguística de uma comunidade são incoerentes. Necessitam incluir realizações variáveis dentro do próprio sistema.

No entanto, o modelo diferenciado de uma comunidade de fala apresentado até então não era inteiramente adequado para explicar a complexidade estrutural observada. Para dar conta da variação, é necessário introduzir outro conceito, o da heterogeneidade ordenada. Além disso, é preciso lidar operacionalmente com a noção de variável linguística – um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra. (op.cit.)

Grande número das variáveis linguísticas que vêm sendo estudadas revela uma complexa *estrutura sociolinguística*, na qual o padrão de realização da variável é determinado por diversos fatores sociais e linguísticos. (op.cit.)

4.3 CONCEITOS BÁSICOS: REGRA VARIÁVEL, COMUNIDADE DE FALA, MUDANÇA LINGUÍSTICA

4.3.1 Comunidade de Fala

Um conceito essencial em Teoria da Variação é o de *comunidade de fala*. Segundo Labov (2008, p. 188), “comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”.

Para Guy (2000), existem três características definidoras das comunidades de fala: (i) características linguísticas compartilhadas e usadas na comunidade, mas não fora dela (palavras, sons e construções gramaticais); (ii) densidade de comunicação interna

relativamente alta (entre os indivíduos da comunidade) e (iii) normas compartilhadas (atitudes em comum sobre o uso da língua, a direção da variação estilística e avaliações sociais a respeito das variáveis linguísticas).

O autor considera que a primeira característica organiza as semelhanças e diferenças no uso da língua. A participação como membro em uma comunidade de fala é definida por contraste, em função do uso de traços específicos da comunidade: usá-los mostra que você é um membro, e não usar mostra que você é um intruso.

Guy (op.cit) afirma que as duas últimas características, (ii) densidade de comunicação e (iii) normas compartilhadas, explicam os traços linguísticos compartilhados pela comunidade. A densidade de comunicação é baseada no acesso e exposição do falante aos usos linguísticos de outros membros do grupo. Se o falante está exposto com frequência (densidade alta) ao falar dos membros de sua comunidade de fala, provavelmente adquirirá traços característicos do grupo, da mesma forma que, se o falante tem um nível baixo de comunicação com falantes de fora, é provável que não adote usos característicos dos falantes de fora da comunidade. Para o autor, “a comunidade de fala é o domínio no qual os processos sociolinguísticos de acomodação e convergência ocorrerão” (GUY, 2000, p.20), mas destaca que a mera exposição a um traço linguístico não é suficiente para propiciar a acomodação a ele, ou sua aquisição, concluindo que há a questão das atitudes e vontades. Os falantes precisam querer se acomodar aos outros, caso contrário a acomodação não acontecerá. Segundo Guy (op.cit), é nesse ponto que entra a terceira característica de comunidade de fala: “os membros de uma comunidade compartilham normas e atitudes em comum sobre o uso da língua: o que é apropriado para contextos formais e o que é apropriado para os informais, que taxa de uso de uma variável sociolinguística é apropriado para que grupo social, etc”. (GUY, 2000, p.21)

4.3.2 Regra Variável

Segundo Brescancini (2002), foi com o advento da sociolinguística que uma justificativa satisfatória para as escolhas feitas pelos falantes começou a ser delineada. Ficou claro a partir de então que as escolhas entre dois ou mais sons, palavras ou estruturas obedecem a um padrão sistemático regulado por *regras variáveis*, que expressam a covariação entre elementos do ambiente linguístico e do contexto social.

Tarallo (2007) afirma que em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. Chamadas de “variantes linguísticas”, essas formas são, portanto, diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística.

Mollica (2004, p.11) explica *variável linguística* da seguinte forma:

Uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural. Assim, as variáveis independentes ou grupos de fatores podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência.

Como exemplo de variável linguística, a autora cita a marca de concordância no verbo ou a ausência da marca de concordância. Poderíamos citar outras, como a marcação do plural no sintagma nominal (*as meninas/as menina*) e a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ ([tʃ] e [dʒ]).

Análise de Regra Variável

As pesquisas que envolvem o estudo de normas compartilhadas sobre o uso da língua em comunidades de fala, partindo do modelo baseado na heterogeneidade ordenada, exigem que seja realizada uma análise estatística, denominada Análise de Regra Variável (ARV). A ARV é um tipo de análise multivariada que tem como propósito separar, quantificar e testar a significância dos efeitos de fatores contextuais em uma variável linguística. Uma análise multivariada computa o efeito de uma variável independente e, ao mesmo tempo, o efeito de todas as outras variáveis independentes controladas, sobre uma variável dependente (o processo variável investigado), tornando o resultado mais preciso (GUY e ZILLES, 2007, p. 34).

Os pré-requisitos para a análise de regra variável são: (1) escolha, (2) imprevisibilidade e (3) recorrência. Em primeiro lugar, o pesquisador deve perceber que há "uma escolha entre dois ou mais sons específicos, palavras ou estruturas ". Em segundo lugar, a escolha deve ser aparentemente aleatória com base em parâmetros conhecidos. Em terceiro lugar, a escolha deve ocorrer várias vezes no discurso. Dadas estas condições, a inferência estatística pode ser invocada (TAGLIAMONTE, 2006, p.131).

Para que seja realizada a ARV, a cada fator é atribuído um valor matemático que demonstra o quanto ele pode interferir na aplicação categórica da regra. O papel dos fatores na regra variável é medido pela função matemática a seguir, denominada Função Logística (SANKOFF,1978):

Figura 9 - Função Logística

$$\frac{P}{(1-P)} = \frac{Po}{(1-Po)} \times \frac{pi}{(1-pi)} \times \dots \frac{pn}{(1-pn)}$$

Na Função Logística, P representa a probabilidade global de aplicação da regra quando há um fator de cada variável; Po é o input, ou seja, a probabilidade de aplicação da regra sem a interferência dos grupos de fatores; pi e pn são equivalentes ao peso relativo de cada fator.

Os resultados da ARV são expressos em percentuais (índices de frequência) e pesos relativos. O peso relativo pode variar entre 0 e 1, indicando se determinado fator, na interação com os demais, favorece ou desfavorece a aplicação da regra. Caso o peso relativo seja menor que 0,5, o fator é considerado desfavorecedor. Caso o peso relativo seja maior que 0,5, o fator é considerado favorecedor. O fator que se mantém em torno de 0,5 é considerado neutro, isto é, não apresenta função condicionante na aplicação da regra.

Através dos valores de pesos relativos é possível observar se a regra variável tende a resultar em mudança linguística. Algumas pesquisas sobre a realização da vibrante simples em lugar de múltipla na RCI-RS, como a de Bovo (2004) em Caxias do Sul e a de Battisti e Martins (2011) em Flores da Cunha, apontam para uma possível mudança em progresso, em favor do emprego de vibrante múltipla e seus alofones, como se espera no português sem contato com italiano. Isso é indicado pelos pesos relativos da variável independente Faixa Etária: a menor faixa apresenta valores muito abaixo de 0,5 e a maior faixa apresenta valores bem superiores a 0,5, indicando que os jovens lideram o processo de mudança, pois desfavorecem a aplicação da regra, enquanto os mais velhos favorecem a aplicação.

4.3.3 Mudança Linguística

As variações existentes nas comunidades de fala podem permanecer estáveis ou resultar em mudança linguística. Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]) afirmam que “a mudança se dá (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta”. Portanto, esse processo de mudança não ocorre de um sistema inteiro para outro, mas ocorre através de um conjunto limitado de variáveis que alteram os seus valores gradualmente.

Para Labov (1994), a observação da mudança sonora requer a observação de dois estados da língua (anterior e atual) e a garantia de alguma continuidade entre eles. Na mudança quantitativa, são necessárias observações em diferentes períodos de tempo e a atribuição de valores de significação e alcance da variação em cada período, para verificar se as diferenças expressas não são apenas o resultado de flutuações aleatórias. Para observar o estado de uma língua, o autor afirma ser necessário obter uma amostra representativa da comunidade e garantir a confiabilidade dos observadores (que, de preferência, devem ser os mesmos nos dois períodos), além de localizar os mesmos falantes num tempo posterior (estudo de painel) ou construir uma segunda amostra representativa (estudo de tendência).

Esses dois desenhos de análise, estudo de painel e de tendência, possibilitam realizar ARV em tempo real, uma de duas estratégias de análise amplamente utilizadas para observar a mudança. A outra estratégia é realizar a ARV em tempo aparente. Para Labov (op.cit), rastrear a mudança em tempo aparente requer distribuir as variáveis linguísticas entre as faixas etárias, representantes de diferentes gerações, para descobrir se se trata de uma mudança real em progresso ou de uma mudança regular de comportamento linguístico que se repete a cada geração. O autor destaca alguns problemas da ARV em tempo aparente: (a) o fato de que o grupo de idade mais avançada pode sofrer perda de capacidades físicas (dentes, rouquidão da voz, articulação) e mentais (memória, interesse e atenção); (b) a questão de o quão jovens precisam ser os falantes que compõem a amostra - resultados de estudos anteriores (Labov 1966, Trudgill, 1974, Cedergren 1973) apontam os adolescentes e pré-adolescentes como líderes no avanço da mudança sonora; (c) a situação em que a variação não é uniforme na comunidade, mas concentrada em falantes de um determinado grupo (étnico, social, gênero).

Na ARV em tempo real, se faz uma revisão do passado – através da revisão da literatura ou de estudos anteriores em comparação com estudos atuais – ou uma repetição do passado – através do retorno à comunidade de fala e replicação dos estudos anteriores. Como afirmamos antes, a repetição do passado pode ser feita através dos estudos de tendência (*trend studies*) ou dos estudos de painel (*panel studies*). No primeiro modelo de análise, todos os procedimentos são idênticos aos do estudo anterior, exceto pelos informantes, que são outros. No segundo modelo, os mesmos informantes do estudo anterior são informantes do estudo atual.

4.3.3.1 Estratégias de análise: tempo aparente e tempo real

Tarallo (2008) questiona: como integrar a dimensão histórica às análises de língua falada? Como compensar a ausência de gravações de voz que deem informações históricas sobre cada variante?

Tarallo (2008), conforme Labov (1972), sugere: “você deverá tentar um recorte transversal da amostra sincrônica em função da faixa etária dos informantes. Dessa maneira, estará acrescentando uma primeira dimensão histórica à sua análise: o tempo aparente”.

Observar a mudança em tempo aparente é o que se faz na análise da aplicação da regra variável por falantes de diferentes idades. Dividem-se os falantes em grupos etários, que vão dos mais jovens aos mais velhos. A produção pelos diferentes grupos de uma determinada variável dá mostras sincrônicas daquilo que poderá se concretizar como mudança na língua. O pressuposto é o de que os indivíduos de maior idade representam a fala de gerações anteriores e que seu padrão de uso linguístico desaparecerá com eles. Os mais jovens levarão adiante seu padrão, representando agora o que a língua poderá ser no futuro. (BATTISTI & ROSA, 2012, p.4)

É o que se faz na presente dissertação.

Talvez uma análise em tempo aparente não forneça ao pesquisador dados suficientes para que ele identifique se, realmente, o fenômeno encontra-se na língua como mudança em progresso. Havendo condições para tal, faz-se uma análise em tempo real para elucidar a questão, ou seja, a repetição de uma análise após um lapso de tempo.

O recontato com os informantes estudados anteriormente é um meio de se fazer isso, que pode ser produtivo para o entendimento de como cada um dos indivíduos se comportou linguisticamente com o passar dos anos, revelando se sua fala mudou ou

encontra-se estável. Assim, realiza-se um estudo de painel. No entanto, nem sempre é possível recontatar e obter dados dos mesmos informantes, que podem ter se mudado da localidade ou eventualmente falecido. O estudo de tendência, então, é a opção do pesquisador. Nele os dados são obtidos não com o mesmo falante, mas com falantes de mesmo perfil, com as mesmas características consideradas relevantes na análise anterior. Buscam-se padrões da comunidade como um todo, partindo-se de amostras representativas separadas por um período de tempo. Tais amostras precisam ser constituídas de forma que contenham as mesmas variáveis sociais e linguísticas, assim como o mesmo número de informantes. (BATTISTI e ROSA, 2012, p.5)

Tanto a ARV em tempo aparente quanto em tempo real são estudos de variação e mudança linguística norteados por pressupostos introduzidos por Weinreich, Herzog, Labov (2006[1968]) na forma de cinco grandes problemas.

4.3.3.2 Problemas no Estudo da Mudança Linguística

Segundo Weinreich, Herzog, Labov (2006[1968]), são cinco os problemas com que a teoria linguística sobre mudança tem que lidar.

Os fatores condicionantes, primeiro problema, são vistos como um conjunto de condições possíveis, fatores que apontam e determinam a mudança. São esses fatores que restringem ou pressionam o aparecimento de algumas formas e, assim, levam à mudança.

O segundo problema é o da transição, que está relacionada com a estrutura linguística variável e com fatores da estrutura social. Pode-se observar, através da transição, como uma determinada variante está se difundindo numa comunidade de fala. Existe um tempo em que as formas coexistem e chega um momento em que uma das formas cai em desuso.

As mudanças linguísticas devem estar encaixadas no sistema linguístico como um todo. Temos aqui o problema do encaixamento. Encaixar um fenômeno em uma comunidade, de acordo com a faixa etária, sexo, cidade e escolaridade, é investigar a sua relação com elementos da matriz social.

A avaliação é vista através do julgamento subjetivo das formas variáveis. Analisa-se a reação dos falantes diante do uso de uma variável, de modo que se defina a tendência de mudança que essa avaliação social favorece. Esse é o quarto problema: o da avaliação.

O quinto problema diz respeito ao processo de implementação da mudança em uma comunidade de fala. As informações sobre transição e avaliação, juntamente com as informações relativas ao encaixamento da variável na estrutura linguística da comunidade de

fala, têm um papel no esclarecimento de como a mudança chegaria à sua realização e a razão pela qual a mudança aconteceu em um tempo e lugar determinados.

A presente dissertação, sobre uma realização de fala atestada em estudos anteriores como variação na mudança em progresso rumo a seu desaparecimento, volta-se principalmente ao problema dos fatores condicionantes a ao encaixamento na matriz social.

4.4. PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS DE ANÁLISE

Brescancini (2002) defende seis etapas que devem ser vencidas pelo pesquisador para a configuração da regra variável:

1) Definir a variável dependente: É necessário que se faça um levantamento de todas as variantes que o fenômeno linguístico variável possa apresentar. Quando há apenas duas variantes concorrentes, diz-se que a variável é binária; quando há três ou mais variantes concorrentes, a variável é considerada eneária. No caso de estudarmos a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/, por exemplo, nos deparamos com apenas duas variantes: palatalização ou não. Considera-se, nesse caso, uma análise binária. Já em um estudo sobre a realização do /r/ pós-vocálico, podem ser percebidas cinco variantes: tepe, retroflexo, vibrante alveolar, fricativa velar e apagamento. Nesse caso, a análise é considerada eneária. No presente estudo, tratamos a realização variável de vibrante simples em lugar de múltipla como variável binária.

2) Definir as variáveis independentes: É através da formulação das hipóteses que se chega às variáveis independentes. Caso o pesquisador considere que a idade e o local de residência sejam condicionadores da aplicação da regra analisada, por exemplo, essas duas variáveis devem ser selecionadas. E, segundo Brescancini (2002):

Os possíveis valores de uma variável independente são representados pelos seus fatores, os quais devem obedecer a duas condições básicas: (a) ser mutuamente exclusivos, isto é, nenhum deles deve incluir totalmente ou parcialmente o outro, e (b) representar uma lista exaustiva de todas as possibilidades para o seu grupo. (BRESCANCINI, 2002, p. 16)

3) Delimitar e obter os dados: Para a obtenção dos dados, o pesquisador pode recorrer aos bancos de dados já existentes ou ir a campo e realizar a sua própria coleta. Em ambos os casos, é necessário que se realize a seleção dos indivíduos que farão parte da pesquisa.

Brescancini (2002) afirma que o método mais comum em estudos de variação linguística é o *aleatório estratificado*, em que a população é dividida em unidades chamadas *células* que devem ser preenchidas de forma aleatória, “o que significa dizer que cada membro da comunidade de interesse tem a mesma chance de ser escolhido para fazer parte da pesquisa. Esse procedimento oferece a possibilidade de que os resultados obtidos para esse pequeno número de membros possam ser projetados à comunidade de fala como um todo” (BRESCANCINI, 2002, p. 17).

Há também o método *aleatório simples* utilizado quando a amostra é muito grande e a população é muito homogênea. “Esse método consiste em colocar num recipiente uma identificação de cada indivíduo da população e retirar cada identificação uma a uma até completar o número desejado” (SILVA, 2004).

O passo seguinte é decidir sobre o número de informantes que devem representar a comunidade. Brescancini (2002) apresenta a técnica de amostragem baseada na multiplicação do número total de fatores de cada um dos parâmetros sociais escolhidos, um pelo outro, e exemplifica:

Sexo: masculino

Feminino

Faixa etária: 20- 50 anos

+ de 50 anos

Escolaridade: 0-4 anos

+ de 4 anos

O que resulta na multiplicação $2 \times 2 \times 2 = 8$.

O produto obtido (8) corresponde ao número de células que serão preenchidas por informantes selecionados aleatoriamente para a pesquisa.

Brescancini (2002) destaca ainda que, para que haja representatividade da amostra, é interessante que se tenha mais de um informante ocupando cada célula, pois apenas um informante não é suficiente para representar o comportamento linguístico de uma comunidade inteira.

Para Mollica (2004), “a probabilidade de que os resultados sejam fidedignos é diretamente proporcional ao tamanho da amostra”. A autora afirma que o número de

indivíduos da amostra dependerá da homogeneidade da população, do número de variáveis pesquisadas, do fenômeno, do método, do orçamento e outras condições materiais.

4) Codificar os dados: Após ouvir as entrevistas e extrair cada uma das ocorrências da variável em estudo, juntamente com o contexto em que está inserida, parte-se para a codificação desses dados. Para cada fator de cada variável independente é atribuído um único código. Brescancini (2002) sugere que os códigos sejam escolhidos mnemonicamente sempre que possível, a fim de que o trabalho posterior de codificação seja facilitado. Todos os símbolos e caracteres do teclado do computador estão disponíveis para utilização na codificação, exceto aqueles que possuem significados especiais para o programa, como o ponto final e o parêntese de abrir, por exemplo. Devem-se evitar também caracteres semelhantes e o uso de letras maiúsculas e minúsculas dentro de um mesmo grupo de variáveis independentes.

5) Quantificar os dados: Tendo a codificação concluída, passa-se à análise estatística (quantitativa) dos dados. Para isso, existem programas específicos. Os programas que compõem o pacote VARBRUL são, geralmente, os mais utilizados. Com eles é possível checar os dados, fazer a rodada para obter as estatísticas e cruzar dados de grupos distintos de variáveis independentes. A versão Goldvarb desses programas, para ambiente Windows, é a empregada neste estudo.

6) Interpretar os resultados: Brescancini (2002, p. 24-25) afirma que:

é o estágio mais importante da análise: compreender e explicar os resultados numéricos gerados pelo programa. Muitas vezes, implica reavaliar o sistema de codificação ou as hipóteses linguísticas utilizadas. [...] O que o programa faz é tomar um conjunto de dados linguísticos e organizá-lo, de acordo com a variável dependente, em “ambientes possíveis” do ponto de vista linguístico e extralinguístico. Estabelecidos tais contextos, o programa realiza um algoritmo que oferece informações estatísticas, na forma de pesos relativos, para cada fator condicionador de uma regra variável.

4.5 BREVE REVISÃO DE ESTUDOS DE VARIAÇÃO QUE ABORDAM O CONTATO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO COM OS DIALETOS ITALIANOS

No capítulo 1, referimos algumas variáveis fônicas que se destacam quando se trata do contato do português brasileiro com o italiano. São realizações variáveis, que abordaremos neste capítulo com o intuito de verificar seu encaixamento social, possivelmente similar ao

que verificaremos na presente pesquisa, sobre a realização variável de vibrante simples em lugar de múltipla no português de uma comunidade ítalo-brasileira.

Além das três características expostas por Frosi (1983), (substituição do ditongo nasal ‘-ão’ por ‘-on’, troca das chiantes /ʃ ʒ/ pela sibilantes [s z], realização de vibrante simples em lugar de múltipla, uma delas objeto de estudo do presente trabalho, revisaremos estudos sobre o refreio à vocalização da lateral (*normal~norma[w]*), já que, no português falado na RCI-RS, a vocalização da lateral costuma ser reduzida, além da palatalização das oclusivas alveolares, que também costuma apresentar índices muito menores do que na capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

4.5.1 Substituição do ditongo nasal tônico ‘-ão’ por ‘-on’

Tomiello (2005) dedicou-se ao estudo da variação do ditongo nasal tônico ‘-ão’ como prática social no português de São Marcos-RS. Inicialmente, realizou a análise quantitativa conforme a metodologia de análise de regra variável a fim de verificar o condicionamento de variáveis linguísticas e sociais sobre o fenômeno investigado, a alternância -ão ~ -on. Posteriormente, por meio de observação participante (ECKERT, 2000) realizou a análise qualitativa.

Foram controladas três variáveis linguísticas – número de sílabas do vocábulo, contexto fonológico precedente e contexto fonológico seguinte – e três extralinguísticas – gênero, idade e escolaridade. Os informantes da amostra restringem-se à zona rural e preenchem 24 células, sendo 12 de cada gênero.

Em um montante de 1650 ocorrências de ditongo nasal tônico, 767 (46%) foram da variante -on, enquanto 883 (54%) foram da variante -ão. Os grupos de fatores selecionados pelo programa foram idade, escolaridade, gênero, número de sílabas no vocábulo, contexto fonológico precedente. O grupo excluído pelo programa foi contexto fonológico seguinte.

Como resultados, Tomiello (2005) apresenta a faixa etária 50 ou mais anos como favorecedora do uso de -on, com peso relativo de 0,76, argumentando que essa faixa etária pratica a fala dialetal italiana com maior frequência. Em relação à escolaridade, os falantes do menor nível (fundamental/primário) favorecem a aplicação de -on com 0,70 de peso relativo. Os homens favorecem levemente a aplicação de -on, com 0,58 de peso relativo. Esses resultados estão de acordo com os resultados encontrados em grande parte dos estudos que consideram as características do contato do português com o italiano. Os resultados das

variáveis linguísticas apresentam-se da seguinte forma: palavras monossílabas favorecem a aplicação de -on com 0,60 de peso relativo, enquanto os outros fatores não favorecem a aplicação, mantendo os pesos relativos abaixo de 0,50. O estudo revela que as palavras com consoante posterior no ataque da sílaba favorecem a aplicação de -on, com 0,61 de peso relativo. Em seguida vêm as palavras com consoante nasal, com peso relativo de 0,57, favorecendo levemente a aplicação da regra.

4.5.2 Realização da vibrante simples em lugar de múltipla

Rossi (2000) analisou a variação da vibrante múltipla e seus alofones fricativos, em posição intervocálica, na fala de descendentes italianos residentes em Chapecó (SC) e em Flores da Cunha (RS), quando estes fazem uso do português do Brasil. Para tal, a autora utilizou a base de dados do projeto VARSUL e chegou à conclusão de que é possível que o emprego da vibrante múltipla esteja diminuindo nas duas cidades, pois os informantes da faixa etária de 25 a 50 anos realizaram mais a vibrante múltipla do que os que possuem mais de 50 anos. Segundo a autora, isso pode ser potencializado pela escolarização, já que os informantes com mais escolaridade, quando realizaram a vibrante, privilegiaram a múltipla alveolar, não os alofones fricativos. Quanto ao número de sílabas, única variável linguística selecionada pelo programa de análise estatística, as palavras dissilábicas apareceram como favorecedoras da vibrante simples.

Bovo (2004) analisou a realização variável da vibrante simples em contextos em que se espera vibrante (múltipla) em *onset* silábico, na zona rural de Caxias do Sul (RS), utilizando vinte e quatro entrevistas pertencentes ao BDSer (UCS). Assim como em Rossi (2000), as variáveis sociais foram selecionadas como relevantes pelo pacote de programas VARBRUL. Os resultados obtidos pela autora corroboram os resultados de Rossi (2000): condicionam favoravelmente a realização de vibrante simples em lugar de vibrante múltipla o nível primário de escolaridade (1ª a 4ª série), a idade de 50 ou mais anos e o gênero masculino. Quanto às variáveis linguísticas, Bovo (2004) controlou a posição da sílaba na palavra (inicial, medial), o número de sílabas na palavra (monossílabo, dissílabo, trissílabo, polissílabo) e a tonicidade da sílaba (átona, tônica), das quais a posição medial aparece como condicionadora.

Uma análise mais recente da realização da vibrante simples em Flores da Cunha foi realizada, em tempo aparente, por Battisti e Martins (2011), que utilizaram trinta e duas

entrevistas sociolinguísticas do BDSer considerando informantes dos gêneros masculino e feminino, zona urbana e rural, pertencentes às faixas etárias de 18 a 30 anos de idade, 31 a 50 anos de idade, 51 a 70 anos e 71 anos ou mais. Essas características correspondem às variáveis extralinguísticas controladas na análise: gênero, local de residência e idade.

Os resultados de Battisti e Martins (2011) apontam que o emprego de vibrante simples em lugar da múltipla em Flores da Cunha (RS) é condicionado predominantemente por variáveis sociais, confirmando o que Rossi (2000) e Bovo (2004) verificaram em Flores da Cunha e Caxias do Sul. As autoras concluem que a faixa etária mais alta, o gênero masculino e o local de residência zona rural favorecem a realização de vibrante simples. Quanto aos resultados relacionados às variáveis linguísticas, as autoras afirmam que a única variável selecionada pelo programa VARBRUL foi posição da sílaba na palavra, mas que apresenta fatores com resultados em torno de 0,5, tendo papel neutro frente ao processo. As autoras destacam que o único fator que apresentou valor acima de 0,5 foi o fator medial. Essa oposição aos outros fatores levou à conclusão de que há predomínio do emprego de vibrante simples em posições que não coincidam com as bordas das palavras.

Azeredo (2012) também analisou a variação da vibrante em onset silábico na cidade de Flores da Cunha, mas, diferentemente de Battisti e Martins (2011), conduziu a análise em tempo real. Para tanto, utilizou dados do VARSUL e do BDSer, coletados em 1990 e 2009, respectivamente

. As variáveis controladas foram bilinguismo, idade, escolaridade, posição da sílaba na palavra, gênero, número de sílabas e tonicidade da sílaba.

Foram 1984 os contextos levantados das entrevistas do VARSUL, 1440 os contextos levantados de entrevistas do BDSer. A proporção total de aplicação da regra foi de 41% nos dados do VARSUL, 31% nos do BDSer, o que poderia representar um decréscimo no uso de vibrante simples na cidade. A pesquisa realizada por Azeredo (2012) confirmou as hipóteses de que a posição medial na palavra, gênero masculino, menor nível de escolaridade e maior contato com o dialeto (bilinguismo ativo) favorecem a aplicação de vibrante simples. A variável Idade apresentou resultados diferentes para cada banco de dados. No VARSUL, a variável Idade não foi selecionada como significativa. No BDSer, apresentou resultados diferentes dos esperados pela pesquisadora. A hipótese era de que os mais velhos utilizassem mais a vibrante simples. No entanto, nos dados do BDSer, os jovens apareceram como favorecedores da aplicação da regra. A autora acredita que este resultado tenha ocorrido em função de que maior parte dos jovens da amostra mora na zona rural, ou seja, em ambiente

que favorece a aplicação da regra. A variável Local de Residência não foi controlada, pois o VARSUL não apresenta estratificação por zona rural e urbana.

Através da realização de um estudo de painel, a autora analisou detidamente a fala de três informantes, que, por coincidência, foram entrevistados pelo VARSUL em 1990 e também pelo BDSer em 2009. Todos eles diminuíram a aplicação da regra com o passar dos anos.

4.5.3 Realização das sibilantes palatais como alveolares

Margotti (2004), numa perspectiva distinta dos demais estudos aqui revisados – a da geolinguística pluridimensional e relacional – investigou alguns dos fenômenos que envolvem o contato do português com o dialeto italiano falado no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, incluindo a realização das sibilantes palatais, a qual ele atribui o traço [+ptg], como alveolares, a qual ele atribui o traço [+ita], como nos exemplos *Caxias ~ Cassias*.

Em 32 entrevistas nos estilos Conversa, Questionário e Leitura foram encontradas 415 ocorrências sendo 386 (93%) de [ʃ] e 29 (7%) de [s]. Tanto em Santa Catarina quanto no Rio Grande do Sul, os índices ultrapassam 90% de [ʃ]. A realização considerada pelo autor como contendo o traço [+ita], ou seja, [s], é mais utilizada pelos falantes mais velhos e moradores de zona rural. Com relação ao contexto seguinte, as vogais [u] e [o] desfavorecem a aplicação da variante [ʃ]. A consoante fricativa palatal [ʃ] caracteriza pronúncia associada ao português, enquanto consoante fricativa alveolar caracteriza a pronúncia associada ao italiano.

Em 32 entrevistas nos estilos Conversa, Questionário e Leitura, foram encontradas 743 ocorrências, sendo 663 (89%) de fricativa palatal e 80 (11%) ocorrências de fricativa alveolar.

Em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, os índices de fricativa palatal estão acima de 80%. Os resultados encontrados são muito semelhantes aos resultados encontrados para a consoante fricativa [ʃ]: falantes mais velhos e de zona rural tendem a preservar um pouco mais o traço [+ita], ou seja, a variante fricativa alveolar [z]. Os luso-brasileiros utilizam mais a variante [+ptg]. As sílabas átonas favorecem a aplicação da variante [+ptg].

4.5.4 Refreio à vocalização da lateral em coda silábica

Quednau (1993) investigou a vocalização da lateral, ou seja, o fenômeno que ocorre quando, em posição pós-vocálica, a consoante /l/ pode apresentar-se como [w] mediante certas condições linguísticas e extralinguísticas. Exemplos: sa[w] por sa[l].

A autora considera, entre as variáveis extralinguísticas, o grupo étnico, que compreende quatro fatores: grupo dos metropolitanos, dos alemães, dos italianos e dos fronteiriços. A região de colonização italiana é representada na amostra pela cidade de Monte Bérico, distrito de Veranópolis.

As variáveis selecionadas pelo programa estatístico como relevantes para a aplicação da regra de vocalização da lateral foram os seguintes, nessa ordem: grupo étnico, acento, posição da lateral, contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente e sexo.

Em relação à variável grupo étnico, selecionada como sendo a mais relevante, os resultados apresentam um índice muito baixo de vocalização entre os italianos, 23%, com peso relativo de 0,26. Aparecem como fatores que favorecem a vocalização da lateral, na variável acento, as sílabas tônicas; no contexto precedente, as vogais médias anteriores /e/ e /ɛ/; no contexto fonológico seguinte, as consoantes altas (palatal ou velar); na variável posição da lateral, o fator composição e sufixos especiais -mente e -zinho. A variável sexo, embora não tenha sido apontada pelo programa como sendo relevante, tem o fator feminino como leve favorecedor da vocalização da lateral.

A autora concluiu que a lateral velarizada ainda era um traço presente no falar gaúcho, embora a variante vocalizada também se manifestasse, indicando um processo evolutivo de mudança.

Tasca (1999) confrontou os dados de Porto Alegre com os dados de três grupos do interior do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha, Panambi e São Borja, utilizando os dados do VARSUL, do início da década de 1990. O programa VARBRUL selecionou quatro variáveis extralinguísticas (etnia, sexo, faixa etária e escolaridade) e duas linguísticas (posição na palavra e tonicidade da sílaba).

A autora concluiu que, no grupo do interior, a preservação da lateral chegava a 100% e não apresentava, à época, indícios de que um processo de mudança teria início em direção a variante vocálica. Por esse motivo, a autora passou a investigar a oposição entre a lateral velar e alveolar nos municípios do interior, diferentemente de Porto Alegre, em que considerou também a variante vocálica. Em Flores da Cunha, comunidade de fala da RCI-RS, obteve

71% de realização da lateral alveolar, com peso relativo de 0,63, e 29% de realização da lateral velarizada.

Os resultados relacionados às comunidades bilíngues analisadas por Tasca (1999) apontaram a variante alveolar como notável nessas comunidades, embora a variante velarizada já estivesse se manifestando no falar dos mais jovens e nos de escolarização mais avançada, o que indicaria mudança em progresso considerando o que a autora chama de regra telescópica: [l] → [ʎ] → [w].

Um estudo mais recente, desenvolvido por Battisti e Moras (2015) também tendo Flores da Cunha como comunidade de fala, mas utilizando os dados do BDSer, coletados entre 2008 e 2009, mostra uma situação diversa da constatada por Tasca (1999). Verifica 72% de vocalização na comunidade, ou seja, revela que o português da comunidade mudou, expressa a tendência do português brasileiro de perder as marcas do contato com falares dialetais italianos. A mudança está em progresso e com bastante velocidade, condicionada pelos contextos fonológico e seguinte, tonicidade da sílaba e posição da lateral na palavra, além de gênero dos falantes, faixa etária e local de residência.

4.5.5 Moderada palatalização das oclusivas alveolares

Battisti (2011) apresenta os resultados de seu estudo sobre a palatalização das oclusivas alveolares em Flores da Cunha e os compara a outros realizados em Caxias do Sul (MATTÉ 2009) e Antônio Prado (BATTISTI et. al., 2007), todos utilizando os dados do BDSer. Nessas comunidades, onde predominam os descendentes de imigrantes italianos, o processo tem aplicação moderada, bem menor do que na capital, Porto Alegre, provavelmente em função da percepção de lugar alimentada pela identidade étnica comum. Em Porto Alegre, a proporção de aplicação é alta, estando em torno de 90%, enquanto a frequência é moderada em municípios do interior do estado, sendo de 30% em Antônio Prado, 35% em Caxias do Sul e 29% em Flores da Cunha.

Embora os índices de aplicação sejam numericamente muito próximos, a variabilidade (ou faixa etária) aponta diferenças na velocidade com que a mudança está ocorrendo nesses municípios. Em Caxias do Sul e Flores da Cunha, o índice de aplicação diminui de acordo o aumento da faixa etária, mas não é o que ocorre em Antônio Prado, que dá sinais de estabilização do processo em índices modestos. A faixa etária de 31-50 apresenta maior

frequência de uso da palatalização em Antônio Prado, taxa levemente maior que a da faixa etária de 15-30. Após os 50 anos, a frequência de palatalização diminui.

Os resultados para local de residência mostram que a frequência de palatalização na zona urbana é menor em Antônio Prado do que em Caxias do Sul e Flores da Cunha, mas que os pradenses de zona rural palatalizam mais que os moradores dos outros dois municípios.

Quanto à qualidade da consoante-alvo, as três cidades palatalizam mais nos contextos com /t/ do que com /d/. Aparecem como fatores favorecedores da palatalização para as três cidades a zona urbana, nível de escolaridade mais alto, gênero feminino.

Esses são estudos que abordam as características fonético-fonológicas do português brasileiro de contato com os dialetos italianos existentes na região sul do Brasil. As diferentes análises convergem para o fato de que os traços do contato vêm desaparecendo no português à medida que os falares dialetais italianos perdem força nas novas gerações. Nesse cenário, o condicionamento de variáveis sociais mostra-se expressivo, coerente com a ideia de que mudanças nas práticas linguísticas relacionam-se a mudanças nas práticas sociais.

Boa parte dos resultados das variáveis sociais tem relação com identidade e falares regionais, assuntos tratados na próxima seção.

4.6 IDENTIDADE, DIALETAÇÃO E FALARES REGIONAIS

Labov (2010) afirma que a mudança vinda de cima (do inglês *change from above*)⁹ resulta de fatores sociais operando sobre a língua. É possível reconhecer esse tipo de mudança pelo fato de envolver características de alto prestígio que são difundidas a partir da classe social mais alta. Geralmente essas mudanças envolvem traços superficiais e isolados de uma língua, que nos mostram um pouco das forças sistemáticas que moldam a história da divergência dialetal.

O autor, utilizando como exemplo o estudo sobre a centralização de /ay/ e /aw/ como marcador de identidade local realizado em Martha's Vineyard, destaca que falantes com características sociais semelhantes diferem no grau de centralização na medida em que diferem em sua orientação (positiva ou negativa) para o local, Martha's Vineyard.

⁹ Mudança que está acima do nível de consciência do falante, ou seja, os indivíduos têm consciência de que há mudança em curso, sendo capazes de comentar e avaliar a inovação linguística em questão.

Labov (2010) traz o exemplo de estudo realizado por Hazen (2002) sobre o uso de três variáveis utilizadas por jovens afro-americanos na Carolina do Norte, opondo identidade local e global. São as formas não padrão de presente e passado de *be* 'ser/estar': (1) ausência de cópula (*She Ø gonna go to the store/ 'Ela vai ir até a loja'*); (2) forma nivelada de *was* (*you was the man/ 'Você era o cara'*); (3) forma nivelada do passado negativo de *be, wont* (*We wont gonna go/ 'Nós não vamos ir'*) (HAZEN, 2002, p.243). Afirma que o uso de uma forma linguística por uma comunidade de fala local não mostra por si só que a forma é utilizada para marcar ou afirmar a identidade local, embora possa ser o caso. Para tornar a identidade local um fator significativo na motivação de uma mudança linguística, precisamos de uma correlação entre graus de identidade local e do avanço dessa mudança. A identidade local pode, naturalmente, ser evidente. Uma vez que um traço linguístico alcançou um nível suficientemente elevado de consciência social e tornou-se um estereótipo, pode estar sujeito tanto à folclorização quanto à estigmatização. Por outro lado, pode não ser evidente, estando abaixo do nível da consciência. Nesse caso, qualquer efeito da identidade social será inconsciente, como em Martha's Vineyard.

Também é possível que o aumento da consciência possa estabilizar um dialeto e preservá-lo dos efeitos do nivelamento dialetal.

Labov (2010) considera rede social e comunidades de prática como duas das forças motrizes da variação e mudança. O estudo de Milroy e Milroy (1978) e Milroy (1980) de Belfast concluiu que a participação em redes densas e multiplexas preserva características dialetais contra os efeitos do nivelamento dialetal, enquanto laços fracos para aqueles que estão fora da rede promovem o nivelamento.

Eckert (2000) realizou estudo de redes e práticas sociais sem abrir mão da análise quantitativa de regra variável conforme a tradição laboviana. A pesquisa foi feita com adolescentes de quatro escolas de Detroit, relacionando os padrões de pronúncia e gramática dos indivíduos à sua participação na ordem social escolar. A autora identificou dois grandes grupos (clusters de rede) opostos, caracterizados da seguinte forma: os Burnouts são jovens de classe trabalhadora que evitam e rejeitam a instituição escolar como base para a sua vida social e identidade, sustentando suas redes, identidades e vidas sociais na vizinhança e em Detroit; em contraste, os Jocks, jovens de classe média, buscam avanço e sucesso em conformidade com as normas da instituição escolar, seguindo o percurso educativo para a ascensão e evitando Detroit.

Eckert (op.cit) interpreta os resultados de sua pesquisa como prova de que a mudança de som é conduzida entre adolescentes por sua participação em uma comunidade local de

prática. No âmbito da Wenger (1998 apud Labov 2010), o padrão de práticas sociais envolve o alinhamento dos participantes ao grupo e reificação da pertença à comunidade da prática, realizada por fatos materiais como usar um certo tipo de jeans (desgastados), por exemplo, ou fumar no pátio da escola. A pressão para negociar e manter participação em uma comunidade de prática pode levar ao desenvolvimento de uma mudança sonora.

Para Labov (2010), abordagens etnográficas relacionadas à variação social vão além de rotular uma determinada variante. Enfatizam o papel do indivíduo como agente na negociação de seu *status* social (Eckert 2000) e o significado social da variação, isto é, o valor que as variantes adquirem na negociação da adesão social. Por exemplo, o estudo de Hindle (1980) demonstra como uma pessoa utiliza diferentes variantes de uma situação social para outra. O autor mapeou o sistema vocálico de uma pessoa na Filadélfia em diferentes práticas sociais: ao trabalhar na agência de viagens, jantar em casa com sua família e com seus amigos íntimos. Foi possível verificar regularidades na alternância de um contexto para outro: a mudança vocálica do escritório para o jogo de bridge está de acordo com o padrão de mudança em tempo aparente na comunidade como um todo.

Ao discorrer sobre os atos de identidade através dos quais o indivíduo alinha-se ou afasta-se dos valores de determinado grupo, Labov traz a descrição de Le Page e Tabouret-Keller (1985) sobre o processo de mudança: o indivíduo cria seus sistemas de comportamento verbal de modo a se assemelhar aos membros do grupo ou grupos com os quais ele deseja ao longo do tempo identificar-se, na medida em que: (a) ele é capaz de identificar os grupos; (b) seus motivos são suficientemente claros e poderosos; (c) suas oportunidades de aprendizagem são adequadas; (d) sua capacidade de aprender – isto é, mudar seus hábitos, se necessário – se mantém intacta.

Labov (2010) questiona se tais atos de identidade podem ser associados às variáveis linguísticas que se encontram bem abaixo do horizonte da percepção consciente. Na introdução de Eckert (2000) em seu estudo sobre os grupos de estudantes de Detroit, ela elabora o conceito de reificação de Wenger como um elemento essencial na interpretação dos símbolos sociais em geral, dizendo que a negociação de significados desses símbolos se torna explícita apenas quando aspectos de significado se materializam (reificam) e que, nesse ponto, os falantes podem apontar significados sociais, ou seja, podem identificar outros como Jocks ou Burnouts, como elite ou classe trabalhadora, educados ou não.

Outro aspecto abordado por Labov (2010) é o papel de gênero como força social. Geralmente, o papel da variável Gênero varia de acordo com a classe social, mas no caso de mudanças linguísticas vindas de baixo, essa configuração é um pouco mais simples: um ou

outro gênero apresenta-se mais avançado em todas as classes sociais. Na maioria dos casos, as mulheres estão à frente, geralmente por uma geração completa. Estamos nos referindo ao que Labov chama de Assimetria de Transmissão da Língua (LABOV, 2010): homens da geração mais velha (Geração I) não estão envolvidos na mudança. Os homens entre 30 e 50 anos de idade (Geração II) são os primeiros a ter mães afetadas pela mudança, e mostrar um incremento súbito para um valor equivalente ao de suas mães – que são as mulheres de 50 a 70. Deste ponto em diante, os homens estão cerca de uma geração atrás suas mães até ao final do processo, quando a diferença entre os gêneros encolhe. Esse mecanismo repousa no fato de que a grande maioria dos falantes adquire a primeira língua no contato próximo com uma mulher, não com um homem.

A Figura 9, com os resultados de um estudo sobre o desvozeamento de /dz/ no espanhol falado em Buenos Aires, mostra que os homens ficam atrás das mulheres por uma geração completa neste processo. O incremento feminino entre as idades é aproximadamente linear, ao passo que as setas tracejadas indicam como os valores masculinos correspondem ao nível da última geração materna.

Figura 10 - Diferenças de gênero de geração para geração.

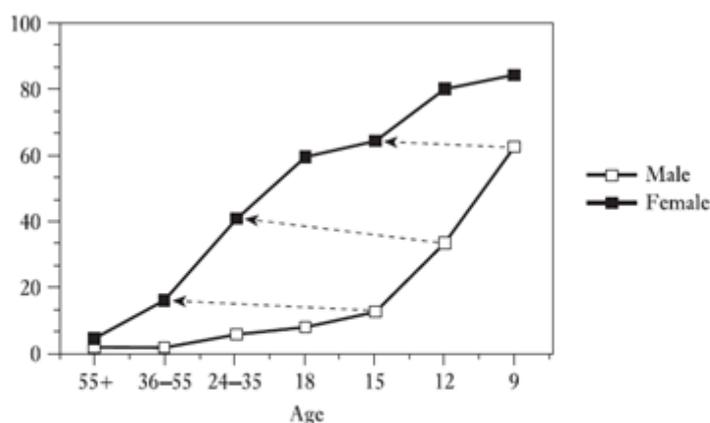


Figure 9.10 Percentage of the devoicing of /dz/ in Buenos Aires Spanish by age and gender [N = 12,898] (Wolf and Jiménez 1979, Table 5; see Figure 8.10 of PLC, Vol. 2)

Fonte: Labov, 2010, p. 200

Esta evolução geracional explica o fato de que as mulheres predominam na maioria das mudanças linguísticas vindas de baixo. A mesma lógica se aplica no caso de mudança liderada pelos homens. Embora possam adquirir algumas formas inovadoras de seus pares, o

progresso da mudança será inevitavelmente mais lento do que o de mudanças de predominância feminina, e pode de fato ser revertido em uma fase inicial.

Embora reconheça o valor de estudos de variação no nível individual, Labov (2010) defende que o comportamento do indivíduo não pode ser compreendido sem o conhecimento da comunidade a qual ele pertence. O autor parte da grande comunidade de ‘Inland North’, nos Estados Unidos, para fins de ilustração da homogeneidade versus a heterogeneidade linguística que separa essa comunidade de fala de inglês das comunidades vizinhas. Para investigar o motivo pelo qual todas as cidades de Inland North¹⁰ acompanham as mudanças das cidades do Norte (Northern Cities Shift – NCS) enquanto os dialetos das cidades centrais (Midland cities¹¹) diferem consideravelmente uns dos outros, Labov (2010) parte da história da colonização.

A compreensão das diferenças na distribuição dialetal requer acompanhar as diferenças entre os padrões de migração que podem ocorrer em larga escala, como nas cidades do norte dos Estados Unidos, ou como um grande movimento de famílias individuais, como nas cidades centrais desse país. Os padrões distintos de migração dos Yankees e dos sulistas são resumidos em Fischer (1989 apud Labov 2010), conforme a figura abaixo:

Figura 11 - Padrões de migração

Table 10.1 Migration patterns of Yankees and upland Southerners

	Yankee	Upland South	Quaker
Settlement	Towns	Isolated clusters	Farm communities
House location	Roadside	Creek and spring	Corner-clusters
Persistence	75–96%	25–40%	40–60%

Source: David Hackett Fischer, *Albion's Seed: Four British Folkways in America*, Oxford: Oxford University Press, 1989, p. 814

Fonte: Fischer (1989 apud LABOV 2010, P. 213)

A tabela de Fischer (1989) mostra os padrões de migração considerando o tipo de comunidade, localização das casas, persistência (porcentagem de adultos que retornam à comunidade depois de dez anos)

¹⁰ Inland North: Rochester, Syracuse, Buffalo, Cleveland, Detroit, Flint, Grand Rapids, Gary, Chicago, Kenosha, Milwaukee e Madison.

¹¹ Midland cities: Philadelphia, Pittsburgh, Columbus, Cincinnati e St Louis.

Como podemos observar, os Yankees se moviam como comunidades inteiras. Eles construíam vilas e cidades, estabeleciam suas casas ao longo das estradas povoadas e tendiam a permanecer nas vilas e cidades que haviam construído. As comunidades Yankees mantinham uma forte ênfase na alfabetização; escolas e faculdades estavam entre as primeiras instituições construídas. Em contraste, os sulistas da parte mais alta se moviam como famílias individuais ou em pequenos grupos, em casas construídas em áreas rurais isoladas e mostravam uma forte tendência de mudar-se novamente após algum tempo. A tabela de Fischer inclui parâmetros para o grupo cultural Quaker, que se expandiu para o oeste da Pensilvânia e Delaware e para a área central (Midland). O padrão de colonização Quaker é intermediário em todos os três aspectos. Eles formaram comunidades agrícolas ao invés de vilas e construíram casas perto de suas fazendas. A persistência da população da comunidade também foi intermediária. Desde o século XIX, a oposição cultural em toda a linha do Norte / Centro tem sido percebida como um contraste dos Yankees contra os padrões dos Sulistas da área mais alta, com menos foco sobre a herança Quaker.

Para Labov (2010), essas diferenças nos padrões de colonização tiveram consequências linguísticas importantes. No norte, as crianças tiveram contato contínuo com outras crianças falantes do mesmo dialeto. A homogeneidade de Inland North está em contraste marcante com a heterogeneidade das cidades Centrais (Midland cities).

As questões abordadas nessa seção sobre identidade, variação e dialeção linguística podem ter papel importante na discussão dos resultados de nossa análise. Busca-se compreender em que medida Antônio Prado insere-se num padrão linguístico peculiar à RCI-RS, considerando-se o processo sócio-histórico de criação da comunidade, com destaque para a realização de vibrante simples em lugar de múltipla em *onset* silábico no português falado na cidade. Ao mesmo tempo, Antônio Prado apresenta paradoxos sociais que afetam diretamente o uso da língua e, de certa forma, particularizam o município enquanto comunidade de fala. É o que veremos na análise realizada.

5 METODOLOGIA

A presente pesquisa sustenta-se na Teoria da Variação (LABOV, 2008 [1972]). Através da Análise de Regra Variável (CEDERGREN E SANKOFF, 1974), utilizando o programa Goldvarb X, busca identificar a proporção total de realização de vibrante simples em lugar de múltipla em *onset* silábico na cidade de Antônio Prado (RS) e identificar que variáveis linguísticas e sociais favorecem a aplicação da regra em questão.

Os resultados da análise estatística podem levantar outras questões sobre a difusão das alternantes ou sua estabilidade no sistema. Com o objetivo de elucidar essas questões, realizam-se registros etnográficos (SPRADLEY, 1979), utilizados em conjunto com as entrevistas sociolinguísticas, obtendo-se informações sobre as práticas sociais (ECKERT, 2000) dos moradores de Antônio Prado, e, assim, revelando-se o encaixamento social das realizações linguísticas em questão. Um estudo baseado nas práticas sociais dos informantes é útil para esclarecer a motivação da variação, que pode ser, conforme Meyerhoff (2011):

1. Um desejo de mostrar como você se liga a algumas pessoas e como é diferente dos outros.
2. O desejo de fazer coisas que tenham valor na comunidade (e tenham valor para você mesmo).
3. O desejo de não fazer coisas que sejam desprezadas pela comunidade (e ser desprezado pelas pessoas)
4. O desejo de ser percebido como as pessoas que estão engajadas em (1) e (2).

Uma análise das práticas sociais pode abranger os fatores motivadores de variação abordados por Meyerhoff (2011), explicando como questões de identidade em relação à comunidade de fala, dentro das comunidades de prática, surgem e se fortalecem.

5.1 ANÁLISE DE REGRA VARIÁVEL OU QUANTITATIVA

5.1.1 Dados

Serão utilizados dados levantados de entrevistas sociolinguísticas de informantes de Antônio Prado, pertencentes ao acervo do BDSer¹². Serão utilizadas 32 entrevistas, considerando as seguintes características: 2 gêneros, 2 locais de residência (urbano e rural), 4 grupos etários (15-30; 31-50; 51-70; 71 ou mais anos), 2 níveis de escolaridade (1 a 8 anos, primário a fundamental, e 11 ou mais anos, médio a superior). O Quadro 2 traz o perfil dos 32 informantes, exposto nas células da matriz social considerada:

Quadro 4 - Células da matriz social considerada na análise

Célula 1	Mulher 15-30 Prim-fund Urbano	Célula 17	Homem 15-30 Prim-fund Urbano
Célula 2	Mulher 31-50 Prim-fund Urbano	Célula 18	Homem 31-50 Prim-fund Urbano
Célula 3	Mulher 51-70 Prim-fund Urbano	Célula 19	Homem 51-70 Prim-fund Urbano
Célula 4	Mulher 71 + Prim-fund Urbano	Célula 20	Homem 71 + Prim-fund Urbano
Célula 5	Mulher 15-30 Médio-superior Urbano	Célula 21	Homem 15-30 Médio-superior Urbano
Célula 6	Mulher 31-50 Médio-superior Urbano	Célula 22	Homem 31-50 Médio-superior Urbano

¹² As entrevistas sociolinguísticas realizadas em 2006, em Antônio Prado-RS, pertencem ao Banco de Dados da Serra Gaúcha, o qual é mantido pela UCS (Universidade de Caxias do Sul). O acervo é composto por entrevistas sociolinguísticas gravadas com informantes que habitam os municípios da antiga região de colonização italiana do Rio Grande do Sul (RCI-RS).

Célula 7	Mulher 51-70 Médio-superior Urbano	Célula 23	Homem 51-70 Médio-superior Urbano
Célula 8	Mulher 71+ Médio-superior Urbano	Célula 24	Homem 71+ Médio-superior Urbano
Célula 9	Mulher 15-30 Prim-fund Rural	Célula 25	Homem 15-30 Prim-fund Rural
Célula 10	Mulher 31-50 Prim-fund Rural	Célula 26	Homem 31-50 Prim-fund Rural
Célula 11	Mulher 51-70 Prim-fund Rural	Célula 27	Homem 51-70 Prim-fund Rural
Célula 12	Mulher 71+ Prim-fund Rural	Célula 28	Homem 71+ Prim-fund Rural
Célula 13	Mulher 15-30 Médio-superior Rural	Célula 29	Homem 15-30 Médio-superior Rural
Célula 14	Mulher 31-50 Médio-superior Rural	Célula 30	homem 31-50 Médio-superior Rural
Célula 15	Mulher 51-70 Médio-superior Rural	Célula 31	Homem 51-70 Médio-superior Rural
Célula 16	Mulher 71+ Médio-superior Rural	Célula 32	homem 71+ Médio-superior Rural

5.1.2 Delimitação das Variáveis

5.1.2.1 Variável dependente

A variável dependente controlada na pesquisa é a realização de vibrante simples em lugar de múltipla em onset silábico no português falado em Antônio Prado - RS. Exemplos: *aroz ~ arroz, pareiral ~ parreiral*.

5.1.2.2 Variáveis independentes

Nesta pesquisa, serão controladas variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas.

5.1.2.2.1 Variáveis Extralinguísticas

A possível influência de aspectos sociais é investigada controlando-se as variáveis extralinguísticas Gênero, Idade, Escolaridade e Local de Residência. Tanto essas variáveis quanto os fatores considerados em cada uma delas conformam-se aos critérios de estratificação da amostra do BDSer, expostos em células no Quadro 2, acima.

Os gêneros masculino e feminino são controlados com o objetivo de verificar se a hipótese de que os homens favorecem o uso de vibrante simples em lugar de múltipla, conforme os estudos de Bovo (2004) e Battisti e Martins (2011) e Azeredo (2012) em Caxias do Sul e Flores da Cunha, se confirma no português falado em Antônio Prado. As práticas sociais masculinas são mais restritas ao local, por exemplo, os encontros de amigos nas bodegas para beber e jogar baralho. As mulheres praticam ações direcionadas não só a comunidade local, mas também para a dimensão global, realizando viagens e passeios para outras cidades e estados.

A variável Faixa Etária inclui os fatores 15-30, 31-50, 51-70 e 71 ou mais. Estabelecemos a hipótese de que os falantes de Faixa Etária mais elevada utilizam a vibrante simples com maior frequência, como demonstram as pesquisas realizadas por Bovo (2004) e Battisti e Martins (2011) em Caxias do Sul e Flores da Cunha. Esses estudos mostram que os

falantes de idade mais avançada costumam utilizar os dialetos italianos com maior frequência, além de serem responsáveis por transmiti-los aos filhos e netos.

Quanto à Escolaridade, controlamos os fatores Primário-fundamental e Médio-superior, esperando que os falantes de escolaridade mais baixa favoreçam a aplicação da regra, como já apontaram Bovo (2004), Battisti e Martins (2011) e Azeredo (2012). Quanto maior o nível de escolaridade, maior é a capacidade de metalinguagem do falante devido ao maior período de tempo do contato com o português padrão utilizado nas escolas e universidades.

Zona Rural e Zona Urbana são os fatores controlados na variável Local de Residência, partindo da hipótese de que os falantes de zona rural favorecem a aplicação da regra, conforme apontam os estudos de Battisti e Martins (2011) e Azeredo (2012), porque os dialetos italianos são utilizados com maior frequência entre amigos e parentes que vivem em localidades rurais.

5.1.2.2.2 Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas controladas são: Posição da Sílabas na Palavra, Número de Sílabas da Palavra, Tonicidade da Sílabas.

A variável Tonicidade da Sílabas é composta pelos fatores Tônica, Pretônica e Postônica. Partimos da hipótese de que essa variável não tenha papel relevante em nossa análise, assim como nos estudos de Battisti e Martins (2011), Azeredo (2012), embora tenha se mostrado significativa em Bovo (2004).

Posição da Sílabas na Palavra considera as posições Inicial e Medial, esperando que a medial surja como favorecedora, conforme os estudos de Bovo(2004), Battisti e Martins (2011) e Azeredo (2012).

Quanto ao Número de Sílabas, consideramos inicialmente monossílabas, dissílabas, trissílabas e polissílabas, sob hipótese de encontrar os vocábulos trissílabos como favorecedores, conforme Azeredo (2012).

O conjunto de variáveis independentes consideradas na pesquisa está agrupado no Quadro 5 abaixo:

Quadro 5 - Variáveis controladas na pesquisa

<i>Variáveis linguísticas</i>	<i>Variáveis extralinguísticas</i>
Tonicidade da Sílabas: Tônica: par <u>re</u> ira Pretônica: r <u>e</u> ína Postônica: terr <u>a</u>	Gênero Feminino Masculino
Posição da Sílabas na Palavra: Inicial: r <u>o</u> da Medial: terr <u>e</u> no	Idade 15 a 30 anos 31 a 50 anos 51 a 70 71 ou mais anos
Número de Sílabas na Palavra: Monossílabas: r <u>ã</u> , r <u>ol</u> Dissílabas: r <u>ar</u> o Trissílabas: terr <u>e</u> no Polissílabas: r <u>ig</u> oroso	Escolaridade 1 a 8 anos: primário + fundamental 11 ou mais anos: médio + superior
	Local de Residência Urbano Rural

5.1.3 Análise estatística

5.1.3.1 Programa computacional

O pacote de programas utilizado para realização das rodadas foi o Goldvarb X para ambiente Windows, o qual realiza análise estatística de regressão logística.

Os resultados obtidos pelo programa são apresentados em percentuais e em pesos relativos. Os percentuais expressam a distribuição dos dados e a aplicação da regra variável por fator das diferentes variáveis controladas. Os pesos relativos expressam a tendência de o fenômeno estudado ocorrer como efeito da interação dos diferentes fatores considerados na análise.

Os pesos relativos estão compreendidos entre 0 e 1: valores em torno de 0,5 indicam a neutralidade do fator em relação ao fenômeno estudado, valores abaixo de 0,5 indicam que o

fator não condiciona (desfavorece) a aplicação da regra variável, valores acima de 0,5 indicam que o fator condiciona (favorece) a aplicação da regra estudada.

5.1.3.2 Preparação dos dados para a análise

Foram levantados, através de oitiva, todos os contextos de vibrante em *onset* silábico nas 32 entrevistas sociolinguísticas de Antônio Prado selecionadas para compor as 32 células da matriz social considerada. Em caso de dúvida, os contextos eram submetidos à análise de um juiz que realizava a marcação sem ter acesso ao julgamento da pesquisadora.

Foi realizada, paralelamente ao levantamento de contextos, a codificação dos fatores considerando os códigos que estão descritos no anexo III.

Cada dado recebeu nove códigos, obedecendo à seguinte ordem: variável dependente, Gênero, Local de Residência, Faixa Etária, Escolaridade, Tonicidade da Sílabas, Posição da Sílabas na Palavra, Número de Sílabas na Palavra e Informante. Exemplo (0XR46@ICP *ricota*, onde os códigos representam, respectivamente: 0 (zero), a não-aplicação da regra, ou seja, o informante não utiliza a vibrante simples nesse contexto; X representa um informante do gênero feminino; R representa um informante de zona rural; 4 representa um informante que tem entre 51 e 70 anos; 6 representa um informante que possui nível primário a fundamental de escolaridade; @ representa que a vibrante está localizada na sílabas pretônica; I representa que a vibrante está localizada em posição inicial de palavra; C indica que a palavra é trissílabas; P representa o informante de número 124 do BDSer.

Foram codificados 2.120 contextos retirados de 32 entrevistas sociolinguísticas do BDSer realizadas em Antônio Prado no ano de 2006.

5.2 ANÁLISE QUALITATIVA

De acordo com Spradley (1979), "etnografia nos oferece a oportunidade de sair de nossas origens culturais estreitas, anulando o nosso etnocentrismo social herdado, mesmo que apenas por um breve período, e apreender o mundo a partir do ponto de vista de outros seres humanos que vivem em diferentes sistemas de significado."

A pesquisa se faz com registros etnográficos. Compõem os registros etnográficos três entrevistas etnográficas e anotações feitas durante conversas informais. Ao longo das entrevistas foram abordadas questões sobre as práticas sociais do informante e de seus amigos e parentes na cidade e fora dela, questões políticas e sociais referentes à cidade, questões comparativas entre o passado e o presente tanto no âmbito da cidade e região quanto no âmbito familiar, envolvendo hábitos e costumes da família e questões envolvendo o caráter turístico da cidade. As anotações foram realizadas ao longo do jantar mensal do Clube de Mães no centro de Antônio Prado, realizada em 08 de julho de 2015, e de conversas informais ao longo do trabalho de campo. Foi possível observar como o grupo se organiza, quem são os membros, como se posicionam perante o grupo, como se dá a organização do jantar, que tipo de ações o grupo promove e como se relacionam com a população de Antônio Prado em geral, o que pode ter repercussões sobre os padrões de fala locais.

Spradley (1979, p.58) define entrevista etnográfica como uma série de conversas amigáveis em que o pesquisador introduz lentamente novos elementos para auxiliar os informantes a responderem como informantes. A entrevista etnográfica envolve propósito e direção, portanto deve ser um pouco mais formal que uma conversa amigável e o pesquisador deve assumir o controle da conversa gradualmente, direcionando-a. Para tanto, os três elementos mais importantes, segundo o autor, são:

1. Propósito Explícito

O pesquisador deve deixar claro o objetivo, lembrando-o ao informante sempre que necessário.

2. Explicações Etnográficas

Do primeiro ao último encontro, o pesquisador deve oferecer repetidamente explicações ao informante. São informações sobre o projeto, sobre a gravação, sobre a língua materna, sobre a entrevista, sobre as perguntas.

3. Perguntas Etnográficas

São três os principais tipos de perguntas e cada um exerce uma função: (a) Descritivas: visam a obter amostra contínua da língua do informante. Ex.: *Você poderia dizer o que você faz no escritório?* (b) Estruturais: visam a descobrir informações sobre como o informante organiza seu conhecimento. Ex.: *Que tipos de peixe você pegou nas férias?* (c) Contrastivas: visam a descobrir o que o informante quer dizer ao usar vários termos na sua língua nativa, os significados dos termos. Ex.: *Qual a diferença entre (termo 1) e (termo 2)?*

Montgomery (2014) discorre sobre momentos de dificuldade que podem ocorrer durante entrevistas etnográficas. A autora cita a vulnerabilidade, o silêncio e a empatia como fatores responsáveis por esses momentos. Ela afirma que silêncio e grau de empatia entre o entrevistador e o informante durante a interação podem fazer com que alguns informantes se sintam vulneráveis e não consigam falar sobre experiências ruins.

Visando a minimizar estes problemas, nos baseamos no método biográfico de Schütze (apud SVAŠEK e DOMEČKA, 2014), além de levar em consideração os elementos mais importantes da entrevista, segundo Spradley (1979), já descritos nessa seção. O método biográfico de Schütze prevê que o informante escolha o local onde a entrevista acontecerá, considerando que a pessoa escolherá um local onde se sinta relaxada e à vontade para falar sobre sua vida. Com base em suas experiências, Svašek e Domečka (2014) afirmam que a entrevista transcorre normalmente durante uma ou duas horas. Utilizamos esse tempo como

referência. Ainda com base no método de Schütze, as autoras sugerem que se considerem também conversas não gravadas, ou seja, sugerem considerar conversas que ocorreram fora do período em que a entrevista estava sendo registrada através de gravação de voz ou vídeo, pois podem fornecer pistas adicionais sobre a autopercepção dos informantes.

Também com o objetivo de não intimidar o informante, mas incentivá-lo a continuar contando uma história ou descrevendo algo com detalhes, utilizamos a instrução de não intervir na fala do informante na primeira fase da entrevista, como sugerem as autoras já citadas. Quando necessário, utilizamos formas de concordar sem precisar intervir, ou seja, concordamos com movimentos da cabeça ou com expressões curtas e discretas como ‘hmmm’, ‘sim’, ‘aham’.

Quando o informante indica que a história está concluída, momento denominado como ‘coda’, o entrevistador passa para a segunda fase da entrevista, quando algumas perguntas adicionais são inseridas a partir de tópicos já trazidos à tona pelo informante ao longo da primeira fase. (SVAŠEK E DOMECKA, 2014)

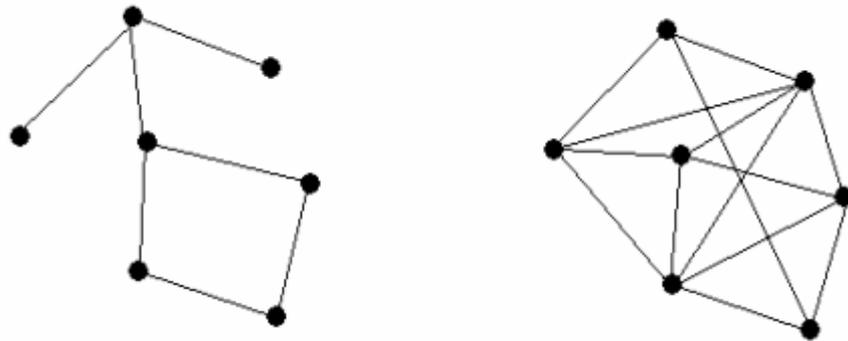
Utilizando estas instruções, foi possível registrar em áudio três entrevistas etnográficas, além de registrar por escrito alguns pontos de conversas informais. Foram três as entrevistas porque as duas informantes entrevistadas durante o segundo dia já haviam sido contatadas na noite anterior, durante o jantar do Clube de Mães e a terceira informante, entrevistada no terceiro e último dia já havia conversado com a pesquisadora no dia anterior. Essas três pessoas aceitaram registrar a conversa em áudio. Outras pessoas aceitaram conversar, mas optaram por não registrar em áudio. Para que a entrevista seja gravada, é necessário que o informante assine o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 3), demonstrando estar ciente dos objetivos e métodos que envolvem a gravação.

Tão importante quanto conhecer as práticas sociais, através das entrevistas sociolinguísticas e dos registros etnográficos, é conhecer a rede social do indivíduo e de seus relacionamentos para explicar a difusão ou refreio do processo de variação e mudança linguística. Battisti et al (2007), Battisti (2014) e Battisti (2011) fizeram análise da rede social dos informantes do BDSer considerados em seus estudos, no total de 48. Vinte e seis de nossos informantes são os mesmos desses estudos. Consideraremos elementos dessas análises para discutir e interpretar alguns de nossos resultados estatísticos.

A configuração estrutural das redes é composta por duas dimensões: densidade e plexidade. Conforme Battisti e Lucas (2006), a densidade diz respeito à quantidade de

contatos dos indivíduos: quanto maior o número de pessoas em rede que se conhecem umas às outras, maior será a sua densidade. Uma rede em que poucos indivíduos conhecem-se mutuamente é uma rede frouxa, de baixa densidade, conforme figura que segue:

Figura 12 - Estrutura da rede.



À esquerda, uma rede pouco densa (poucos contatos). À direita, uma rede muito densa (muitos contatos). Fonte: Battisti et al (2007, p. 4)

A plexidade está relacionada ao conteúdo da rede. Os membros da rede, nessa dimensão, podem estar conectados por apenas um tipo de relacionamento, caracterizando uma rede uniplexa, ou por mais de um tipo de relacionamento, caracterizando uma rede multiplexa, conforme figura abaixo:

Figura 13 - Conteúdo da rede.



À esquerda, uma rede de baixa plexidade (apenas dois indivíduos possuem mais de um contato). À direita, uma rede de alta plexidade (muitos indivíduos possuem mais de um tipo de contato). Fonte: Battisti et al (2007, p. 5).

A estrutura multiplexa de alta densidade é considerada de primeira ordem e nela distinguem-se laços fortes de laços fracos: opõem-se, respectivamente, laços que conectam amigos e parentes àqueles que conectam conhecidos (MILROY,2002). Os graus de relacionamento em rede de Antônio Prado foram pensados por Battisti et. al. (2007) com base no estudo de Blake e Josey (2003), realizado em Martha's Vineyard, conforme quadro a seguir:

Quadro 6 - Graus de relacionamento em rede em Antônio Prado.

<p>1. Primeiro grau 1A – Marido/mulher 1B – Pais/filhos 1C – Colega de trabalho com interação</p> <p>2. Segundo grau 2A – Tios/sobrinhos/primos/cunhados 2B – Amigos íntimos 2C – Vizinho íntimo 2D – Colega de associação com interação</p> <p>3. Terceiro grau 3A – Amigo não-íntimo 3B – Vizinho não-íntimo 3C – Colega de trabalho sem interação 3D – Colega de associação sem interação 3E – Tios/sobrinhos/primos/cunhados</p>

Quadro 1 - Graus de relacionamento em rede em Antônio Prado.

Fonte: Battisti et al (2007, p.19).

Unindo a análise quantitativa à análise qualitativa realizadas nos moldes descritos nesse capítulo, partimos para a discussão dos resultados no próximo capítulo.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6.1 ANÁLISE QUANTITATIVA (ARV)

Em um total de 2.120 contextos, 834 foram de vibrante simples em lugar de múltipla (39,3%), enquanto 1.286 apresentaram realização de vibrante múltipla (60,7%) ou um de seus alofones, em dados de entrevistas de 32 informantes de Antônio Prado (RS) constantes no Banco de Dados da Serra Gaúcha (BDSer):

Gráfico 1 – Proporção total de realização de vibrante simples em lugar de múltipla em Antônio Prado (RS)



Em comparação com dois dos estudos realizados na região, especificamente na zona rural de Caxias do Sul (Bovo, 2004) e em Flores da Cunha (Battisti e Martins, 2011), que apresentaram, respectivamente, resultados de 44% e 46% de aplicação da regra, Antônio Prado apresenta proporção levemente menor de aplicação de vibrante simples em lugar de múltipla. No entanto, se compararmos esse resultado com o de Azeredo (2012) em Flores da Cunha, utilizando os dados do BDSer, Antônio Prado apresenta maior proporção de aplicação (39,3%) do que Flores da Cunha (31%).

Talvez o índice se explique pelo fato de que os habitantes de Antônio Prado, por viverem em uma cidade menor que Caxias do Sul e Flores da Cunha, precisam estudar e trabalhar fora da cidade (geralmente Caxias e Porto Alegre) e/ou trabalhar em grandes indústrias da região, sendo necessárias viagens e contato com pessoas de fora da RCI-RS.

O programa Goldvarb X selecionou as variáveis Escolaridade e Local de Residência como as mais relevantes para a realização de vibrante simples em lugar da múltipla, demonstrando que pessoas com maior nível de escolaridade e moradoras da região urbana, ou seja, as que mais têm contato com pessoas de fora da cidade e com o português padrão aplicam menos a regra (Tabelas 1 e 2, adiante). Os moradores de zona rural apresentam frequência maior de aplicação de vibrante simples e dessa região muitos jovens, e até mesmo adultos, têm saído em direção à região urbana de Antônio Prado ou a outros municípios da RCI-RS para estudar e trabalhar.

Como exemplo, temos a família da informante 3 das entrevistas etnográficas, em que todos os membros saíram da zona rural em direção à zona urbana de Antônio Prado e de Caxias do Sul. O casal deixou a linha Gumercindo e o trabalho na colônia para trabalhar e morar na zona urbana de Antônio Prado, enquanto os filhos foram estudar em Caxias e se estabeleceram nessa cidade. A perspectiva de uma vida menos difícil e trabalhosa e a certeza de que o trabalho na cidade garantiria um salário ao final de cada mês levou a família a decidir pela mudança. A informante afirma ter sido extremamente difícil a transição devido ao medo que tinha da mudança, mas que hoje não voltaria para o ‘interior’¹³ de forma alguma.

Os costumes e tradições trazidos pelos imigrantes italianos no século XIX parecem estar sendo, cada vez mais, substituídos pelos costumes atuais, o que de forma indireta influencia na mudança linguística. Foi possível observar com base nos registros etnográficos que tanto a zona urbana quanto a zona rural vêm passando por uma modernização constante. O trabalho na colônia(zona rural) já não é o mesmo devido à informatização e à evolução das máquinas. O que antes se fazia manualmente, hoje pode ser feito através de técnicas mais seguras e rápidas. A informante número 3 das entrevistas etnográficas afirma que antigamente os pais ensinavam aos filhos o trabalho na colônia, hoje os filhos ensinam aos pais, pois têm acesso à internet e aprendem muito sobre novas técnicas, além de estudar fora.

As primeiras gerações de filhos de imigrantes italianos radicados no Rio Grande do Sul não tinham acesso à educação e à interação social com os centros urbanos. A inexistência de um sistema abrangente de educação fez com que os filhos de imigrantes tivessem apenas rudimentos de alfabetização, razão porque poucos sabiam ler, escrever e contar. Havia a necessidade de trabalhar para a sobrevivência. O estudo era visto como atividade não lucrativa e, por isso, era aceito e promovido apenas quando houvesse folga nos serviços da lavoura. Hoje, o estudo é visto como uma oportunidade de obter um emprego que ofereça

¹³ Termo empregado pela entrevistada, para referir a zona rural da Antônio Prado.

melhores condições de trabalho e a garantia de um salário no final do mês, conforme relatou a informante número 3 na entrevista etnográfica.

As tabelas a seguir apresentam os resultados das variáveis Escolaridade, Local de Residência, Gênero, Faixa etária, Número de Sílabas na Palavra e Posição da Sílabas na palavra, conforme seleção realizada pelo programa Goldvarb X. É possível perceber que o emprego de vibrante simples em lugar de múltipla em Antônio Prado (RS) é condicionado predominantemente por variáveis sociais, confirmando o que os estudos de Bovo (2004) e Battisti e Martins (2011) verificaram em Caxias do Sul e em Flores Cunha, respectivamente.

Tabela 1 - Escolaridade

Fatores	Aplicação/total	Frequência	Peso Relativo
Primário-fundamental	659/1059	62%	0,75
Médio-superior	175/1061	16%	0,25
Total	834/2120	39%	

Input: 0.350 significância: 0.016

O resultado obtido para a variável Escolaridade vai ao encontro do resultado de Bovo (2004). A variável foi selecionada pelo programa como sendo a variável que mais favorece a aplicação de vibrante simples em lugar de múltipla. Os níveis mais altos de escolaridade apresentam frequência bem menor de realização de vibrante simples em lugar de múltipla que os níveis menores.

Esse resultado já era esperado devido ao fato de que os informantes com maiores níveis de escolaridade estão mais expostos ao português padrão e à realização de vibrante múltipla, principalmente no ambiente escolar ou acadêmico. Grande parte dos informantes de Antônio Prado que possui os maiores níveis de escolaridade cursa ou cursou faculdade em Caxias do Sul ou em outro centro urbano. Após a conclusão dos estudos, a maioria passa a trabalhar nas zonas urbanas da região, mantendo contato com falantes que utilizam predominantemente a vibrante múltipla. Ao longo dos períodos escolar e acadêmico, os falantes desenvolvem, provavelmente, maior consciência metalinguística.

Outros estudos, como os desenvolvidos por Spessatto (2001) e Rossi (2000), já haviam revelado a relação entre a menor escolarização e o maior uso de vibrante simples em contexto de vibrante múltipla em outras regiões de colonização italiana no sul do Brasil.

Tabela 2 – Local de Residência

Fatores	Aplicação/total	Frequência	Peso Relativo
Rural	578/1162	50%	0,61
Urbana	256/958	27%	0,36
Total	834/2120	39%	

Input: 0.350

significância: 0.016

O fator Zona Rural condiciona a aplicação de vibrante simples, confirmando a nossa hipótese baseada em estudos anteriores como o de Battisti e Martins (2011), realizado em Flores da Cunha.

O ambiente rural restringe a convivência a familiares e vizinhos da mesma capela, através de práticas sociais como as festas religiosas, o trabalho na roça, e a fala bilíngue português-dialetos italianos. Muitos informantes ainda apresentam algum grau de bilinguismo ativo, comunicam-se tanto em português quanto em dialeto, na convivência entre membros da mesma família e com vizinhos mais próximos. Os moradores da região rural de Antônio Prado frequentam a zona urbana apenas quando necessário, para usufruir de serviços bancários ou médicos, por exemplo, e nesses casos geralmente utilizam o português.

Tabela 3 – Gênero

Fatores	Aplicação/total	Frequência	Peso Relativo
Masculino	520/1162	45%	0,56
Feminino	314/958	33%	0,42
Total	834/2120	39%	

Input: 0.350

significância: 0.016

Embora os pesos relativos girem em torno de 0,50 e a diferença não seja numericamente grande, são os homens que condicionam a regra em Antônio Prado,

confirmando a hipótese baseada na literatura de que, de maneira recorrente, o gênero masculino favorece a aplicação de vibrante simples em lugar de múltipla na RCI-RS.

Homens e mulheres parecem ter, mesmo entre os jovens, papéis distintos na sociedade pradense. Mesmo havendo certas atitudes em direção ao que é considerado moderno e que, talvez, amenize um pouco as diferenças entre os dois gêneros, a cidade ainda preserva com alguma clareza a definição dos papéis exercidos por homens e mulheres desde o período da imigração. Às mulheres cabem os serviços de casa, como fazer a comida e a limpeza, além de cuidar dos filhos e ajudar na roça (quando em zona rural). Aos homens cabe o trabalho fora de casa e os negócios da família. Nos momentos de lazer, as mulheres costumam participar de grupos que promovem ações sociais, passeios fora da cidade e jantares. Os homens se reúnem com seus amigos e vizinhos para beber e jogar baralho. Os mais jovens, embora tenham opções como ir às festas na região ou frequentar academia, ainda presenciavam as atitudes e discursos dos mais velhos que, implicitamente, acabam definindo papéis de gênero.

Tabela 4 – Faixa Etária

Fatores	Aplicação/total	Frequência	Peso Relativo
31-50	333/677	49%	0,59
51-70	201/539	37%	0,47
71 ou mais	180/545	33%	0,44
15-30	120/359	33%	0,43
Total	834/2120	39%	

Input: 0.350 significância: 0.016

A Faixa Etária 31-50 favorece a aplicação de vibrante simples em Antônio Prado, enquanto as outras faixas desfavorecem, não confirmando a hipótese de que os informantes de idade mais avançada favoreceriam a aplicação da regra, conforme os resultados de estudos anteriores realizados por Bovo (2004) e Battisti e Martins (2011) na região.

A faixa etária que aparece como favorecedora é a mesma que, segundo o IBGE, apresenta-se em menor quantidade nessa comunidade de fala. Na faixa dos 31 anos, após ter completado um curso superior ou quando se casam, as pessoas saem de Antônio Prado para

morar em outra localidade. Os que ficam, provavelmente, são os que possuem maior apego à família e às tradições, fazendo uso da vibrante simples em lugar de múltipla de forma inconsciente ou como recurso estilístico para demonstrar pertencimento àquela comunidade, que representa as suas origens. O sentimento de pertença ao local e o valor social positivo atribuído a ele, é o que Milroy (1980) denomina *localismo*.

Esse resultado também refere-se ao fato de que, pelo menos dois dos oito informantes que compõem as células da faixa etária mais avançada (71 ou mais), apresentaram hipercorreção (*Karrine* em vez de *Karine*, por exemplo) e/ou utilizaram o que Frosi e Raso (2008) afirmam ser um recurso de expressividade registrado quando há envolvimento emotivo (*querrida* em vez de *querida*). Nas entrevistas realizadas em Antônio Prado, encontramos um bom exemplo desse recurso: um informante do sexo feminino, mais de 70 anos, refere-se diversas vezes à entrevistadora como ‘*querrida*’.

Além disso, através dos registros etnográficos, foi possível perceber que as faixas etárias mais avançadas costumam participar de muitas atividades de lazer em Antônio Prado e fora da cidade. Os clubes de mães têm como membros muitas mulheres de mais de 50 anos de idade e o clube das vovós tem membros homens e mulheres – essas em maior quantidade – de mais de 60 anos. Esses grupos frequentam aulas de ginástica, palestras, passeios e viagens, entre diversas atividades que facilitam o contato com outras variedades e com o português padrão.

Outro fator que deve ser considerado para interpretação dos resultados obtidos para Faixa Etária é que temos, entre os informantes do BDSer, pessoas que exerceram atividades que propiciam o uso do português padrão e o contato com outras variedades linguísticas. Compõem o *corpus* pessoas que já exerceram cargos em secretarias da prefeitura de Antônio Prado, em igrejas da região, entre outras atividades. Essas pessoas tiveram, devido às demandas do cargo exercido, oportunidades de visitar outras cidades e estados, além de ter mais contato com o português padrão.

Veremos mais adiante, através do cruzamento entre variáveis que, quando interage com a variável Gênero, o comportamento da Faixa Etária difere quando se trata de homens e mulheres.

Tabela 5 – Número de sílabas

Fatores	Aplicação/total	Frequência	Peso Relativo
trissílabos	355/828	43%	0,53
monossílabos/dissílabos	381/924	41%	0,51
polissílabos	98/368	27%	0,40
Total	834/2120	39%	
Input: 0.350			significância: 0.016

Em relação à variável Número de Sílabas na Palavra, foi necessário amalgamar os fatores Monossílabos e Dissílabos devido à baixa quantidade de ocorrências de vocábulos monossílabos (40 ocorrências) que, inicialmente, estava gerando o enviesamento entre proporções e pesos relativos. Bovo (2004) enfrentou o mesmo problema com os dados de Caxias do Sul e optou por eliminar as ocorrências de monossílabos da amostra. Como consequência, o programa não selecionou a variável entre as que condicionam a aplicação daregra.

Os resultados na Tabela 5 mostram que, em Antônio Prado, os vocábulos monossílabos, dissílabos e trissílabos são neutros, os polissílabos desfavorecem a aplicação daregra.

Azeredo (2012) verificou, tanto com os dados do VARSUL quanto com os dados do BDSer, que os vocábulos trissílabos favorecem a aplicação da regra, sendo que, com os dados do VARSUL, os números são muito semelhantes aos encontrados em Antônio Prado na presente pesquisa, estando em torno do ponto neutro.

Tabela 6 – Posição da Sílabas na Palavra

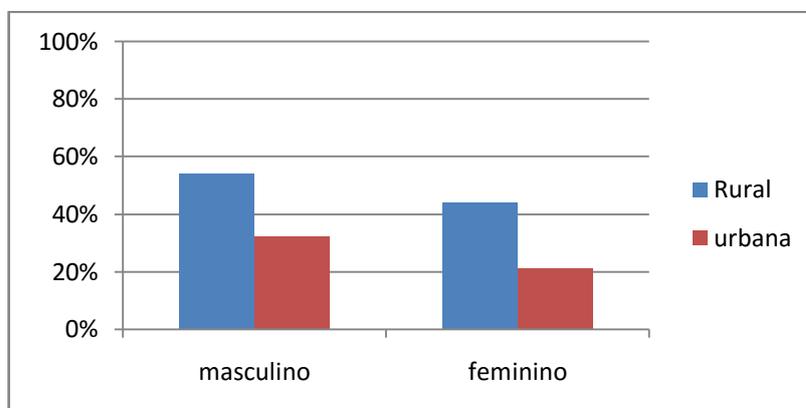
Fatores	Aplicação/total	Frequência	Peso Relativo
Inicial	574/1426	40%	0,52
Medial	260/694	38%	0,45
Total	834/2120	39.3	
Input: 0.350			significância: 0.016

Os pesos relativos na Tabela 6 para a variável Posição da sílaba na palavragiram em torno do ponto neutro, assim como os valores apresentados por Battisti e Martins (2011). No entanto, em Flores da Cunha, comunidade estudada por essas autoras, a posição medial tem o maior valor(0,53), enquanto em Antônio Prado a posição inicial aparece com 0,52. Em Caxias do Sul (BOVO, 2004), é a posição medial aquela que obtém peso relativo mais elevado (0,61), diferentemente de Antônio Prado. Talvez o comportamento diferenciado verificado em nossa pesquisa deva-se à interação com outras variáveis, como Posição da Sílaba na Palavra, o que o cruzamento de grupos de fatores pode revelar.

6.1.1 Cruzamentos de variáveis

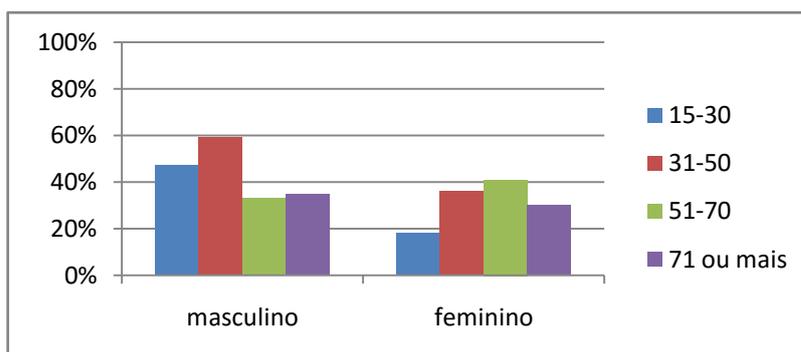
O Gráfico 2 confirma a hipótese de que sujeitos de zona rural utilizem a vibrante simples em lugar de múltipla com maior frequência, independentemente do gênero.

Gráfico 2 - Cruzamento entre Gênero X Local de Residência



Os homens aplicam um pouco mais a regra, seja na zona rural (54%), seja na zona urbana (32%).

O Gráfico 3 mostra o cruzamento entre Gênero e Faixa Etária, trazendo à tona algumas diferenças em relação aos resultados obtidos em outras pesquisas realizadas na região.

Gráfico 3 - Cruzamento entre Gênero e Faixa Etária

Em Antônio Prado, identificamos que a faixa etária 31 a 50 favorece a aplicação da regra, seguida da faixa de 51 a 70. Porém, com o cruzamento, podemos perceber que o comportamento da variável Faixa Etária interage com Gênero.

Enquanto os homens das duas faixas etárias iniciais utilizam mais a vibrante simples em lugar de múltipla, as mulheres de faixas etárias intermediárias aplicam mais a regra. Os homens de 31-50 aparecem como favorecedores da aplicação, enquanto as mulheres dessa faixa etária aplicam menos que as mulheres da faixa etária de 51-70. O gênero masculino, portanto, tem efeito sobre o grupo etário que aparece como condicionador da aplicação.

Poderíamos afirmar, com base nesse resultado puramente quantitativo, que os homens mais jovens são mais conservadores em relação ao uso da língua, enquanto no gênero feminino as mulheres de meia idade são as conservadoras.

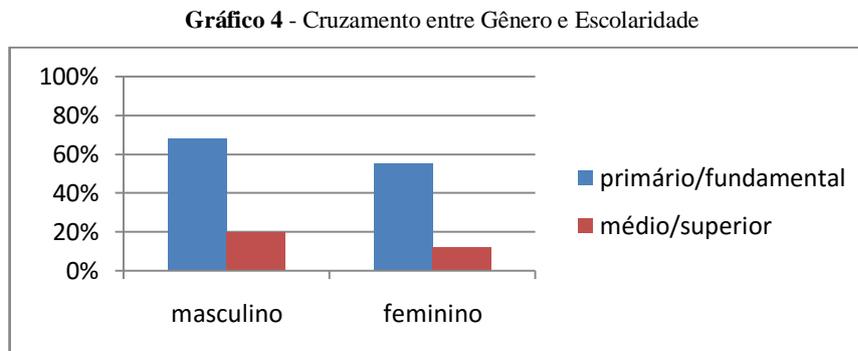
Ao observarmos no Gráfico 3 os resultados da faixa menor, 15 a 30, no cruzamento com gênero, percebemos a grande diferença quantitativa de aplicação da regra para homens e mulheres, chegando à conclusão de que, provavelmente, as meninas em idade escolar e acadêmica são mais afetadas por mudanças, através do contato com outras culturas e, conseqüentemente, com outras variedades linguísticas, seja saindo da cidade para estudar e/ou trabalhar ou, talvez, baseando-se nos padrões apresentados pela mídia.

Através dos registros etnográficos, percebemos que as mulheres jovens parecem sentir maior desconforto quando apontadas como pessoas que utilizam a vibrante simples em lugar de múltipla fora da cidade, em centros urbanos como Caxias e Porto Alegre, sendo identificadas como interioranas, o que as leva à adaptação. Os homens não se sentiriam tão incomodados com o estereótipo.

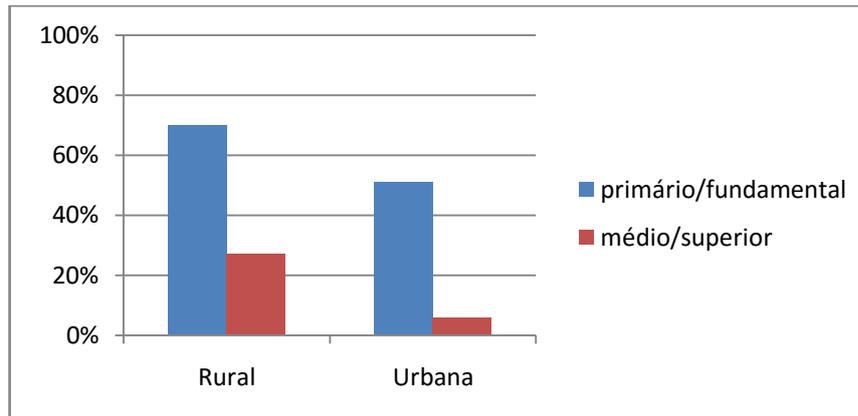
As representantes do gênero feminino que assumem a posição de conservadoras em relação aos aspectos lingüísticos são as mulheres que possuem entre 51 e 70 anos, seguidas das mulheres que têm entre 31 e 50 anos de idade. É possível que a participação das mulheres

dessas faixas etárias nas festas e eventos turísticos que ocorrem em Antônio Prado, resgatando as origens italianas, coloque-as como as que mais utilizam a vibrante simples em lugar de múltipla em comparação com as outras mulheres de outras faixas etárias porque talvez usem a variante para conferir maior autenticidade à sua fala. Alguns informantes, tanto mulheres quanto homens de faixa etária mais elevada, de 71 ou mais, utilizaram a vibrante múltipla onde se esperava a realização de vibrante simples (*querrida ~ querida/ Karrine~Karine*), e não o contrário, o que também contribuiu para que, em seus grupos etários, a proporção de uso de vibrante simples em lugar de múltipla fosse menor.

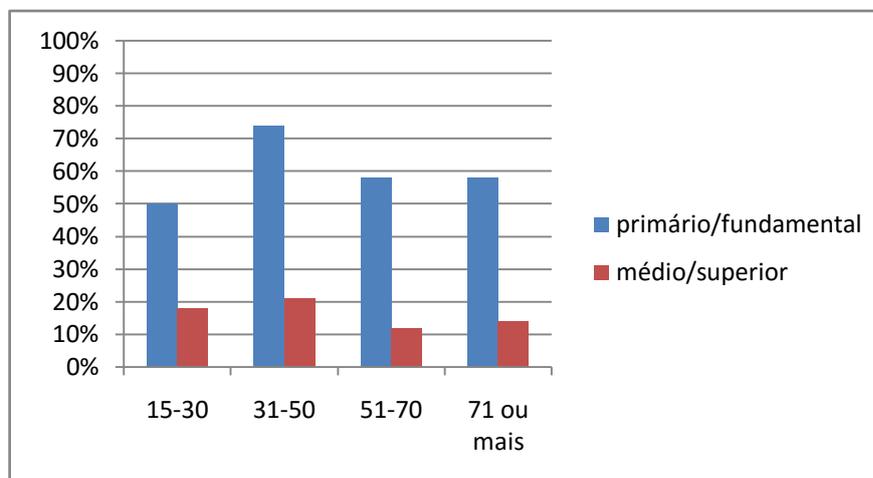
O Gráfico 4 corresponde ao cruzamento entre Gênero e Escolaridade.



O cruzamento entre essas duas variáveis confirma que, independentemente do gênero, a escolaridade mais baixa correlaciona-se ao emprego de vibrante simples em lugar da múltipla. As proporções do gênero masculino, tanto no nível Primário/fundamental quanto no Médio/superior, são levemente superiores às do gênero feminino. Esses resultados conformam-se aos de estudos anteriores.

Gráfico 5 - Cruzamento entre Local de Residência e Escolaridade

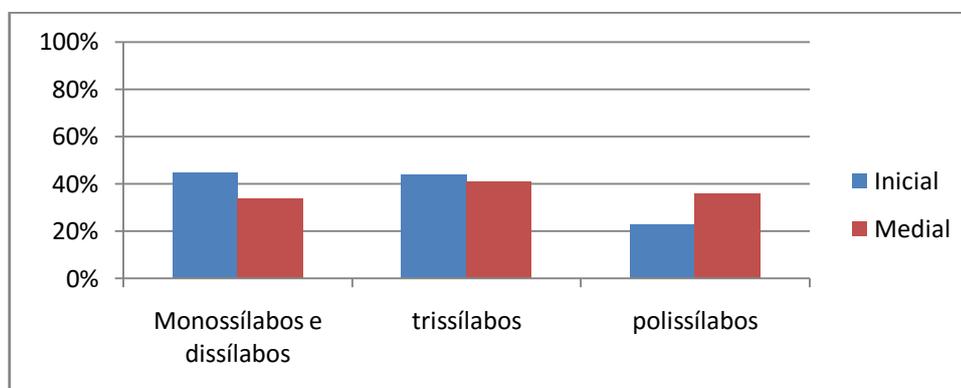
Assim como o cruzamento entre Gênero e Escolaridade (Gráfico 3), o cruzamento entre Local de Residência e Escolaridade também revela que é o nível Primário/fundamental o que se associa ao uso de vibrante simples em lugar de múltiplo, tanto na zona rural quanto na zona urbana.

Gráfico 6 - Cruzamento entre Faixa Etária e Escolaridade

O Gráfico 6 evidencia que, em Antônio Prado, a escolaridade, mais do que a Faixa Etária, é o que determina a aplicação ou não aplicação da regra. Quanto menor a escolaridade, maior é o emprego de vibrante simples em lugar de múltiplo em todas as faixas etárias.

6.1.2 Cruzamento de variáveis linguísticas

Gráfico 7 - Cruzamento entre Posição da sílaba na palavra e Número de sílabas na palavra



Os resultados no Gráfico 7 possibilitam perceber que a posição inicial em palavras com três sílabas ou menos apresenta maior proporção de realização da vibrante simples em lugar da múltipla. Ex: *respiro*, *rapaz*, *rio*. A posição medial apresenta maior frequência nos vocábulos polissílabos. Ex: *beterraba*, *carrancudo*.

A análise de regra variável com o cruzamento de grupos de fatores mostrou o forte condicionamento de variáveis sociais e a convergência para um padrão regional. Exceto por Idade, as demais variáveis mostraram um comportamento similar ao verificado em outros estudos. Isso significa que é possível conceber o padrão de emprego de vibrante simples em lugar de múltipla em Antônio Prado como parte de um padrão regional, da RCI-RS, muito provavelmente derivado dos processos sócio-históricos envolvidos na fundação de seus municípios. Que manifestações culturais, em termos de práticas sociais, hoje verificadas podem indiciar essa relação e sustentar a ideia de um padrão regional, bem como explicar peculiaridades de Antônio Prado?

Os resultados da variável Idade não permitem afirmar que a realização de vibrante simples em lugar de múltipla esteja decrescendo e venha a ser abandonada em Antônio Prado futuramente, como se verificou em outros municípios da RCI-RS. No entanto, esses resultados são interessantes porque, cruzados com os da variável Gênero, sugerem que uma gama de práticas sociais locais possa estar da base do padrão verificado. Que práticas seriam essas?

Buscar respostas para essas e outras questões é a razão da análise qualitativa realizada.

6.2 ANÁLISE QUALITATIVA

A etapa qualitativa foi realizada ao longo de três visitas a Antônio Prado. A primeira ida a campo durou apenas um dia e teve como objetivo ter o primeiro contato com a comunidade de fala a ser estudada. A segunda teve duração de três dias oportunizando a participação no jantar do Clube de Mães do centro da cidade e os registros etnográficos realizados através de entrevistas. A terceira e última visita durou um dia, possibilitando a participação da pesquisadora na FenaMassa, um dos eventos mais importantes promovidos na e pela cidade. Essas visitas estão relatadas em 6.2.1. Após as idas a campo e a obtenção dos resultados quantitativos foi possível pensar sobre um padrão regional envolvendo os nossos resultados e os resultados de estudos realizados em Caxias do Sul e Flores da Cunha. Nesse ponto surgiram as seguintes questões: Existe um padrão regional na RCI-RS? Qual seria esse padrão? De que forma ou até que ponto Antônio Prado se parece ou difere das outras cidades estudadas? Sobre essas questões discorreremos em 6.2.2.

6.2.1 Relatório das idas a campo: observações, registros e entrevistas

Em agosto do ano de 2014, foi possível conversar com uma das pessoas responsáveis pela loja de artesanatos ‘La Nostra Arte’, visitar a Secretaria de Turismo, a Secretaria de Educação, a Gruta Natural, a praça Garibaldi e a igreja Sagrado Coração de Jesus.

No primeiro local visitado, a loja de artesanatos, a conversa durou em torno de duas horas e obtivemos muitas informações sobre a cidade e seus costumes, tradições e história. A pessoa que nos atendeu mostrou a loja, contou-nos um pouco sobre o artesanato e sobre as artesãs que ali expõem seus trabalhos, falou sobre as características típicas dos descendentes de italianos, abordando inclusive aspectos linguísticos.

Na Secretaria de Turismo conhecemos os meios que a cidade utiliza para promover o turismo, abordando a italianidade: são vídeos e encartes sobre os pontos históricos e eventos que a cidade promove, sempre enfatizando a cultura e as tradições dos imigrantes italianos. O *slogan* utilizado é ‘Antônio Prado, a cidade mais italiana do Brasil’.

Na secretaria de Educação perguntamos sobre o ensino do dialeto ou do italiano padrão nas escolas. Há, nas duas escolas municipais de Antônio Prado, a oferta de italiano padrão para crianças de séries iniciais, em formato de oficina que ocorre uma vez por semana

durante uma hora. Os critérios para lecionar o italiano na oficina são ser professor de qualquer área e ter feito curso de italiano alguma vez. Nos outros níveis, não há a ensino de língua italiana. Talvez essa seja uma iniciativa que se conforma ao *slogan* da cidade. Porém, conduzida por profissionais sem a devida formação e interrompida após breve período, não contribui para que os estudantes efetivamente adquiram proficiência em língua italiana.

A segunda visita durou três dias do mês de julho de 2015. Ao chegar à cidade, na tarde do dia 08, a primeira providência foi fazer check-in em um hotel mantido por um morador local que herdou o negócio de seu pai. O hotel possui funcionários que são de Antônio Prado e funcionários que não são. Tentei aproximação com todos.

Aproveitando o tempo disponível antes do jantar do Clube de Mães, do qual eu participaria à noite, através da mediação de uma moradora da cidade com quem eu já havia mantido contato, procurei a pessoa com quem eu havia conversado há um ano na loja de artesanatos. Havia uma mulher jovem, aproximadamente 25 anos, atendendo no local. A intenção, nesse primeiro momento, era me aproximar e fazer com que ela se sentisse à vontade para, talvez, no dia seguinte conceder entrevista. Feitas as apresentações, expliquei a ela o motivo pelo qual eu estava procurando alguém do local para conversar. Passamos o resto da tarde falando sobre o artesanato, sobre os eventos, sobre os costumes e sobre as oportunidades de trabalho na cidade, especialmente para os jovens, faixa etária na qual a pessoa que me atendeu se encaixa. Ela contou que nasceu e cresceu em AP e confirmou o que muitos informantes já haviam mencionado nas entrevistas sociolinguísticas do BDSer: a maioria dos jovens sai da cidade para estudar e trabalhar, pois acredita que a cidade não ofereça alternativas para a formação universitária e o mercado de trabalho não comporte os profissionais que fazem cursos fora. Revelou ainda que pretende trabalhar na área da Educação Física, mas se mostrou insegura sobre atuar nessa área em Antônio Prado.

A atendente comentou que o artesanato é fonte de renda extra para quem faz os produtos que são comercializados na loja, pois a maior parte delas possui uma ocupação e, no tempo livre, faz artesanato. Essa informação também foi dada pelas duas pessoas com quem falei no dia seguinte, durante a roda de chimarrão que fizemos na loja enquanto conversávamos. Ela comentou também sobre a FenaMassa e sobre a Noite Italiana, explicando que a Fenamassa acontece na praça, onde são montadas barraquinhas e são servidos diversos tipos de massa. Já sobre a Noite Italiana, afirma que os jovens da região costumam ir para dançar e beber com os amigos.

Às 19h30min do dia 08, cheguei ao Clube de Mães do centro da cidade com a pessoa que me apresentaria ao grupo. Fui apresentada, nesse primeiro momento, individualmente

para algumas mulheres do Clube como uma amiga e estudante da UFRGS. Fui bem recebida, mas naturalmente com certa curiosidade por parte das integrantes do Clube, por isso, após o jantar, depois que todos os recados foram dados pela diretoria e todas nós já havíamos jantado, fui chamada ao microfone para fazer uma apresentação geral.

O jantar é organizado da seguinte forma: no primeiro momento a diretoria enumera o que está previsto para ser tratado durante a noite, esclarecendo como será o jantar, repassando avisos e convites, destacando datas comemorativas no mês (em julho, dia do amigo e dia das avós) e listando os nomes das aniversariantes do grupo. Logo depois são tomadas as decisões relacionadas aos passeios que o grupo realiza e aos eventos que estão por vir. Os membros votam, assinam listas demonstrando interesse no passeio ou na aquisição de alguma vestimenta ou material que seja necessário para alguma atividade extra.

Logo depois das informações da diretoria e das decisões do grupo, é servido o jantar feito pelas 'janteiras', que são membros escolhidos no jantar anterior para fazer e servir o jantar, além de arcar com a limpeza e de, ao final do jantar, oferecer um brinde. As janteiras escolhem o cardápio e podem escolher entre fazer o jantar na hora, na cozinha do clube, ou levar pré-pronto ou comprar algum prato específico. Geralmente há um prato principal, salada, pão e sobremesa.

O calendário de reuniões é determinado no início do ano, sendo o desse ano o seguinte:

Figura 14 - Calendário 2015 do Clube de Mães do Centro de Antônio Prado-RS

Clube de Mães
ANTÔNIO PRADO

*"Mãe. Mulher.
Ser sublime, cuja
bondade se exprime
em doses de amor!"*

CALENDÁRIO 2015

MÊS	DIA	PROGRAMAÇÃO
Março	11	Dia Internacional da Mulher Escolha da Madrinha
Abril	08	Palestra
Maio	13	Missa 18h Dia das Mães Enxoval do bebê Sorteio da rifa
Junho	10	Festa de São João Passeio
Julho	08	Bingo Dia do Amigo (20) Dia das Avós (26)
Agosto	12	Aniversário do Clube (23)
Setembro	09	Jantar a fantasia (04)
Outubro	14	Campanha do livro infantil Brinquedo infantil Visitantes
Novembro	11	Excursão Campanha do Kg Escolha Presidente 2016 Eleição Associado Destaque 2015 Conselho Fiscal 2015
Dezembro	09	Encerramento festivo Natal (25)

Fonte: Acervo pessoal.

O grupo promove palestras para os membros, recolhe e faz doações em datas especiais, como no Dia das Mães desse ano em que foram montados enxovais de bebê e doados a mães necessitadas. Em outubro, pelo Dia da Criança, serão recolhidos livros infantis e brinquedos para doar às escolas e instituições.

Para finalizar o jantar do dia 8 de julho, houve jogo de Bingo. Os membros compram cada cartela por três reais e participam das rodadas. Cantamos parabéns para as aniversariantes do mês, houve sorteio das 'janteiras' para o mês seguinte.

Embora possam diferir nas atividades realizadas, há agremiações como o Clube de Mães em todos os municípios da RCI-RS. Trata-se de um espaço coletivo de lazer e participação social. Os integrantes são, se não exclusivamente, principalmente mulheres. Das vestimentas às condutas, percebem-se práticas sociais de gênero coletivamente construídas. Quanto ao emprego espontâneo de vibrante simples em lugar de múltipla, percebi que não é grande a frequência, mas é aceito entre as mulheres participantes, especialmente quando produzido pelas mulheres de idade mais avançada.

No dia 09 pela manhã voltei à loja de artesanatos. Além da atendente com quem conversei no dia anterior, encontrei a pessoa que eu procurava, uma das responsáveis pela loja. Nesse momento também havia uma artesã no local.

A responsável pela loja reforçou algumas afirmações que a atendente havia feito no dia anterior, dizendo que o artesanato representa geralmente uma renda extra para as pessoas que o produzem. Ao ser questionada sobre os eventos que ocorrem na cidade e sobre a recepção de turistas, a informante diz que a Fenamassa movimenta mais o artesanato do que a Noite Italiana, pois acontece ao ar livre, na praça em frente à loja. As pessoas aproveitam e, além das comidas típicas da feira, acabam comprando itens de artesanato.

Segundo ela, a rotatividade é grande nos hotéis, mas acredita que o maior movimento seja de pessoas que passam a trabalho pela cidade, durante a semana, e não de turistas. Nesse ponto, critica a baixa quantidade de hotéis e restaurantes que existem em Antônio Prado. São dois hotéis no centro e duas pousadas na região rural. Os restaurantes, além de poucos, costumam fechar aos domingos. Os hotéis não servem refeições além do café da manhã. Isso, segundo ela, é um problema que pode afastar os turistas que, quando procuram um lugar para jantar em um domingo, não encontram opções nem no hotel, nem fora dele. Sobre isso, a informante número 1 das entrevistas etnográficas diz que um restaurante tradicional que existia, do Clube União, que sempre abria todos os domingos, não abre há mais de um ano. Segundo ela, o pessoal do hotel afirma que domingo à noite não tem nada aberto, apenas o

restaurante Porão e uma lancheria que vende lanches sob encomenda, mas restaurantes à noite não há, funcionam mais ao meio dia. Ela considera que isso seja uma falha na cidade. A informante acredita que deveria haver uma mobilização para conscientizar os donos de restaurantes, pois visam apenas ao retorno financeiro: ‘Devia haver um espírito mais comunitário, não só individual, financeiro’. Afirma ainda que é preciso pensar que, se a pretensão é ser município turístico, tem que haver opções nos fins de semana também.

Sobre os jovens da cidade, ela acredita que, nos últimos dois anos, um maior número de jovens que saiu para estudar retornou para trabalhar em Antônio Prado, talvez para ficar perto da família. Citou o exemplo de um jovem do sexo masculino que retornou e abriu um restaurante-cervejaria. Sobre isso, a informante número 2 das entrevistas etnográficas, a qual entrevistei após essa conversa com a responsável pela loja de artesanatos, afirma que os jovens que retornam geralmente são os que têm um sobrenome reconhecido na cidade. Quem volta para abrir algum negócio tende a ter sucesso quando é de família importante em Antônio Prado, já conhecida pelos moradores. Segundo a informante número 2, alguém que não é conhecido na cidade dificilmente consegue ter clientes e manter o negócio.

Ao falarmos sobre a pronúncia do (r) na região, conta que a filha sofreu muito *bullying* (provocação) em Caxias por utilizar o r-fraco (vibrante simples) e que parece que as meninas têm mais preocupação em se adaptar e se encaixar em uma comunidade que não utiliza o r-fraco. A responsável pela loja não fala dialetos italianos, apenas compreende, enquanto a artesã que ali estava fala dialetos italianos com amigos e parentes.

Dia 09, por volta de 14h, cheguei à casa da primeira informante prevista para gravação de entrevista. Ela tem 67 anos, é descendente de Italianos (pai e mãe) e membro do Clube de Mães. Sempre morou em Antônio Prado, mas estudou em cidades da região. A informante trabalhou como professora, supervisora, orientadora em Antônio Prado. Após a aposentadoria, teve um bazar e livraria por 16 anos. Casou na cidade e tem três filhas, sendo que duas delas moram e trabalham em Porto Alegre e uma tem escola de inglês em Antônio Prado. Uma das filhas morou na Itália por quase dois anos, o que possibilitou que a informante conhecesse o país, visitando-o duas vezes. A informante foi com a família à terra dos avós paternos. A família tem cidadania italiana. Logo que surgiu a oportunidade de fazer cidadania italiana, reuniram 30 pessoas da família e fizeram cidadania todos juntos. Foi nos primeiros grupos.

Chegou à Itália com a família achando que a pizza italiana era como a brasileira: “A pizza era muito melhor aqui do que lá. Lá tinha uns três ou quatro tipos de pizza e aqui tem essa variedade enorme entre salgadas e doces. Doce lá nem se cogita”. Afirma ter estranhado que eles comem mais carne de porco, por exemplo. Ela achou que as sobremesas daqui, que

dizem ser italianas (a ambrosia e o sagu), que conheciam como típicas dos italianos, lá não encontraram em lugar nenhum. Gostou muito do sorvete de lá. Afirma que era bem diferente a alimentação. Ela conta sobre uma sopa que sua família comia muito, receita da sua avó: *canederli*. Segundo ela, a família chamava de *calendre*. Depois ficaram sabendo que era *canederli*. A informante explica que “é uma sopa em que se faz umas bolas, tipo umas bolas de gude, com pão ralado, queijo ralado, salame frito, tempero verde, faz umas bolinhas e depois faz um brodo que é um caldo e quando as bolinhas levantavam estava pronto”.

Ao surgir o assunto da gastronomia, introduzi uma pergunta sobre a Fenamassa, evento que acontece na cidade, em outubro, e questionei se a informante participa desses eventos. A informante diz participar não como organizadora, mas assessora se necessário. Na época em que a informante tinha o bazar não ocorria a Fenamassa, então ela participava muito da Noite Italiana. Participou desde as primeiras festas. Quando o pai era vivo e tinha comércio, eles participavam muito e, depois, quando ela teve o bazar, também voltou a participar. Durante alguns anos fez parte da diretoria e durante outros participou só como colaboradora da Noite Italiana. A informante afirma que vem bastante gente de fora da cidade para a Noite Italiana: vem ônibus de Lages, de todos os municípios da região, vem gente de São Paulo, Mato Grosso, Rio de Janeiro. A Noite Italiana já está integrada ao calendário das promoções regionais, então vem muito mais turista do que morador local. Ela acredita que 85% são turistas. Vem bastante gente da terceira idade, vem bastantes famílias. No começo eram mais os parentes do pessoal de Antônio Prado, depois o evento foi sendo divulgado e atualmente eles nem fazem tanta propaganda, marcam as datas e o pessoal já conhece. Já a Fenamassa é mais recente. Da primeira edição para a segunda, mais do que dobrou a quantidade de pessoas. A Noite italiana começou no saguão de uma escola, depois foi para o salão da gruta e depois foi para o pavilhão de eventos (que foi construído pelo prefeito de umas três ou quatro gestões atrás).

Alguns clubes abrem cozinhas no evento, mas o clube da informante não faz isso. Já fizeram docinhos para fora, mas a anos atrás. Nessa época, faziam feiras, ocupavam uma das casinhas na praça e vendiam os produtos. Depois houve um movimento político, segundo a informante, que tirou essas casinhas da praça. Eram casinhas típicas em que uma vendia crochê, outra vendia comida. E houve um movimento na gestão do prefeito passado, houve alguma reclamação e foram tiradas essas casinhas, como há em Nova Petrópolis. Na opinião da informante, foi uma pena, pois o turista chegava e gostava muito, até mesmo o pessoal da localidade participava bastante.

Sobre a procissão de Corpus Christi, que atrai muitos turistas, a informante demonstra certa indignação e tristeza, pois esse ano não houve a exposição dos tapetes de serragem. O tapete foi feito com roupas que depois foram doadas. Ela afirma não desmerecer a apresentação que teve, diz que foi muito bonita, diferente, mas o povo reclamou que não houve a procissão. Poderiam ter feito isso com as roupas e também ter feito a procissão com tapetes de serragem porque era tradicional. Ela também comenta sobre mudanças que têm sido feitas nas festas de Nossa Senhora de Lourdes e Nossa Senhora do Rosário, dizendo que muito das tradições têm se perdido.

Participa do Clube de Mães há mais de 20 anos. Já foi por duas vezes presidente e, atualmente, é do departamento social da diretoria. A informante explica que o objetivo primeiro do Clube de Mães é lazer e o segundo é participação na comunidade. Conta que o grupo realiza excursões curtas como opção para as mulheres que não podem se afastar muitos dias, então o grupo dá oportunidade para todas poderem participar. Ela acredita que o Clube de Mães do centro (do qual faz parte) tenha (em julho de 2015) em torno de 50 a 60 mulheres membros. O grupo convida mulheres da comunidade para um jantar para que vejam como funciona e vejam se gostam e, depois, convidam para se associar. Todos os membros do grupo do centro têm mais de 40 anos de idade, com exceção da presidente atual, que tem em torno de 30 anos. A mãe da presidente atual era sócia há mais tempo e a filha entrou no ano passado. Esse ano é presidente do Clube de Mães.

Sobre o falar dialetal, a informante conta que seu pai foi comerciante, então desde pequena ia à loja do pai e conhecia todo o trabalho de comércio, ajudava no fim do dia a fazer o caixa, ajudava nas vendas e a fazer o balanço. Naquela época, atendia muita gente que vinha do interior e falava só italiano. Ela não tinha muita facilidade para falar fluentemente, mas entendia tudo que eles diziam. O seu pai quase não falava italiano, mas a mãe falava bastante e trabalhava no comércio com o pai da informante. A informante tem cinco irmãos. Eles entendem o dialeto. As filhas e os netos da informante não compreendem o dialeto.

A informante tem cinco irmãos. Apenas um ainda mora em Antônio Prado. Ela conta que os irmãos quase todos se formaram fora e ficaram fora do município. Tem um irmão que começou a trabalhar em Vacaria e depois retornou para Antônio Prado. Só um irmão, que é dentista, se formou e se firmou no município. Os outros todos ficaram fora. Naquela época, segundo ela, muito mais gente se formava e não ficava na cidade. Não tinha quase indústria. Na época em que o seu pai casou, existiam três bancos na cidade. Antônio Prado era bem movimentado porque era um entreposto, o pessoal vinha, e seguia para a zona do campo, Vacaria, Lages. Passavam todos pelo município. Nessa época os filhos estudavam, saíam,

ficavam fora. Aí foi criado o Moinho do Nordeste, uma das primeiras grandes indústrias da cidade. E então o pessoal começou a voltar, abriram indústria de móveis, entre outras. A informante acredita que atualmente o pessoal se fixa mais. Depende da oportunidade de trabalho e não do gênero, segundo ela.

A informante faz comparações entre a sua infância e a infância atualmente. Ela diz que não havia grandes eventos sociais, então faziam reuniões dançantes, por exemplo, nas casas. Reuniam os grupos de amizade quando criança e brincavam muito de ir ao mato, tirar cipó das árvores. Faziam brincadeiras coletivas. Não tanto entre irmãos, mas com a rua toda, a quadra inteira. Eram umas 25 crianças só na quadra onde ela morava (e mora hoje). Tinha um cinema que passava seriados. Na época, havia o Robin Hood, todas as crianças brincavam com arco e flecha, os guris e as gurias também. Depois era o Zorro, passava o seriado uns três ou quatro fins de semana, então todo mundo brincava com as espadas. E as meninas brincavam bastante de boneca. Ela e os amigos faziam bastantes feirinhas de venda na quadra onde moravam, vendiam livros usados. As filhas da informante, durante a infância, vendiam temperinhos nas casas. Faziam bijuterias. Talvez brincassem muito disso porque o pai era comerciante. A informante diz que as brincadeiras eram familiares, era mais para reunir, ter proximidade entre as crianças. Ela conta que o pai dava óleo de rícino para ela e os irmãos, uma vez a cada semestre mais ou menos. E quando ele dava, reunia toda a criançada, não apenas os filhos dele, mas os filhos das vizinhas. Ela lembra que ele fazia uma fila e dava a colher de óleo de rícino. A mãe da informante ficava ao lado dando meia laranja (que ela carregava em uma bacia) para cada criança, para amenizar o sabor ruim do óleo de rícino. A informante conta que os seus pais sentiam-se responsáveis pelos filhos dos vizinhos também. Assim como os vizinhos se responsabilizam por ela e seus irmãos quando estavam na casa deles. Ela e os amigos costumavam brincar mais na rua do que dentro de casa. Quando chovia faziam barreiras de barro com pedrinhas, represavam a água e colocavam barquinhos de papel feitos de dobraduras, tomavam banho com a água que caía da calha da casa. Todos ficavam na rua, tomando banho. Ela afirma que brincavam muito na rua e que quase não tinham aparelhos eletrônicos. Toda essa aparelhagem que os netos têm hoje não havia quando ela era criança. A informante conta que as crianças se protegiam entre si. Quando iam, por exemplo, para o mato pegar cipó, tinha desde crianças de sete, oito anos até jovens de dezenove, vinte anos. Ela diz que os seus pais não ficavam preocupados porque um cuidava do outro, e que hoje as crianças são mais individualistas. A informante lembra que desciam a rua com os carrinhos de lombas. O marido da informante chegou a fazer um carrinho de lombas para o neto mais velho. É um carrinho todo do grêmio, nas cores do time, com buzina e tudo mais. Ela conta que o

neto andou apenas uma vez no carrinho e agora ele está guardado na garagem da casa da informante. Ela diz que era uma coisa da infância do marido, mas que já não faz parte da infância do neto.

Figura 15 - Carrinho de Lomba exposto no museu da cidade de Antônio Prado



Fonte: Arquivo pessoal.

A informante comenta que existe o clube da terceira idade que tem quase 200 associados. Apenas 8 ou 9 homens. Ela conta que os homens jogam mais baralho, não participam tanto desse tipo de grupo em que as mulheres participam. O grupo da terceira idade tem um chá mensal. Os integrantes fazem hidroginástica, jogam baralho, fazem artesanato, alongamento. Os homens normalmente gostam de jogar cartas ou ir a um bar. A informante acredita que tenha poucos homens no grupo porque em geral é a mulher que fica viúva, é mais comum. E também porque eles preferem jogar cartas.

Encerrei a primeira entrevista na casa da informante número 1 e fui a pé até a casa da informante número 2, que também participa do Clube de Mães e tem perfil semelhante ao da primeira entrevistada. Ambas têm entre 60 e 70 anos e possuem curso superior, além de morarem no Centro Histórico. Por algumas vezes, essa entrevista foi interrompida pelos toques de campainha e de telefone.

Começo a entrevista explicando os objetivos da pesquisa e falando um pouco sobre o tipo de perguntas que seriam feitas. A informante inicia se apresentando, tem 64 anos e é natural de Antônio Prado. Saiu para estudar com 16 anos, pois não havia segundo grau (ensino médio) na cidade. A informante conta que foi para Caxias e lá se sentia envergonhada por ter um jeito de falar diferente de parte de suas colegas. Coursou magistério e o curso clássico. As meninas do magistério eram também do interior em sua maior parte, então entre

elas não havia problemas, segundo a informante. No clássico a turma era mista, homens e mulheres, e nessa turma a informante percebia diferenças no falar dos colegas. Ouvia os colegas dizerem que ela era do interior, que era “lá de Antônio Prado”, como se ela morasse na colônia. Ela lembra que, na época, nem a ponte existia, era preciso atravessar o Rio das Antas de balsa para ir estudar.

Na faculdade, conta a informante, teve problemas por causa da pronúncia, do sotaque. Afirma ter recebido uma nota 9,8 (de um total de 10) e questionado ao professor o porquê. O professor teria justificado afirmando que o problema era o sotaque da aluna, pois ela falava tudo muito redondo, como por exemplo ‘vinte’, enquanto ele afirmava que ela deveria dizer ‘vin[tʃi]’. Ela afirma que ficava apavorada. Conta que, em Caxias, ficava com uma família de pessoas conhecidas desde Antônio Prado, e que falavam mais ou menos assim, mas que ela nunca reparou, nem comparou a fala das pessoas.

Mesmo estudando fora, a informante nunca se desligou de Antônio Prado. Sempre retornava para a cidade. Trabalhou como professora de escola pública desde 1970 até se aposentar em 1996. Após esse período, lecionou até 2007 em escola particular.

A informante número 2 também comenta bastante sobre o Clube de Mães, dizendo que desde que entrou para o Clube de Mães participa das diretorias. Ela diz que o trabalho no grupo também é voluntário e é uma forma de lazer, pois o grupo viaja, se diverte com pequenas coisas. O Clube surgiu porque não existia Secretaria de Habitação e Ação Social no Rio Grande do Sul. Então o governo do estado promovia a formação de alguns clubes nesse sentido, para reunir as mulheres. A informante não lembra a data exata que entrou para o clube. A pessoa se associava, o grupo tinha que ter um estatuto, um regimento. A maioria das mães que participava naquela época não trabalhava fora, tanto que o clube se reunia na parte da tarde. O objetivo era reunir as mulheres para lazer, aprender sobre a saúde da mulher, sobre a mulher em relação aos filhos. Antigamente, as mães que não trabalhavam fora faziam promoções, se reuniam, tricotavam, faziam crochê e vendiam em uma feirinha. Antigamente, também as mães se dispunham a fazer a comida em alguma festa que tivesse na cidade. Hoje, as mães não se dispõem tanto, porque muitas trabalham fora.

O dinheiro das vendas era revertido para as viagens do grupo. Faz bastante tempo que o clube não viaja para fora do estado, mas já houve o tempo em que viajavam para o Rio de Janeiro, Curitiba, Santa Catarina, Buenos Aires, com uma parte do dinheiro do próprio clube e uma parte que cada uma acrescentava. Mas como a maioria não podia ir, o clube achou que não era justo que a maioria trabalhasse e cooperasse e apenas algumas pudessem ir. Ficou

decidido que, quando a maioria pudesse participar de jantares e viagens para locais mais próximos, dentro do estado, a diretoria pagaria o ônibus.

Segundo a informante, o Clube de Mães deu origem a outros grupos como o Coral (Vozes do Prado) e o Clube das Vovós. Este último surgiu porque as mães já estavam ficando mais de idade e muitas vovós já não saíam de casa, então decidiram formar um grupo para as mulheres de faixa etária mais elevada. A informante explica que o Clube das Vovós funciona no mesmo prédio que o Clube de Mães: na parte de cima funciona o de mães e muitas outras entidades e na parte de baixo apenas o das vovós, pois ele tem atividades fixas: dia do jogo de cartas, dia da dança, dia de ginástica, dia da palestra, dia do chá mensal. Durante a semana, elas também têm um coral próprio. A informante afirma que do Clube de Mães que ela participa surgiram muitas ideias.

Ela conta que há um clube das mães mais jovens (de 25 a 50 anos) que assume o restaurante típico tradicional durante a Fenamassa, servindo sopa de agnolini, polenta, polenta frita, radicci, pescoço recheado, e depois rateiam os custos. No grupo do qual ela participa a média é 60 anos. As associadas do Clube das Vovós têm mais de 70. As associadas podem participar do clube de mães e também do das vovós, se quiserem, mas a maioria quando migra fica no das vovós.

Retorno ao assunto do Clube de Mães por ser a comunidade de prática que pude observar, participando de um jantar, e que representa as mulheres que têm certo status na cidade em função das atividades que exercem. Ela conta que as janteiras fazem parte de um grupo de sete mulheres encarregadas de fazer o jantar para as outras colegas. Elas se reúnem uma semana antes e escolhem o cardápio: um cardápio que agrada a maioria, que seja gostoso, seja econômico. Elas compram os gêneros e alguns grupos cozinham, outros mandam fazer, outras chamam uma pessoa pra fazer e só auxiliam. O cardápio é bem variado.

Cada grupo de janteiras oferece um brinde. Uns grupos compram, outros trazem de casa. Antigamente traziam de casa uma toalhinha de prato confeccionada por elas, um doce, um bolo, um panetone. Cada uma trazia um brinde. Algumas mães fazem como no jantar de julho: compram um doce de abóbora e sorteiam cada uma um doce de abóbora. Outras compram um pote, ou um adereço, ou uma caixinha de sabonete. A confraternização e a integração são muito boas, pois não se escolhe com quem vai fazer o grupo, é decidido por sorteio. No começo era por afinidade, mas acontecia de haver grupos como o das associadas inexperientes, que se sentiam desgarradas, segundo a informante. Hoje se faz sorteio justamente para que todas interajam e se conheçam. Ela conta que, no jantar de julho, quando chegou para arrumar as mesas, percebeu que umas não sabiam os nomes das outras, porque

três delas entraram esse ano e não eram conhecidas pelo grande grupo. A informante considera muito positivo o sorteio, pois as mulheres já saem do jantar com uma amizade formada.

A informante conta que as mulheres do Clube de Mães participam de diversas associações como Lions¹⁴, Rotary¹⁵, entre outras, e eventos como a festa da gruta, Noite Italiana, entre outros. A informante participa de alguns como a instituição Prevenção e Apoio ao Toxicômano Reviver (PATRE), entidade que trabalha com os toxicômanos. O grupo do Lions realiza eventos como Mocotó Beneficente para ajudar a PATRE. Segundo a informante, é um auxílio e também um momento de confraternização. Muitas mães do grupo também participam do Lions.

Sobre as práticas sociais dos homens, conta que os que participam da maçonaria geralmente participam também do Lions e do Rotary. Fora esses grupos, os homens participam de jogos de baralho, bocha, times de futebol. Ela conta que os jogos de vôlei e futebol são bastante procurados por homens e mulheres que ocupam as quadras de esporte dos clubes à noite, de 18h até 22h.

Ela afirma que a Noite Italiana também foi ideia do Clube de Mães. A informante conta que uma senhora, dona Gema, que já faleceu, certa vez viajou para a Itália, para a região do Vêneto e presenciou uma festa tipicamente italiana. Quatro casais viajaram na época e ela voltou com a ideia. Casualmente as quatro mulheres eram do Clube de Mães do qual a informante faz parte. Então elas convidaram o grupo para ajudar a fazer a polenta, cortar o salame e o queijo. Aos poucos a Noite Italiana foi se tornando conhecida em todo o Brasil, segundo a informante. As associadas do Clube das Vovós participam muitas vezes, além da recepção dos convidados, na composição de cenários típicos, como aqueles em que os vovôs fazem cestas de vime, dressa¹⁶, algumas mães fazem crochê e tricô. Então fica um cenário em que as pessoas vão trabalhando para que os turistas possam ver. Na recepção tem um grupo que canta enquanto os convidados entram, pois é um ambiente muito grande no centro de eventos. Nessa recepção o coral às vezes canta, ou tem o DJ que coloca músicas italianas e

¹⁴A *Lions Club International Foundation* é uma agremiação americana que tem como missão apoiar os esforços dos Lions Clubes e parceiros para atender a comunidades locais e de todo o mundo, dar esperança e contribuir para a vida das pessoas por meio de subsídios e projetos de serviços humanitários. Fonte: <http://www.lcif.org/PO/about-us/mission.php>

¹⁵Criado na cidade de Chicago, nos EUA, no ano de 1905, o Rotary é a mais antiga organização internacional de clubes de serviço. Os associados a esses clubes são chamados de rotarianos. Eles são homens e mulheres que prestam serviços voluntários às comunidades onde atuam profissionalmente, ajudando a promover a ética nos negócios e desenvolvendo projetos em diversas áreas, como saúde e educação, cujo grande objetivo é estimular a boa vontade e a paz mundiais. Fonte: <https://www.facebook.com/rotaryclubantonioprado?fref=nf>

¹⁶Palha de trigo trançada para fazer cestas, chapéus, etc.

aparece esse cenário, algumas mães fazendo crochê. Os visitantes interagem. Hoje, o evento tem as banquinhas dos artesãos e do próprio clube para vender os produtos, mas o objetivo maior não é vender. O objetivo é mostrar que existe um trabalho, conta a informante.

Sobre os jovens saírem ou não da cidade para estudar e trabalhar, a informante diz que controla isso desde que Nova Roma do Sul pertencia a Antônio Prado. Ela diz que a população de Antônio Prado sempre girou em torno de 14.000 habitantes, incluindo Nova Roma. Quando Nova Roma deixou de pertencer a Antônio Prado (1987), passou a 13.200 mais ou menos. Hoje, acredita que não chega a 13.000. Como a informante sempre participou da Secretaria de Educação, tinha acesso ao levantamento do número de alunos. Ela afirma que, em vez de aumentar, só diminuía, e diz que um dos motivos talvez seja o menor número de filhos que cada casal tem hoje. O número de filhos por família vem reduzindo.

A informante conta que, quando começou a trabalhar na prefeitura, em 1984, o município tinha 42 escolas. Hoje o município tem apenas duas. Só Nova Roma do Sul tinha 11. Tirando essas 11, então 31 eram de Antônio Prado. Mais tarde foram municipalizadas algumas escolas estaduais. Às vezes havia escolas com cinco alunos na pré-escola, primeira, segunda, terceira e quarta séries. A informante explica de que maneira foram fechando as escolas do município: à medida que o professor se aposentava – e houve uma época em que isso aconteceu bastante – ele não era substituído por outro. Foram convencendo os pais de que precisava o transporte e colocavam as crianças nas escolas mais próximas. No terceiro ano do programa do transporte escolar, o município ficou com seis escolas daquelas 31. Hoje tem duas. Mas duas que têm o ensino fundamental completo. Todo o município vem para o centro para estudar. E assim também foi o ensino médio. Ela conta que as crianças faziam até a quinta série na colônia e depois não estudavam mais.

Sobre a faculdade, hoje se vê que quem tem uma propriedade organizada onde tem um sindicato – os pais fazem parte do sindicato – eles conservam a sua unidade no interior e os filhos vão para a faculdade e também se interessam por retornar para a propriedade no interior. Mas não são propriedades com muitos filhos. Antigamente, quando não tinha transporte escolar e não tinha como pagar uma pensão para morar – como no caso da informante quando saiu para estudar – ia-se como empregada doméstica. Alguns iam parar nos pensionatos. Os estudantes costumavam retornar para Antônio Prado porque tinha local para trabalhar. Hoje se formam nutricionistas, fonoaudiólogas, médicos, administradores de empresas, e o município não os absorve. Alguns até tentam retornar, mas percebendo que não há demanda por mão de obra, não há mercado, acabam saindo novamente da cidade.

O filho da informante formou-se em Direito, mas não exerce a profissão. Após o curso, viajou para a Irlanda e, quando retornou, resolveu trabalhar com o pai na firma onde o pai era um dos sócios. O marido da informante fazia aberturas em madeira e não apoiava a decisão do filho de trabalhar com isso, incentivava o filho a voltar aos estudos. A informante sugeriu que o marido permitisse e desse para o filho a sua parte. O marido faleceu no mesmo ano e, como a informante e o filho não se entenderam com os sócios, venderam as suas partes. O jovem montou uma indústria de blocos de concreto, passou por muitos e muitos obstáculos. Faz três anos que tem a própria empresa.

A informante considera, tomando por base o seu filho, que os jovens não participam muito de eventos e atividades que envolvam as tradições. Ela dá como exemplo o estudo da língua italiana, dizendo que só se interessam quando já são um pouco mais velhos ou crianças, considerando que os jovens que têm entre 18 e 29 anos não costumam se envolver com questões tradicionais.

A informante diz que considera o interior riquíssimo hoje, explicando que há filhos de empregados que fizeram o ensino médio. Esses não têm chance no interior porque vão continuar sendo empregados. Se eles arrumam emprego fora, vai a família inteira. Já os filhos dos patrões conseguem outros trabalhadores e têm até carro para ir da cidade para o interior. Eles vão para a faculdade, voltam, se formam e ficam no interior. Ela percebe que eles já escolhem o curso de agronomia. Muitos fazem o ensino médio e fazem um curso técnico. Esses ficam na sua propriedade. A informante conta que a Secretaria de Educação trabalhava com a EMATER¹⁷, junto com o sindicato rural, esses órgãos traziam cursos para o município, para que esses alunos trabalhassem com a propriedade, com a agroindústria, com o que eles produziam. Ela dá o exemplo de uma família da cidade que cresceu bastante rápido e saiu do município porque não tinha mais chance, eles viam que o negócio era muito rentável. Eles progrediram muito e hoje eles têm presença em Brasília, em Vacaria, trabalham com hortifrutigranjeiros e importam. Hoje eles não querem mais nem os produtos da região porque não têm qualidade. A informante conta que as cooperativas que recebem os produtos dos agricultores percebem que aqueles agricultores que estudaram e trabalharam em cima do seu produto têm um rendimento muito bom. Mas a informante conta que se vê ainda o agricultor, o pai, que ainda acha que tem que ser com enxada que tem que trabalhar. Então o produto não

¹⁷EMATER é um órgão do governo brasileiro cuja missão é promover o Desenvolvimento Rural Sustentável por meio de ações de assistência técnica e extensão rural, mediante processos educativos e participativos, visando ao fortalecimento da agricultura familiar e suas organizações e criando condições para o pleno exercício da cidadania e a melhoria da qualidade de vida da população gaúcha. Fonte: <http://www.emater.tche.br/site/a-emater/missao-visao.php#.Vj4DYXqrRdg>

é tão valorizado. E todos querem que a sua propriedade seja como uma mini-indústria. Afirma que quem não tem internet hoje limita o seu trabalho, pois os antigos não sabem mais nada. Ela diz que, por isso, vê os filhos ajudando muito os pais.

Sobre os eventos que ocorrem na cidade, a informante diz que as pessoas da cidade participam, mas como já conhecem, às vezes eles vão porque recebem amigos e conhecidos de fora para levar ao evento. Conta que a Mostra Del Paese não acontece mais, pois era composta por muitas indústrias moveleiras e elas foram fechadas e foram abertas empresas voltadas para a gastronomia, principalmente da massa, do agnolini, de tudo que é feito com massa. Então deram o nome da Fenamassa. Foi feito um levantamento que mostra, nos dois fins de semana da Fenamassa, quantas pessoas vieram. O levantamento foi feito por duas estudantes da universidade (a informante não especifica qual universidade) as quais foram contratadas para fazer esse trabalho. Foram feitas entrevistas e uma avaliação. Elas comprovaram o que se vê: a maioria dos participantes é de pessoas da cidade. E as que vieram de fora gostaram muito do evento e vieram por mais de uma vez. A informante diz que, quando vai, ela conhece as pessoas que estão nos eventos. Ela afirma que vêm grupos de fora, mas que estão junto com pessoas da cidade. Antigamente era feito o reencontro e convidavam os parentes e conhecidos para vir um dia para a cidade para o reencontro. Era feita uma festa com almoço, as pessoas se identificavam e diziam de onde eram. Era possível ver quantas pessoas saíram de AP e não voltaram e quantas ainda gostavam de Antônio Prado.

A informante conta que, nas rodas de amigos dela e das irmãs, poucos eram de Caxias, muitos eram de Antônio Prado, Guaporé, Bento. De Caxias são os filhos desses amigos. Ela conta que de AP saiu muita gente. Conta que às vezes ouve na rádio a notícia da morte de alguém que saiu da cidade faz tempo e que é velado na cidade onde mora, mas é enterrado em Antônio Prado. De uma forma ou de outra, quem sai de Antônio Prado, pode até não retornar, mas mantém um vínculo afetivo com o local. Ela percebe que existe um saudosismo, um gostar, um querer bem.

Porém a informante diz que existe um ou outro que fala mal, dizendo que Antônio Prado não vai adiante, que é muito pacato. Já compararam a uma cidade da Itália, denominando a cidade como Slow City¹⁸. Já foram feitos seminários para discutir como as pessoas percebem Antônio Prado, o que projetariam para a cidade, como gostariam que ela

¹⁸Slow City é um movimento urbanístico e arquitetônico que defende um desenvolvimento urbano sustentável e a proteção da qualidade de vida e do bem-estar da população. Esse movimento iniciou em 30 cidades italianas e se expandiu por outros países, incluindo o Brasil. Duas cidades brasileiras estão incluídas: Antônio Prado-RS e Tiradentes (MG). Fonte: <http://www.serragaucha.com/pt/paginas/patrimonio-historico-nacional/>

fosse. A informante diz que nem os jovens gostariam que tivesse muitas fábricas, nem muito progresso. Percebe, morando na avenida (desde que casou morou em três locais, sempre na avenida) que as casas da avenida e “aqui de cima”, como ela se refere, são todas de proprietários. Ninguém vende a sua propriedade para outro. Afirma que, só ao redor da praça, as pessoas deveriam abrir as casas tombadas para algum comércio ou serviço. Ela dá o exemplo da informante número 1, também membro do Clube de Mães, que tem a casa tombada e alugou para uma cafeteria, mas não faz muito tempo que isso acontece. Ela diz que a informante número 1 é proprietária do local, a casa ao lado de vez em quando é aberta para ser, por exemplo, sede de algum partido político, ou para alguém que quer fazer uma exposição. Depois tem a prefeitura e outro casarão. A informante resume: as pessoas são donas, mas não alugam, não vendem, não fazem nada. Diz que algumas pessoas reclamam que a praça é um deserto, mas que se fossem abertos estabelecimentos, movimentaria. Ela diz que já começaram e que quando percebem que dá lucro, “se antenam”. Muitos não querem vender. Ela acredita que muita gente ganha muito em seus investimentos e investe em outra cidade, comprando imóveis para alugar, não investem no município. Diz que falta mão de obra na cidade e um dos motivos é que, se vêm trabalhadores de fora, não têm onde morar. Quase não há casas para alugar ou vender. A informante diz que hoje, com a crise, a Viprado, que é uma fábrica muito grande, que não faz muito tempo que começou, tinha três turnos, já despachou todos os empregados do noturno. Comenta que não sabe como está o Moinho do Nordeste, mas que também deve estar nessa situação.

Além disso, a informante comenta que existem pessoas que guardam dinheiro e vão comprando, investindo fora do município e as pessoas da cidade nem sabem que tem. Percebe que há também aqueles que “se aproveitam” de um momento de fragilidade econômica de alguém para fazer proposta de compra da casa, oferecendo um preço mais baixo. E, se compra, deixa ali parado, como se quisessem se tornar donos da cidade inteira.

Sobre o tombamento das casas, assunto polêmico em Antônio Prado, a informante diz que é a favor e considera original, pois se não houvesse o tombamento a cidade iria se descaracterizar totalmente. Ela afirma que isso valorizou a cidade e que o governo, tanto federal como estadual, se preocupa. Ela diz que as pessoas que têm as casas tombadas foram e estão sendo beneficiadas, pois restauraram as suas casas e estão recebendo manutenção, mas não é uma manutenção permanente. A informante diz que é possível lucrar em cima disso, mas é preciso trabalhar.

Nesse ponto, conversamos sobre as condições dos hotéis e restaurantes em relação ao atendimento ao turista. Acredita que melhorou bastante de uns tempos para cá. Ela conta que,

na primeira vez em que trabalhou na prefeitura, a secretária de administração era Inocência Bernardi, secretária no governo de 84-85. Quando criaram a Secretaria de Turismo, ela foi a primeira secretária de turismo e o tombamento já havia acontecido. A secretária se preocupava muito com a preservação. Então foi criado um museu. A secretária saía a campo para arrecadar fundos para criar, por exemplo, o museu. A secretária ia para Gramado, Canela, Nova Petrópolis para ver como funcionavam as pousadas, por exemplo. A informante foi com a secretária a esses lugares e elas sabiam que as pessoas da pousada Zanotto e da pousada De Rossi, de Antônio Prado, tinham vontade, então os levavam para que vissem como funcionava. Eles fizeram suas pousadas. A informante acredita que o poder público não precisava fazer por eles, mas tem que abrir um pouco o caminho. Eles depois vão fazendo. A informante diz que hoje já estão consolidadas, tanto a Pousada Zanotto quanto a De Rossi. A informante diz que a prefeitura ainda não está fazendo toda a sua parte, falta completar o asfalto até as pousadas. Já passaram muitos prefeitos e ainda não há o asfalto, apenas um pedaço. Houve deslizamento de terra e a estrada estava bloqueada no mês de julho, a informante demonstrava preocupação com a resolução do problema, pois em agosto aconteceria a Noite Italiana e em outubro a Fenamassa. Segundo a informante, as pousadas poderiam receber muito melhor, mas por causa da infraestrutura do município, elas também saem perdendo. Acredita que deva haver parceria entre o poder público e o particular: “O poder público não precisa dar tudo, mas precisa oferecer olhares”, segundo a informante.

Sexta-feira, 10 de julho, desci para tomar o café no hotel, pois sabia que encontraria o dono para pedir autorização para conversar com uma de suas funcionárias. Apresentei-me, dizendo ser aluna de pós-graduação da UFRGS e que, em função da minha dissertação de mestrado, precisava realizar algumas entrevistas na cidade para saber mais a respeito das práticas sociais e poder escrever sobre os meus resultados. O dono se mostrou bem acessível e autorizou o afastamento da funcionária que eu pretendia entrevistar. Como a informante estava em horário de trabalho, não fizemos uma entrevista muito demorada para não prejudicá-la, então a entrevista durou um pouco menos que as outras, em torno de uma hora. As duas primeiras ocuparam quase duas horas.

Esperei que a funcionária tomasse seu café e nos reunimos em uma pequena sala de estar que há no andar onde eu estava hospedada, 4º andar. Antes de começar a gravação expliquei novamente para a informante o motivo pelo qual eu estava realizando entrevistas e procurei fazer com que ela ficasse à vontade e não tivesse medo da gravação.

A informante tem 62 anos, nasceu na colônia, na linha Gumercindo. Seus pais também nasceram lá. Viveu até os 45 anos na colônia, casou e teve dois filhos. Conta que sempre

trabalhou na roça, com parreiral, pêsego. Quando uns dois ou três anos foram ruins, rendeu pouco, a família da informante tentou comprar um terreno na cidade. Os filhos queriam estudar e não havia um ônibus, não havia nada, então a menina, que já tinha terminado o ensino fundamental, foi com o pai para a cidade. O filho mais novo ainda cursava o ensino fundamental, então ficou na colônia com a mãe por mais três anos, na linha Gumercindo.

Na cidade, o marido da informante abriu uma oficina mecânica. Ela conta que ele aprendeu a profissão na prática, nunca fez curso. Segundo ela, a oficina foi crescendo e hoje já está bem maior.

A informante conta que entrou em depressão, pois não queria morar na cidade. Na linha Gumercindo estava acostumada “com a vida mais livre, tinha água à vontade, tudo liberado”. Na visão dela, na cidade era tudo “preso”. O irmão, que era dono de uma fábrica de jaquetas, ofereceu-se para ajudá-la, garantindo um emprego logo no início. Hoje, afirma que foi uma mudança muito boa, mas que tinha medo do desconhecido.

Nesse ponto da entrevista, começa a falar sobre os pais, que eram extremamente rígidos, e diz que na cidade “estava tudo liberado”, não conseguia entender e aceitar. As meninas saíam e voltavam a qualquer hora, os meninos também, “mas era normal aquilo aos olhos da cidade”.

A informante lembra que o irmão pagava um bom salário na empresa de jaquetas e que, com o passar dos meses, percebeu que era muito melhor na cidade, que teria mais dinheiro. Ela conta que começou a melhorar da depressão e que passou a frequentar uma psicóloga porque não foi nada fácil esse período de transição. O marido da informante dizia que ela não ia mais querer voltar para a linha Gumercindo. "Dito e feito", disse a informante, afirmando que hoje odeia ir para a linha Gumercindo e que jamais voltaria a morar lá. Diz que vai no máximo uma vez por mês e apenas se o dia estiver bonito, pois tem lá "uma casinha e uns bichinhos", nas palavras dela. Ela conta que, se o dia não estiver bonito, nem vai, pois se sente muito mal, lembrando das dificuldades que passou morando lá. A informante diz que na cidade trabalha bastante, mas tem um retorno financeiro garantido, sem contar que ainda sobra tempo para fazer as suas coisas e lá na colônia o retorno não era garantido, era preciso trabalhar sem expectativa de nada. Aqui, faz seus planos, faz contas e paga no fim do mês. Ela conta que a oficina do marido deu muito certo, tem bastante procura. A família já construiu duas casas e comprou mais três ou quatro terrenos, pagaram a faculdade para o filho.

A informante conta que a fábrica do irmão ficava a quatro quilômetros da casa dela e que não tinha ônibus naquela época, então a informante ia de carona ou a pé. Hoje as fábricas têm ônibus para os funcionários. No horário de almoço ficava na fábrica e à noite voltava a

pé. Depois, uma firma abriu na frente da casa da informante, onde trabalhou durante uns seis ou sete anos. Afirmo que era muito bom porque era só atravessar a rua, ela nem se importava mais com o valor em dinheiro, mas com a proximidade de casa.

Após o fechamento dessa empresa, a informante passou a receber seguro desemprego, enquanto procurava outra colocação. A informante conta que, enquanto descia a rua (frisando que não conhecia ninguém), encontrou a mãe do dono do hotel, que a parou na rua perguntando se a informante a conhecia. A senhora perguntou se a informante sabia de alguém que quisesse trabalhar no hotel. A informante respondeu: "até eu" e informou que estava desempregada. Esse encontro aconteceu pela manhã e à tarde começou a trabalhar no hotel. Faz oito anos que a informante está trabalhando no hotel e afirma gostar dos patrões e amar o emprego.

A informante conta que almoça em casa, pois mora bem perto e, como mora com a mãe, quando chega em casa o almoço já está pronto. A mãe tem 84 anos e está muito lúcida, a mãe é a típica "noninha italiana", segundo a informante. Faz 22 anos que a mãe mora com ela.

Os filhos da informante já saíram de casa. A filha casou e mora em Ipê e o filho é solteiro e mora em Caxias, onde faz faculdade na área de computação. A filha não está exercendo a profissão de administradora, mas está trabalhando na empresa de transporte Caxiense.

Pergunto para a informante sobre os jovens que saem para estudar e trabalhar, utilizando o exemplo dos filhos dela. Ela conta que é comum estudarem fora e ficarem fora de AP, pois não há emprego para jovens na cidade, mesmo que tenham estudo. Conta que seu filho fazia faculdade e trabalhava no escritório da Viprado e estudava, mas a empresa não valorizava, pagava muito pouco. O filho decidiu entregar currículo em diversos locais em uma segunda-feira e na quarta-feira foram buscar o rapaz para trabalhar porque faltava alguém da área dele na empresa Rivatti, que tem mais de 280 empregados, segundo a informante.

A filha não queria sair de Antônio Prado, mas o marido é de Ipê e trabalha em fábrica de móveis. Agora a filha tem a sua própria casa, com sua família. A informante comenta que tanto meninos quanto meninas saem da cidade quando se formam, pois a cidade é pequena e quem tem nome tem preferência para se estabelecer em Antônio Prado. Ela exemplifica dizendo que as pessoas, quando procuram um médico, dão preferência para alguém que é da cidade e que, portanto, já é conhecido, não para um médico novo, de fora de Antônio Prado e que não é conhecido pelas pessoas da cidade. A confiança é maior em quem já é conhecido. Relata que a sua nora é enfermeira e trabalhava no posto de saúde de Antônio Prado. Hoje a nora é enfermeira-chefe no maior hospital de Caxias. A informante conta que, no posto de

saúde, a nora ganhava bem, mas não se contentou e foi para Caxias. Agora, a nora está fazendo doutorado. Ela afirma que a nora não para, dizendo que acredita que as mulheres, com base nas mulheres que ela conhece, tomam decisões e vão até o fim. Talvez tenham, sim, mais desejo de mudança e progresso, como sugerem nossos resultados de pesquisa.

A informante conta que, da linha Gumercindo, saíram todos os jovens. Agora só tem casais morando lá. Ela conta que os casais novos, a juventude, estão todos fazendo faculdade. Ela conta que eles saem de camionete do interior, que é distante a 12 quilômetros até o centro de Antônio Prado, para pegar o ônibus e ir para Caxias. A informante diz que não é mais como era no seu tempo, “nós éramos burro que pelo amor de Deus”, diz ela. Ela conta que agora não é mais assim, destacando que eles têm internet e estão por dentro de tudo. Afirma que há poucos jovens porque os casais hoje têm um ou dois filhos, às vezes nenhum, enquanto os da geração de sua mãe tinham em torno de oito, como sua mãe teve. Segundo ela, o filho não tem interesse em visitar a casa da família na linha Gumercindo e nem sempre vem para Antônio Prado nos fins de semana. Ele afirma que tem outros interesses agora que está morando em outra cidade.

Sobre os seus parentes, afirma que tem um irmão que mora na linha Gumercindo e que vai viver e morrer lá, pois ele diz que não vai sair de lá. Já mudou de casa, mas sempre lá. A família dele também mora lá e um dos seus filhos faz faculdade em Caxias.

Sobre as festas que ocorrem na cidade, a informante diz que participou da Noite Italiana quando tinha apenas uma noite, hoje são três noites de evento. Acredita que a maior parte dos participantes seja de fora, pois os de Antônio Prado trabalham. Claro que tem os que participam, mas acredita que a maior parte seja turista. Diz ainda que quem faz a comida são as mulheres mais experientes, que têm mais de 45 anos. Os jovens trabalham no buffet e servindo as mesas.

Afirma que as festas movimentam bastante o hotel. Ela diz que, para a Noite Italiana de agosto (mês seguinte ao da entrevista), o hotel já estava lotado há seis meses. A informante diz que durante a Fenamassa o hotel também fica cheio. Ela conta que vem muita gente de ônibus fretado apenas para as festas na cidade e voltam para suas casas logo depois da festa, então considera que os hotéis não teriam lugar para todos se todas as pessoas fossem para passar a noite ou o fim de semana, pois a última edição foi frequentada por três mil pessoas.

Sobre as opções gastronômicas, a informante diz que há restaurantes bons, mas que às vezes estão fechados. Aos domingos, quando os hóspedes perguntam onde almoçar, não sabe qual local indicar, pois os restaurantes ficam fechados. Ela diz que os hotéis servem apenas o café da manhã.

A informante relata a sua rotina de trabalho no hotel, dizendo que trabalha com uma equipe que faz a limpeza. Ela inicia o trabalho pelos quartos vagos, levando as roupas sujas para a lavanderia. As outras funcionárias vêm atrás limpando e colocando roupas novas. Após o trabalho vai direto pra casa e faz a limpeza, lava roupas, bota a casa em ordem, pois a mãe tem problemas na coluna, então quem faz essa parte é a informante. A mãe faz o almoço e a janta. A informante explica que não tem nenhum filho em casa e que a função da mulher é essa: cuidar da casa. Mas ela afirma que gosta, pois gosta de ter suas “coisinhas em dia”.

Nos dias de folga costuma visitar as cidades vizinhas (Caxias do Sul, Farroupilha) com a filha e o genro. Conta que o genro diz a ela: “vamos lá, sogra. Só trabalha, só trabalha. Vamos passear.” Quando morava na linha Gumercindo a informante ia, no máximo, para o centro de Antônio Prado, dizendo que nem conhecia Flores da Cunha. Afirma que não costuma viajar para tirar férias e que geralmente não vai além de Caxias do Sul, não viaja para outros lugares. Pergunto o que ela faz quando sai de férias do hotel. Ela conta que nos dias bonitos vai para colônia ficar uns 10 ou 15 dias, ou fica em casa, ou vai visitar a filha ou o filho e quando ela percebe, já terminaram as férias. Diz que, como o filho mora sozinho, ela aproveita para arrumar e limpar o apartamento dele, jogar algumas coisas fora, comprar umas roupas novas, ou seja, mesmo nas férias a informante mantém as tarefas consideradas “de mulher”, como ela afirmou anteriormente.

Quanto às atividades consideradas masculinas, a informante relembra a infância e discorre sobre essas atividades até o momento atual. Conta que a infância foi dolorida, não tinha nenhuma boneca, brincava com espigas de milho. Fazia os próprios brinquedos. Os meninos faziam rodas para os carrinhos. Hoje eles contam para os filhos e os filhos nem acreditam, pois eles têm *tablets* e computador com 3 ou 4 anos de idade. Ela conta que nem os filhos dela, que já são um pouco mais velhos, acreditam nas histórias contadas, mas que eles também faziam alguns brinquedos, pois a informante não tinha condições de dar. A filha da informante lembra até hoje de uma boneca que ela pediu tanto e que a mãe deu sem roupas e sem cabelos. A informante conta que brincava de esconde-esconde e os guris brincavam com uma bolinha murcha, jogavam futebol na grama. As meninas se reuniam e brincavam com as bonecas feitas por elas mesmas. As bonecas eram feitas de pano enfiados em uma meia calça, mas a informante lembra que brincavam como se fosse a melhor boneca do mundo. A informante tenta incentivar o neto de dez anos a largar um pouco o computador e brincar de outras coisas, então comprou um baralho de bisca e joga bisca com o neto o domingo inteiro. Segundo ela, o neto ensinou o jogo, pois disse já estar acostumado a jogar com o pai. Ela conta que jogaram pontinho e que o menino adorou. Perguntei se o filho dela aprendeu com o

pai e ela diz que seu filho aprendeu os jogos de cartas com o avô dele, sogro da informante. O marido dela está ensinando canastra para o neto, que se mostra muito interessado. São momentos que o menino passa sem os brinquedos eletrônicos. Pergunto se o marido da informante costuma sair para jogar cartas e ela diz que tem o ponto, explicando que ele “tem que dar o ponto todas as noites no barzinho que tem ao lado de casa”. Joga canastra das oito às nove em ponto, todos os dias. Se ele não vai, a turma do bar liga dizendo que estão esperando por ele. Segundo a informante, ele não bebe e não fuma, vai só para aquele lazer de uma hora. A informante conta que ele joga com o mesmo grupo desde que foi para a cidade, são quatro homens da mesma idade e que até hoje são os mesmos. Ela conta que certa vez o marido foi operado e ficou semanas em casa. Nesse período, os amigos iam todos os dias à casa da informante para jogar com ele. A informante diz: “é um vício” e logo se corrige: “um vício não, um lazer”.

A informante lembra que os irmãos foram para Caxias aos quinze anos, “com as calças que tinham no corpo” e lá fizeram suas vidas e estão muito bem, então seus filhos têm contato com os tios. Comenta que não saiu do interior com os irmãos porque é mulher, os pais não permitiam. Considera tudo muito liberado atualmente, pois todos podem sair para estudar e trabalhar fora sozinhos.

Após a terceira e última entrevista, retornei a Porto Alegre.

No dia 18 de outubro de 2015 participei do último dia da Fenamassa, em Antônio Prado. Passei o dia na cidade, observando como a festa funcionava. Ao redor da praça Garibaldi fica a estrutura do evento, totalmente coberto. Logo no início, uma jovem que aparentava ter em torno de 20 anos oferecia passeio guiado de carretão por alguns pontos da cidade como a Nordeste Alimentos e mais uns três pontos ao redor da praça com direito à degustação de vinhos, salames, etc.

Havia muitos estandes de vinhos e acompanhamentos, artesanato. Há um palco montado para as atrações musicais. É possível assistir às oficinas de gastronomia ministradas pelo SENAC de Caxias do Sul, aprender a tocar o bigolaro¹⁹ na fábrica de massas do Clube das Vovós, tirar fotos com uma típica “Nona Italiana” e, é claro, almoçar nos restaurantes que fazem parte do evento. Além disso, os visitantes aproveitam para visitar o museu, a loja de artesanatos, e tirar fotos em frente às casas tombadas que estão no entorno. A Igreja Sagrado Coração de Jesus é um ponto bastante frequentado pelos visitantes. Nessa edição havia

¹⁹ Máquina para fazer diversos tipos de massas.

também exposição de fotos em comemoração aos vinte anos das gravações do filme *O Quatrilho* na cidade, baseado na obra de José Clemente Pozenato.

Essas foram as visitas realizadas à comunidade de fala, em três períodos distintos, que possibilitaram a observação e o contato com os moradores da zona urbana e alguns ex-moradores da zona rural, contato que oportunizou a realização das entrevistas etnográficas. Vale destacar que as visitas foram feitas a partir de orientações prévias de uma pessoa que mora na cidade e que agiu como mediadora para que pudéssemos participar do jantar mensal do Clube de Mães do Centro de Antônio Prado.

A ida a campo em conjunto com a revisão da literatura sobre algumas cidades da antiga RCI-RS, especialmente Flores da Cunha e Caxias do Sul, foram motivadas pelo propósito de discutir a realização variável de vibrante simples em lugar de múltipla em português num possível padrão linguístico existente na região e a posição de Antônio Prado nesse padrão.

A observação e as entrevistas são reveladoras das mudanças nas práticas sociais ocorridas nos últimos 60 anos, pelo menos, em Antônio Prado. Educação e atividade produtiva foram os setores que mais mudaram. Hoje a educação é mais universal, alcança todos os habitantes. No passado, ocorria na zona rural (apenas o ensino fundamental) e na zona urbana. Hoje, é exclusividade da zona urbana. Currículo voltado ao português e práticas escolares mediadas pelo português contribuíram para o rápido desaparecimento da prática de falares dialetais italianos nas novas gerações, fazendo com que, progressivamente, o português não esteja em contato com o italiano. Num cenário assim, traços como o emprego de vibrante simples em lugar de múltipla deveriam ser, hoje, apenas resíduos.

A proporção total de 39% dessa realização na fala da comunidade pode dever-se à valorização das raízes locais e ao uso estilístico da variante orientado positivamente à comunidade. Surpreende o fato de jovens fazerem uso expressivo de vibrante simples onde se espera a múltipla em português. O cruzamento de variáveis mostra que o fator jovem interage com gênero: jovens do gênero masculino exibem esse comportamento, o que, especificamente em relação a gênero, conforma-se ao padrão da RCI-RS.

Após as entrevistas etnográficas, fica claro o perfil desses jovens: têm educação superior ou técnica, trabalham na zona rural, em sua propriedade; na zona urbana, têm negócio próprio porque são de família conhecida. Têm, assim, não só meios de subsistência, mas uma forma de realização profissional e pessoal que torna desnecessário mudar a fala e parecer ‘menos AP’. Parecer AP, nesse caso, é bom, tem valor na comunidade e entre os pares. Na visão das mulheres de mais idade – mães, avós, sogras – que entrevistamos, quem

não gosta de AP sai dali, não contribui, portanto, para configurar o padrão local. Quem fica em AP tem razões para gostar do local – família, trabalho, amigos. Mesmo que se desloque constantemente a outras localidades, não precisa abrir mão de certos traços locais. Os relatos sobre *bullying* decorrente de algum traço de pronúncia, nosso objeto de análise inclusive, relacionam-se a fatos que implicaram a saída da comunidade e que criaram contrastes no contato com outros grupos, o que pode de fato exercer pressão para a mudança de formas estigmatizadas. Pelo que se observou, se, no futuro, a realização de vibrante simples em lugar de múltipla desaparecer do português falado na comunidade, será pelo gradual monolinguismo-português, e não pela evitação de uma forma altamente estigmatizada. Não percebemos esse incômodo com a forma em nossas idas à campo, não em AP.

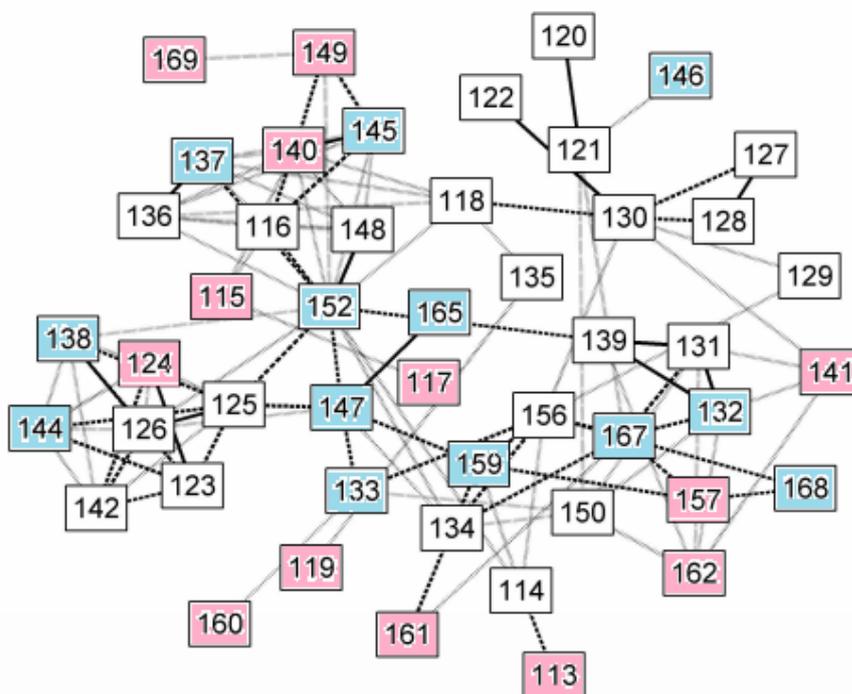
Estudos sobre outras realizações variáveis, como a palatalização das oclusivas alveolares, têm mostrado que Antônio Prado, embora se encaixe no padrão da RCI-RS, apresenta certas particularidades. É o que discutiremos na seção seguinte.

6.2.2 Análise da rede social dos informantes

Battisti et al (2007) realizaram estudo sobre a palatalização das oclusivas alveolares com dados extraídos de parte das entrevistas por nós utilizadas. Fizeram também um estudo da rede social dos informantes, com base em que teceremos algumas considerações em relação à variante em questão, a realização da vibrante simples em lugar de múltipla em *onset* silábico.

Dos 48 informantes que compõem a rede de Battisti et al (2007), identificamos 26 em comum com o nosso estudo. A figura abaixo apresenta a rede conforme esses autores destacando, em cores, os 26 informantes utilizados na presente pesquisa. São 13 homens (em azul) e 13 mulheres (em rosa).

Figura 16 - Rede Social dos 48 informantes utilizados para o estudo da palatalização das oclusivas alveolares por Battisti et al (2007, p.20)



Os retângulos coloridos indicam os informantes utilizados no presente estudo. Em azul estão destacados os informantes do gênero masculino e em rosa os do gênero feminino. Os números identificam os informantes conforme seu registro no BDSer.

Na figura 15, cada informante é representado por um retângulo e linhas contínuas unem informantes com relacionamento de primeiro grau, linhas tracejadas informantes com relacionamento de segundo grau e linhas pontilhadas, informantes com relacionamento de terceiro grau.

Para o controle dos graus de relacionamento interindividual, Battisti et al (2007) basearam-se no estudo realizado por Blake e Josey (2003), em Martha's Vineyard (conforme quadro apresentado no capítulo 5, Metodologia). Segundo os autores, os relacionamentos familiares e entre colegas de trabalho são os mais relevantes em Antônio Prado, variando o grau de intimidade conforme a natureza ou frequência da interação.

O quadro abaixo apresenta a quantidade de laços de grau 1 e 2 e a quantidade de laços de grau 3 nos grupos etários 1 – 2 (15-30 e 31-50) e 3 – 4 (51-70 e 71 ou mais), na presente

pesquisa. São 64 laços no total da rede utilizada em nossa pesquisa sobre a realização da vibrante simples em lugar de múltipla.

Quadro 7 - Quantidade de laços por grupos de Faixa Etária e por graus.

		Graus de relacionamento	
		Graus 1 e 2	Graus 3
Grupos etários	Grupos 1 e 2	13 laços	16 laços
	Grupos 3 e 4	18 laços	17 laços
	TOTAL	31 laços	33 laços

Identificamos que os membros mais centrais da rede são de zona urbana, na maioria homens e a maioria se encaixa nas faixas etárias dos dois extremos: os de 15 a 30 anos e os de 71 anos ou mais.

A rede social dos informantes parece ilustrar a dualidade com a qual os pradenses convivem. Ao mesmo tempo em que os membros centrais têm perfil inovador, jovens e moradores de zona urbana, apresentam também características conservadoras, sendo em maior parte homens e pessoas de mais de 71 anos de idade. As faixas etárias intermediárias, que aplicam com maior frequência a vibrante simples (conservadora) no município, ocupam a periferia da rede, embora um informante que se encaixa na faixa etária 31-50 seja um dos elementos centrais da rede.

Outro aspecto importante na rede analisada é que os informantes de zona rural, que aparecem nos resultados quantitativos como favorecedores da aplicação da regra, possuem maior quantidade de laços de 3º grau e nenhum de 1º grau, ou seja, os laços dos informantes de zona rural são mais fracos que os laços dos informantes de zona urbana na rede utilizada para o estudo da vibrante, ao contrário do que Battisti et al (2007) encontraram na rede analisada no estudo sobre a palatalização das oclusivas alveolares em Antônio Prado.

O fato de os informantes da zona rural estabelecerem laços mais fracos com os de zona urbana conforma-se à ideia de que sua influência sobre os padrões de fala urbanos seja pouco significativa. Os informantes que apresentam maior proporção de aplicação de vibrante simples são, em sua maioria, de zona rural, informantes que, ou apresentam apenas laços de 3º grau, ou, no máximo, um ou dois laços de segundo com os de zona urbana.

Por outro lado, se analisarmos por gênero, são os homens que ocupam a maior parte da região central da rede. As mulheres, favorecedoras da variante inovadora, ocupam mais a periferia da rede.

Todos esses aspectos parecem confirmar a tendência que os pradenses têm de conviver com ambas as variantes: conservadora (vibrante simples) e inovadora (vibrante múltipla), diferenciando-se, nesse ponto, do padrão da região de colonização italiana do Rio Grande do Sul, conforme veremos na próxima seção.

6.2.3 Antônio Prado e o padrão linguístico da RCI-RS

Estudos sobre a palatalização das oclusivas alveolares (*tia ~tʃia, dia ~ dʒia*) realizados em Flores da Cunha, Caxias do Sul e Antônio Prado (BATTISTI e DORNELLES-FILHO, 2012; MATTÉ, 2009, BATTISTI ET AL, 2007) apontam para a existência de um padrão linguístico na RCI-RS. Nesses estudos, Antônio Prado apresenta resultados um tanto diferentes no que diz respeito à Faixa Etária, especialmente. Partindo da revisão da literatura sobre a palatalização das oclusivas alveolares e sobre a realização de vibrante simples em lugar de múltipla, além de considerar as observações e entrevistas feitas durante as idas a campo, pretendemos identificar esse padrão e verificar até que ponto Antônio Prado se encaixa no mesmo.

A palatalização é, segundo Battisti (2011), entendida como processo que se difunde a partir dos centros urbanos, é uma variante considerada inovadora e feminina. Na capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, a frequência de aplicação é alta, estando em torno de 90%, enquanto a frequência é moderada em municípios do interior do estado, sendo de 30% em Antônio Prado, 35% em Caxias do Sul e 29% em Flores da Cunha. Embora os índices de aplicação sejam numericamente muito próximos, a variável Idade (ou Faixa Etária) demonstra que há diferenças no que esses valores apontam: a velocidade com que a mudança está ocorrendo ou, até mesmo, a estabilização. A autora acredita que a baixa frequência de palatalização seja recurso estilístico que permite aos descendentes de italianos realizarem práticas sociais locais como forma de diferenciarem-se no cenário estadual e nacional e, assim, ganharem visibilidade, mesmo que elementos não locais sejam também experimentados na comunidade.

A realização de vibrante simples em lugar de múltipla é considerada uma variante conservadora e masculina, sendo uma característica que atinge maiores índices na zona rural dos municípios da RCI-RS e mais utilizada por homens. A escolaridade também se destaca nos estudos sobre a vibrante nos municípios de Caxias do Sul e Flores da Cunha, apontando os informantes que possuem escolaridade mais baixa como favorecedores. Bovo (2004) dedicou-se à investigação do fenômeno da realização da vibrante simples em lugar de múltipla na zona rural de Caxias do Sul, especificamente na localidade de Beviláqua, e encontrou 44% de aplicação da regra. Em Flores da Cunha, Azeredo (2012) encontrou, para a mesma variável dependente, 31% em Flores da Cunha. O nosso estudo obteve 39% de aplicação da regra em Antônio Prado. Enquanto os trabalhos citados indicam que a realização de vibrante simples em lugar de múltipla está regredindo em Caxias e Flores da Cunha, em Antônio Prado os resultados para Faixa Etária não demonstram a mesma coisa. Mais uma vez temos essa comunidade de fala com índices semelhantes aos das cidades da região, mas diferenciando-se pelos resultados de Faixa Etária, como ocorre com a palatalização.

Antônio Prado convive com o apego às origens, na tentativa de preservar a italianidade, e com o desejo de progresso. Enquadra-se no que Santos (2000 apud BATTISTI e LUCAS, 2006), ao discorrer sobre a relação local-global, denomina *localismo globalizado*:

situação de uma determinada localidade que consegue difundir globalmente produtos e processos que reforcem a sua identidade local e que garantam ganhos econômicos e políticos, além de a localidade em questão conseguir preservar mais a sua própria identidade”(BATTISTI E LUCAS, 2006, p. 119).

No *globalismo localizado* ocorre o contrário: a localidade acaba sendo fortemente influenciada pelas outras localidades, perdendo parcial ou totalmente a sua identidade original.

Antônio Prado incentiva o turismo realizando festas como a FenaMassa e a Noite Italiana e mantendo as 48 casas tombadas existentes na cidade desde 1988, até hoje motivo de muita polêmica entre os moradores.

Tanto as entrevistas sociolinguísticas quanto os registros etnográficos demonstram claramente que a localidade é cercada pela dualidade futuro-passado, desejando o progresso e o crescimento da cidade, mas ao mesmo tempo desejando manter as origens e se orgulhando de ser uma localidade ainda tranquila, sem maiores índices de violência e com pouco trânsito de pessoas e de automóveis. Enquanto alguns afirmam que gostariam de morar em cidades

como Caxias e Porto Alegre, outros afirmam que jamais morariam em grandes centros urbanos. Geralmente as mulheres demonstram maior interesse em inovar, estão mais voltadas ao desenvolvimento, ao movimento, a processos mais dinâmicos do que os homens.

Existe uma parcela de moradores da cidade que se envolve com as ações que promovem o turismo. Essas pessoas geralmente estão ou estiveram ligadas de alguma forma à prefeitura. Algumas já fizeram parte do quadro da prefeitura, atuando como secretárias, outras estão ligadas a essas pessoas pela rede de relacionamentos e fazem parte de uma mesma comunidade de prática, geralmente de zona urbana. Para Coupland (2007 apud Battisti, 2011) “à medida que o turismo se torna fonte de renda, lugares são vendidos e comprados como destinos turísticos. Para tanto necessitam ser estilizados para diferenciar-se, mas ainda assim serem acessíveis”. No capítulo dois, ilustramos essa dualidade através da arquitetura presente no centro histórico de Antônio Prado, onde as casas tombadas são vizinhas de construções de características bem atuais. Outra parcela de moradores, ao contrário, acredita que o tombamento das casas represente atraso para o crescimento da cidade. Muitos criticam a forma como o tombamento foi realizado e afirmam que as casas não são bem conservadas, resultando em um aspecto de ‘casa velha’.

O informante 137 do BDSer é contra o tombamento e diz que “é um crime. Pior crime que podiam fazer é tombar essas casas. Estragou. Estragou o centro. Esse tombamento foi um crime para Antônio Prado, um prejuízo grandíssimo.” Ele argumenta dizendo que deveriam ter reformado as casas tão logo o tombamento foi concretizado, mas que já se passaram vinte anos e as casas estão “caindo aos pedaços”, segundo o informante, que afirma se preocupar com os turistas que chegam e veem as casas daquele jeito, “caindo aos pedaços”. O informante faz uma denúncia, dizendo que há uns “gatos” envolvidos e dá o exemplo de uma das casas em que foram investidos 49 milhões e que, com esse dinheiro, poderiam ser construídas umas quatro casas novas.

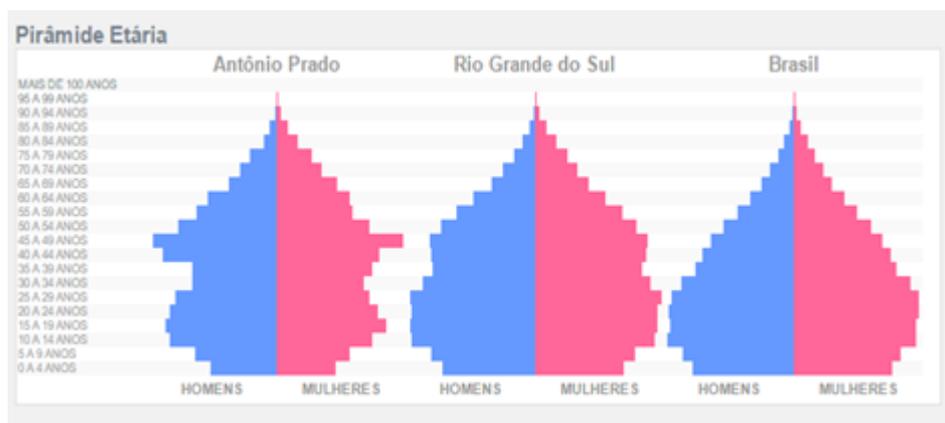
Já a informante 160 do BDSer afirma que há dois lados e destaca a importância de conservar as origens e poder mostrar para as crianças como eram as casas e contar as histórias das famílias.

Antônio Prado, embora tenha passado pelo mesmo processo de colonização de Caxias do Sul e Flores da Cunha, foi uma das últimas colônias implantadas na região, em maio de 1886. O Passo do Simão foi a primeira picada que deu acesso à nova colônia de Antônio Prado, no início de 1886. Até então, o acesso à localidade era extremamente difícil, com montanhosas paragens, cobertas de imensos pinhais.

Foi um longo período de quase total isolamento (acesso apenas por Vacaria) até que, com o advento das comemorações do centenário da imigração italiana, Antônio Prado passou a ter ligação por terra para além do Rio das Antas, o que poderia desencadear mudança linguística devido ao contato com outras variedades, facilitado nesse momento pela maior mobilidade. No entanto, as comemorações do centenário da imigração italiana promoveram a valorização da italianidade e da história local que, em Antônio Prado, culminou com o tombamento das casas. Nesse período, o falar dialetal, que vinha sofrendo com a estigmatização e desaparecendo, ganhou novo fôlego e voltou a ser valorizado. Por volta de 1990, a prática de falares dialetais volta a decrescer, assim como o tombamento das casas passa a ser mais questionado. Entre tantos períodos de valorização-não valorização do falar dialetal e da cultura como um todo, Antônio Prado ainda convive com a dualidade em diversos aspectos.

Labov (2010), utilizando como exemplo o estudo sobre a centralização de /ay/ e /aw/ como marcador de identidade local realizado em Martha's Vineyard, destaca que a existência de contraste na comunidade tornou possível a aceitação geral da conclusão de identidade local como força motriz da variação e mudança na comunidade de fala. Falantes com características sociais semelhantes diferem no grau de centralização na medida em que diferem em sua orientação (positiva ou negativa) para o local: Martha's Vineyard. É o que ocorre em Antônio Prado. Falantes com orientação positiva para o local tendem a realizar vibrante simples em lugar da múltipla, variante conservadora, enquanto os falantes com orientação negativa buscam aproximação ao falar inovador, vindo 'de fora'.

Os estudos de Bovo (2004) e de Azeredo (2012) apontam para um processo lento de mudança em favor da variante inovadora, vibrante múltipla, em Caxias do Sul e em Flores da Cunha. Ao contrário dos resultados de Bovo (2004), os resultados para Faixa Etária em Antônio Prado não apontam os mais velhos como favorecedores da aplicação da regra, sendo os informantes que têm entre 31 e 50 anos os grandes favorecedores. Não por coincidência, a população de 30 a 39 anos é a menor em Antônio Prado. A pirâmide etária do IBGE mostra que essa faixa é uma das menores na cidade, conforme figura abaixo:

Figura 17 - Pirâmides Etárias de Antônio Prado, Rio Grande do Sul e Brasil

Fonte: IBGE. Censo 2010.

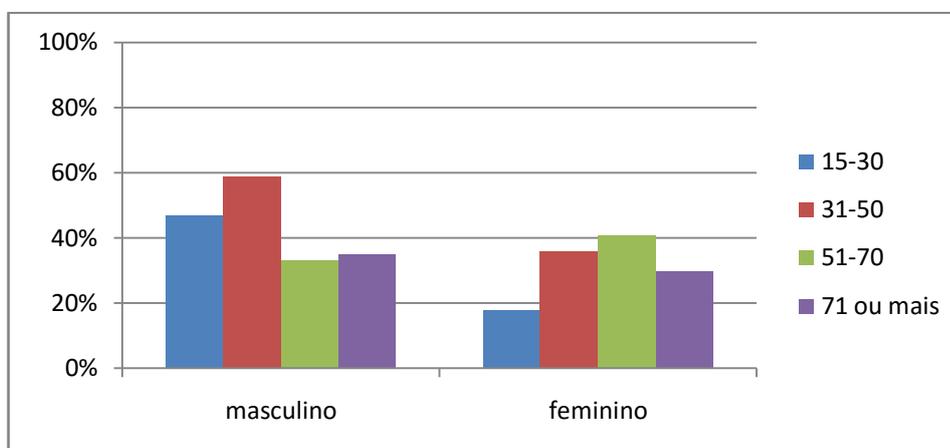
Essa faixa etária, que sai da cidade após concluir um curso superior, em busca de trabalho, ou que se casa e vai morar na cidade onde o cônjuge trabalha ou reside, parece compensar essa saída em massa, preservando a variante local nos representantes que ficam na comunidade de fala. Os que ficam, geralmente o fazem por ter orientação positiva para o local. A faixa etária seguinte, de 51-70, não aparece nos resultados da análise de regra variável como favorecedora da aplicação de vibrante simples, mas aparece como a segunda faixa com maior frequência de aplicação da variante conservadora. Se observarmos na figura da pirâmide etária, pessoas dessa faixa também estão presentes em menores números na cidade, seguindo a mesma lógica, ou seja, estão em menor número e, talvez por isso, tendem a preservar a variante conservadora, demonstrando orientação positiva ao local.

Enquanto Flores da Cunha e Caxias do Sul crescem, Antônio Prado não cresce. Em 19 de novembro de 2001 Antônio Prado recebeu a certificação de Slow City, sendo a primeira cidade a receber essa certificação na América Latina. O movimento, iniciado na Itália, defende o desenvolvimento urbano sustentável e a proteção da qualidade de vida e do bem-estar da população. São locais onde as tecnologias universais são introduzidas de maneira que tragam benefícios e não destruam a identidade local. Informantes afirmam, durante as entrevistas sociolinguísticas do BDSer (realizadas em 2006), que a cidade parou no tempo, estacionou. Os informantes das entrevistas etnográficas citam o título de Slow City para caracterizar a cidade. Os Dados do IBGE mostram que, a partir de 2007, houve algum decréscimo na população. Em 2007 a população era de 13.791, o censo de 2010 apontou 12.833 pessoas morando em Antônio Prado. São 9.235 pessoas na zona urbana e 3.498 na zona rural, sendo 4.484 homens e 4.751 mulheres na zona urbana e 1.921 homens e 1.677 mulheres na zona rural, ou seja, as mulheres têm preferência pela zona urbana confirmando a

tendência pela inovação, pelo contato com pessoas e oportunidades, enquanto os homens continuam sendo os maiores responsáveis pelo trabalho na roça, pela orientação para o local, seguindo o padrão da região em que os homens favorecem a aplicação de variantes conservadoras, no caso da presente pesquisa, a vibrante simples.

A relação entre Faixa Etária e Gênero é interessante em Antônio Prado, pois traz à tona todas as considerações feitas até o momento nessa seção. Retomemos o gráfico de cruzamento entre essas variáveis para que possamos visualizar alguns pontos:

Figura 18 - Reapresentação do gráfico de cruzamento entre Gênero e Faixa Etária



Podemos ver no gráfico que são os homens das faixas etárias menores que aplicam mais a vibrante simples. E são as mulheres das faixas intermediárias que aplicam mais a regra.

Considerando o que Labov (2010) denomina *Assimetria de transmissão da língua* (ver capítulo 4), podemos perceber que os homens da geração I (os mais velhos) não estão envolvidos na mudança (aqui, consideramos as duas últimas faixas 51-70 e 71 ou mais como sendo os mais velhos). Os homens de 31 a 50 (geração II) são os primeiros a mostrar um incremento súbito para o valor equivalente de suas mães que são as mulheres de 51 a 70. Desse ponto em diante, os homens estão cerca de uma geração atrás de suas mães até o final do processo, quando a diferença entre os dois sexos encolhe.

Em Antônio Prado, portanto, as frequências mais altas de vibrante simples entre os homens mais jovens estariam vinculadas às frequências das mulheres de 31 a 50, representadas pela faixa vermelha da coluna *Feminino* (mães de homens de 15 a 30,

representados pela faixa azul da coluna *Masculino*) e de 51 a 70, representadas pela faixa verde da coluna *Feminino*, (mães de homens de 31 a 50, representados pela faixa vermelha da coluna *Masculino*).

Além disso, essas mães de 51-70 e esses homens de 31-50 entrevistados em 2006 em Antônio Prado foram jovens na década de 1980, quando houve as comemorações do centenário da imigração italiana. Foi um momento, já descrito ao longo da seção, em que a cidade passou a ter ligação por terra para além do Rio das Antas, maior facilidade de contato com outras variedades, mas um sentimento de resgate e valorização da italianidade. Essas mulheres de 51-70 e homens de 31-50 viveram o auge dessa valorização.

Através das análises baseadas na *assimetria de transmissão da língua* nos padrões de colonização e mobilidade das cidades de Flores da Cunha, Caxias do Sul e Antônio Prado, além da revisão da literatura e da análise de práticas sociais dos informantes, incluindo a rede social, é possível afirmar que existe um padrão na RCI-RS e que esse padrão é seguido por Antônio Prado até certo ponto.

As cidades analisadas compõem um grupo coeso na manutenção de suas origens e, ao mesmo tempo, na busca pelo desenvolvimento, estando sempre entre o local e o global. O que difere uma cidade da outra é a velocidade com que as mudanças ocorrem. Velocidade que é influenciada por aspectos históricos e culturais de cada comunidade, especialmente os relacionados à mobilidade. A RCI-RS, em geral, apresenta índices modestos de mudança linguística em relação a processos variáveis que afetam o português brasileiro como um todo, valores que refletem a história do desenvolvimento econômico dos municípios e valorização das raízes étnicas locais. Enquanto Caxias do Sul e Flores da Cunha seguem seu curso de crescimento econômico e populacional, Antônio Prado parece manter-se alguns passos atrás, o que talvez tenha se originado no relativo isolamento vivido pela comunidade devido à localização e ao acesso, que durante muito tempo foi possível apenas por balsa, a outras localidades. Informantes afirmam, nas entrevistas etnográficas, que houve um período em que, para estudar em Caxias ou outra cidade qualquer, era necessário fazer a travessia de balsa nos horários pré-estabelecidos. Hoje, os alunos que precisam cursar faculdade em Caxias têm acesso por terra, contando com boas estradas e com a ponte, além de ter ônibus à disposição.

Apesar de tanta modernização, Antônio Prado passa por uma leve queda na densidade demográfica desde 2007 e, na percepção de muitos informantes, a cidade está estagnada. Os que afirmam que tenha havido algum crescimento, relatam que foi um crescimento muito pequeno e muito lento. A informante número 124 das entrevistas sociolinguísticas do BDSer afirma: “Antônio Prado não vai pra frente. Se fosse comparar com Flores da Cunha, gente,

Antônio Prado está sempre mais atrás”. A informante elogia a cidade dizendo que “é uma cidade limpinha e bonita, só falta o emprego”. As filhas da informante mudaram-se para Flores da Cunha em busca de melhores oportunidades.

As pesquisas feitas na região, já citadas ao longo desse trabalho, na revisão da literatura, apontam as mulheres, os jovens, os moradores de zona urbana e os falantes com maior nível de escolaridade como favorecedores de variantes linguísticas inovadoras. No entanto, no que diz respeito à faixa etária, Antônio Prado não tem confirmado a hipótese de aumento na realização das variantes inovadoras conforme o decréscimo da idade. Tanto no estudo sobre a palatalização realizado por Battisti et. al. (2007) quanto em nosso estudo sobre a vibrante, obtivemos resultados um tanto peculiares para a variável idade na comunidade, demonstrando que Antônio Prado aceita e utiliza ambas as variantes, vibrante simples e múltipla, apontando para uma possível estabilização da alternância.

7 CONCLUSÃO

Através da Análise de Regra Variável, foi possível verificar que a proporção de realização de vibrante simples em lugar da múltipla em *onset* silábico em Antônio Prado é de 39% e as variáveis sociais são realmente mais relevantes para a aplicação da regra do que as linguísticas.

As variáveis extralinguísticas ou sociais consideradas relevantes pelo programa utilizado são Escolaridade, Local de Residência, Gênero e Faixa Etária. As duas últimas apresentam pesos relativos mais próximos ao ponto neutro. Dessas variáveis, as três primeiras confirmaram a hipótese de que os homens de escolaridade mais baixa e moradores da zona rural apareceriam como favorecedores da aplicação de vibrante simples.

Quanto à Faixa Etária, não tivemos confirmação da hipótese de que os mais velhos utilizariam mais a vibrante simples em lugar de múltipla. A Faixa Etária 31-50 favorece a aplicação de vibrante simples em Antônio Prado, enquanto as outras faixas desfavorecem. Esse resultado pode ter ocorrido devido ao fato de que, pelo menos dois dos oito informantes que compõem as células da faixa etária mais avançada (71 ou mais), apresentaram hipercorreção (*Karrine* em vez de *Karine*), utilizaram o que Frosi e Raso (2008) afirmam ser um recurso de expressividade registrado quando há envolvimento emotivo (*querrida* em vez de *querida*).

Foi possível, com base na Assimetria de Transmissão da Língua (LABOV, 2010), compreender o resultado obtido ao cruzar as variáveis Gênero e Faixa etária. Os homens das faixas etárias mais baixas (15-30 e 31-50) realizam mais a vibrante simples, o que estaria diretamente relacionado ao fato de que as mulheres das faixas etárias intermediárias (31-50 e 51-70) o fazem. Essas mulheres que, segundo Labov (2010), são geralmente as maiores responsáveis pela transmissão da língua aos filhos, foram jovens na década de 1980, vivenciando o período de maior valorização do falar dialetal italiano.

As variáveis linguísticas apresentaram pesos relativos muito próximos ao ponto neutro, não demonstrando ter papel relevante. As palavras trissílabas têm leve destaque na aplicação da regra. Este resultado está de acordo com o resultado obtido por Azeredo (2012) em Flores da Cunha. Em relação à variável Posição da Sílabla na Palavra, os valores também estão em torno do ponto neutro.

Os registros etnográficos, coletados durante as visitas à cidade, forneceram subsídios para explicar os resultados da análise de regra variável realizada na primeira etapa da

pesquisa. Eles contêm informações sobre as práticas sociais dos moradores e sobre a história da cidade, o que elucidou a maior parte dos resultados.

Através dos registros etnográficos, foi possível perceber que as faixas etárias mais avançadas costumam participar de muitas atividades de lazer em Antônio Prado e fora da cidade. Outro fator que deve ser considerado para interpretação dos resultados obtidos para Faixa Etária é que temos, entre os informantes do BDSer, pessoas que exerceram atividades que propiciam o uso do português padrão e o contato com outras variedades linguísticas. Compõem o corpus pessoas que já exerceram cargos em secretarias da prefeitura de Antônio Prado, em igrejas da região, entre outras atividades. Essas pessoas tiveram, devido às demandas do cargo exercido, oportunidades de visitar outras cidades e estados, além de ter mais contato com o português padrão.

A pesquisa etnográfica possibilitou compreender os valores encontrados na análise de regra variável, não só na presente pesquisa, mas também nas pesquisas sobre a palatalização das oclusivas alveolares. Antônio Prado realmente demonstra ser uma comunidade de fala da RCI-RS, considerando as comunidades já estudadas como Caxias do Sul e Flores da Cunha, mas com um comportamento peculiar em relação às inovações. Embora o município siga certas tendências da região, apontando resultados semelhantes em relação ao gênero, local de residência e escolaridade, os resultados para faixa etária destoam trazendo à tona características únicas da comunidade de fala em questão.

Os registros etnográficos e considerações sobre a rede social dos informantes permitiram chegar à conclusão de que Antônio Prado demonstra tendência à estabilização, aceitando ambas as variantes (inovadora e conservadora) em seu cotidiano. Há no centro da rede tanto falantes que realizam a variante inovadora quanto falantes que realizam a variante conservadora, ou até mesmo que alternam entre uma e outra de forma confortável, sabendo em que momentos uma ou outra pode soar como mais ou menos adequada. No centro da rede social de Antônio Prado estão tanto informantes que apresentaram índices altos de aplicação da variante conservadora (vibrante simples) quanto informantes que apresentaram knockout no uso da variante inovadora (vibrante múltipla).

As práticas sociais demonstram claramente a inclinação das mulheres à inovação, à mobilidade, embora ainda caiba a elas a responsabilidade da criação dos filhos e dos cuidados com a casa. Nesse último aspecto, cuidados com a casa, as que têm maiores condições financeiras às vezes preferem contar com o auxílio de uma funcionária contratada especificamente para isso. Muitas mulheres de zona urbana trabalham, fato que diminui o tempo disponível para atividades voltadas ao lar, como cozinhar ou limpar a casa, optando por

almoçar em restaurante, comprar comida pronta e contratar uma auxiliar para os serviços de casa. As mulheres de zona rural geralmente trabalham na colônia e na própria casa. Os homens optam por práticas mais voltadas à terra e aos amigos de longa data. Embora muitos costumem sair para estudar, nem todos permanecem fora da cidade, alguns retornam para trabalhar em negócios da família.

No que diz respeito especificamente ao bilinguismo português-falares dialetais italianos, motivação inicial do uso da vibrante simples em lugar da múltipla no português de contato em AP e na RCI-RS, foi possível observar que as práticas bilíngues ainda hoje se verificam, mas são realizadas com pouca frequência, por reduzido número de sujeitos e em apenas algumas habilidades (compreender, mas não falar, por exemplo). Nem mesmo iniciativas como a do ensino municipal, de ministrar oficinas de língua italiana, garantem que os pradenses utilizem a língua ou seus dialetos diariamente. Se há hoje marcas de contato, como no caso da vibrante simples, é de um contato que se encaminha para sua conclusão. Confirmada a estabilização da realização de vibrante simples em lugar de múltipla em AP em estudos futuros, será possível afirmar que se trata de peculiaridade do português brasileiro, verificada em uma de suas variedades.

Há necessidade, portanto, de continuar a investigação, pelo menos no diz respeito à Faixa Etária, para que se obtenha um quadro mais claro sobre os resultados referentes a esta variável em Antônio Prado e assim se possa fazer alguma afirmação sobre mudança linguística, ampliando o conhecimento sobre padrões regionais de português como o da RCI-RS.

REFERÊNCIAS

ASSIS, L.I.O. *Início de Antônio Prado: que os anos passem, mas que a história não fique calada*. In: BACCARIN, O; GUZZO,D.B; BARROSO,V.L.M.(orgs). *Raízes de Antônio Prado*. Porto Alegre: EST, 2008.

AZEREDO, P. S. *A troca da vibrante por tepe em onset silábico: uma análise de variação e mudança linguística na comunidade bilíngüe de Flores da Cunha (RS)*. Porto Alegre, 2012, UFRGS. Dissertação de Mestrado.

BACCARIN, O; GUZZO,D.B; BARROSO,V.L.M.(orgs). *Raízes de Antônio Prado*. Porto Alegre: EST, 2008.

BATINTI, A. *Il sistema fonologico dell'italiano*. Perugia: Edizioni Guerra, 1993.

BATTISTI, E. et al. *Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes*. Revista Virtual de Estudos da Linguagem: ReVEL, Porto Alegre, v.5, n.9, p. 01-29, ago.2007. Disponível em:<http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_palatalizacao_das_oclusivas_alveolares.pdf>. Acesso em: 17.06.2014

BATTISTI, E.; LUCAS, J.I.P. *Língua, redes e práticas sociais*. In: CHAVES, F. L.; BATTISTI, E. (orgs.). *Cultura regional: lingual, história, literatura*. Caxias do Sul: EDUCS, 2006. p. 113-131

BATTISTI, E., MARTINS, L.B. *A realização variável de vibrante simples em lugar de múltipla no português falado em Flores da Cunha (RS): Mudanças Sociais e Linguísticas*. Cadernos do IL. Porto Alegre, n.42, p. 146-158, 2011.

BATTISTI, E. *Variação, mudança fônica e identidade: a implementação da palatalização de /t/ e /d/ no português falado na antiga região de colonização italiana do Rio Grande do Sul*. Revista Diadorim, v.8, 2011. p. 103-123.

BATTISTI, E.; DORNELLES-FILHO, A.A. *Palatalização das plosivas alveolares em Flores da Cunha*: variação linguística e práticas sociais. Alfa: Revista de Linguística, v.56(2), 2012.

BATTISTI, E.; ROSA, R. S. *Variação e mudança linguística*: análise em tempo real da palatalização das oclusivas alveolares em um falar do Rio Grande do Sul. Sociodialeto, Campo Grande, v.2, n.2, novembro, 2012. Disponível em: <<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/13/01122012014220.pdf>>. Acesso em: 17.06.2014.

BATTISTI, E.; MORAS, V. *Análise em tempo aparente da vocalização variável da lateral pós-vocálica em Flores da Cunha-RS*. Caderno de Letras UFPel, n.24, 2015. p.37-54.

BERNASCONI, A. *Imigrantes italianos na Argentina (1880-1930)*: uma aproximação. In: FAUSTO, B. *Fazer a América*: a imigração em massa para a América Latina. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

BISOL, L. (org). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

BONET, E.; MASCARÓ, J. *On the representation of contrasting rhotics*. Unpublished ms. Universidade Autônoma de Barcelona, 1996.

BOVO, N.M.P. *A variação da vibrante e o seu valor social*. Caxias do Sul: UCS. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional), Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional, Universidade de Caxias do Sul.

BRESCANCINI, C. *A análise da regra variável e o programa VARBRUL 2S*. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

CAGLIARI, L.C. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Campinas: UNICAMP. 1981. Tese (Livre Docência), Universidade Estadual de Campinas, 1981.

CALLOU, D. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987.

CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 9ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAMARA Jr, M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

CAMARA Jr, M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CANEPARI, L. *Italiano standard e pronunce regionali*. Padova: Cleup, 1986.

CARBONI, F; MAESTRI, M. *Raízes Italianas do Rio Grande do Sul 1875-1997*. Passo Fundo: UPF, 2000.

CEDERGREN, H.J. 1973

CEDERGREN, H.J.; SANKOFF, D. *Variable rules: Performance as a statistical reflection of competence*. *Language*. Vol. 50, Nº 2, Jun., 1974. p.333-355

CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The sound pattern os english*. London: MIT press, 1968.

CLEMENTS, G. N. *The role of the sonority cycle in core syllabification*. In: KINGSTONE, J.; BECKMAN, M.E. *Papers in laboratory phonology I: between the grammar and the physics of speech*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p.283-333.

COSTA, R.; DE BONI, L. A. *Nós, os gringos*. In: MAESTRI, M. *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

DARDANO, M; TRIFONE, P. *La lingua Italiana*. Bologna: Zanichelli, 1985.

DARDANO, M; TRIFONE, P. *Grammatica italiana com nozioni di linguistica*. Bologna: Zanichelli, 1995.

DE BONI, L. A. (orgs). *A Presença Italiana no Brasil*. V.1. Porto Alegre: EST, 1987.

ECKERT, P. *Linguistic variation as social practice*. Malden/Oxford: Blackwell, 2000.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Assembleia Legislativa. Lei n. 11.595. Disponível em: http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXT0&Hid_TodasNormas=2212&hTexto=&Hid_IDNorma=2212. Acesso em: 05.maio.2015.

FERREIRA-GONÇALVES, G.; SILVA, F. B. *Os segmentos róticos: mútuas influências entre fala, escrita e percepção*. Revista (Con) Textos Linguísticos, Espírito Santo, v.8,n.10. 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/7351>. Acesso em: 02.nov.2015

FROSI, V. M.; MIORANZA, C. *Dialetos italianos: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

FROSI, V. M. *A linguagem oral da região de colonização italiana no sul do Brasil*. In: MAESTRI, M. *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

FROSI, V. M. *Os dialetos italianos no Rio Grande do Sul: convivência e mescla lingüística*. CARBONI, F; MAESTRI, M. *Raízes Italianas do Rio Grande do Sul 1875-1997*. Passo Fundo: UPF, 2000.

FROSI, V. M. *O italiano no Brasil. Um caso de contato lingüístico e cultural*. In: MELLO, H. ALTENHOFEN, C.V; RASO, T. *Os Contatos Linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

FULGÊNCIO, L.; BASTIANETTO, P. *Um exemplo de análise contrastiva: o grafema r/rr em português e italiano*. Belo Horizonte: Caligrama, 1998.

GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental and metrical phonology*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

GUY, Gregory R. *A identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação lingüística*. Porto Alegre: Revista Organon, v.14 n. 28-29 (2000).

GUY, G. R., ZILLES, A. M. S. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo, Parábola, 2007.

HAZEN, K. *Identity and language variation in a rural community*. Language, 78: 240-257 (2002)

HUTTER, L. M. *A imigração italiana no Brasil*. In: DE BONI, L.A. (orgs). *A Presença Italiana no Brasil*. V.1. Porto Alegre: EST, 1987.

IBGE. *Informações Gerais*. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/23E19>. Acesso em: 17 de setembro de 2015.

KRÄMER, M. *The Phonology of Italian*. New York: Oxford University Press, 2009.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo, Parábola, 2008.

LABOV, W. *Principles of linguistic changes: cognitive and cultural factors*. Malden/Oxford/West Sussex: Wiley-Blackwell, 2010.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. *The sounds of world's language*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1996.

LINDAU, M. *The history of /r/*. In: FROMKIN, V. A. (Ed.). *Phonetic Linguistics: essays in honor of Peter Ladefoged*. 1.ed. Los Angeles: Academic Press Inc., 1985. p.157-168.

LOPEZ, B. *The sound pattern of brasilian Portuguese (cariocan dialect)*. Tese de Doutorado. University of California. Los Angeles, 1979.

MALMBERG, B. *A Fonética*. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.

MANFROI, O. *Italianos no Rio Grande do Sul*. In: DE BONI, L.A. (orgs). *A Presença Italiana no Brasil*. V.1. Porto Alegre: EST, 1987.

MARGOTTI, F. W. *Difusão Sócio-geográfica português em contato como italiano no sul do Brasil*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Tese de Doutorado.

MARQUARDT, L. *A vibrante no Rio Grande do Sul: uma análise computacional*. Dissertação de Mestrado. UFRGS, 1977.

MATTÉ, G. D. *A palatalização variável de / t d / em Caxias do Sul (RS)*. Livro de Resumos / X XI Salão de Iniciação Científica, XVIII Feira de Iniciação Científica da UFRGS, IV Salão UFRGS Jovem. CD ROM. Porto Alegre:UFRGS, 2009.

MEYERHOFF, M. *Introducing sociolinguistics*. 2.ed. London/New York: Routledge, 2011.

MILROY, L. *Language and social networks*. Oxford: Blackwell, 1980.

MOLLICA, M. BRAGA, M. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo, Contexto, 2004.

MONARETTO, V. O. *Um reestudo da vibrante: Análise variacionista e fonológica*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1997.

MONARETTO, V. O. *O status fonológico da vibrante*. Porto Alegre: Letras de Hoje, v. 29, n.4, P.153-157, 1994.

MONARETTO, V.O. *A vibrante: representação e análise sociolinguística*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

MONTGOMERY, A. *Difficult Moments in the Ethnographic Interview: Vulnerability, Silence and Rapport*. In: SKINNER, J. *The Interview: An Ethnographic Approach*. London: Bloomsbury, 2014.

ORIUNDI. Revista Digital. *Os 140 anos da imigração italiana no RS*. 28 de abril de 2015.

PAIVA, M. C. *Transcrição de dados linguísticos*. In: MOLLICA, M. BRAGA, M. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo, Contexto, 2004.

POZENATO, C. J. In: CARBONI, F; MAESTRI, M. *Raízes Italianas do Rio Grande do Sul 1875-1997*. Passo Fundo: UPF, 2000.

QUEDNAU, L. R. *A lateral pós-vocálica no português gaúcho: Análise variacionista e representação não-linear*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 1993.

ROSSI, A. *A variação da vibrante múltipla no interior da palavra lexical na fala de descendentes italianos das cidades sulinas Chapecó/SC e Flores da Cunha/RS*. Working papers em linguística, UFSC, n.4, p. 54-69, 2000.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows 2005*. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html> Acesso em: 6 jul.2014.

SILVA, G. M. O. *Coleta de dados*. In: MOLLICA, M. BRAGA, M. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo, Contexto, 2004.

SPRADLEY, J. P. *The Ethnographic Interview*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1979.

SPESSATTO, M. B. *Linguagem e Colonização*. Chapecó: Argos, 2003.

STEFFEN, M. *Variação diastrática e diageracional do r-forte em português por falantes bilíngues de hunsriqueano como língua de imigração alemã no rio grande do sul*. Organon, Porto Alegre, v. 28, n. 54, p. 241-256, jan./jun. 2013.

SVASEK, M.; DOMECKA, M. *The Autobiographical Narrative Interview: A Potential Arena of Emotional Remembering*. In: SKINNER, J. *The Interview: An Ethnographic Approach*. London: Bloomsbury, 2014.

TAGLIAMONTE, S. A. *Analysing Sociolinguist Variation*. New York: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, F. *A Pesquisa Sociolinguística*. 8ª Ed. São Paulo: Ática, 2007.

TASCA, M. *A lateral em coda silábica no Sul do Brasil*. Porto Alegre: UFRGS, 1999. Tese de Doutorado.

TOMIELLO, M. *A variação do ditongo nasal tônico -ão como prática social no português de São Marcos/RS*. Dissertação de Mestrado. Caxias do Sul: UCS, 2005.

VELHO, A. *Antônio Prado: três momentos importantes da sua história*. In: BACCARIN, O; GUZZO, D.B; BARROSO, V.L.M.(orgs). *Raízes de Antônio Prado*. Porto Alegre: EST, 2008.

WEINREICH, LABOV, HERZOG. *Fundamentos Empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica de Carlos Alberto Faraco, São Paulo, Parábola, 2006.

WIESE, R. *The unity and variation of (German) /r/*. *Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik*, n.70, p. 25-43, 2003.

ANEXOS

ANEXO 1 – TRECHO DO ARQUIVO DE DADOS

(1XR46@ICP se reunir
 (1XR46%IBP Rio das Antas
 (1XR46@MDP descarregar
 (0XR46%MCP carroça
 (1XR46@ICP respiro
 (1XR46%IBP as roupa
 (0XR46@IDP rapidinho
 (0XR46%ICP rápido
 (0XR46@ICP ralado
 (1XR46%ICP rápido
 (0XR46@ICP ricota
 (0XR46%MDP beterraba
 (0XR46@ICP receio
 (1XR46%MCP amarrar
 (1XR46%MCP parreira
 (1XR46%MCP amarrar
 (1XR46%MCP parreira
 (1XR46%MCP churrasco
 (1XR46#MBP morro
 (0XR46#MBP morro
 (1XR46#MBP terra
 (1XR46%MCP terreno
 (0XR46#MBP morro
 (1XR46@IDP Respiracao
 (0XR46@IDP se reunia
 (1XR46%ICP rápido
 (0XR46@ICP se reunir
 (0XR46@ICP se reúne
 (1XR46%MCP churrasco
 (1XR46%MCP churrasco
 (1XR46%MCP churrasco
 (1XR46%MCP churrasco
 (1XR46%MCP churrasco
 (1XR46@ICP o recheio
 (1XR46%IBP o resto
 (0XR46%MCP churrasco
 (1XR46@IBP rapaz
 (1XR46@IBP reais
 (1XR46@IBP reais
 (1XR46@IBP reais
 (0XR46@IDP reunião
 (1XR46%IBP o resto
 (1XR46@ICP se reúnem
 (1XR46@IDP redondeza
 (0XR46%MCP churrasco
 (0XR46#MBP bairro
 (0XR46#MBP bairro
 (0XR46@MDP carrancudo
 (1XR46%MCP borracha
 (1XR46@ICP no recreio

(1XR46@IBP a roçar
(1XR46%IBP na roça
(1XR46%IBP na roça
(0XR46@ICP responder
(0XR46%MCP arranha
(0XR46@ICP o recreio
(1XR46@IBP rezar
(0XR46@ICP rezava
(1XR46@ICP risada
(1XR46@IBP rezei
(1XR46@IBP rezei
(1XR46@IBP rezei
(1XR46@IBP rezar
(1XR46@IBP rezar
(1XR46%MBP morreu
(1XR46%MBP morreu
(0XR46%IAP ruim
(0XR46%MCP horrível
(0XR46@IDP renovava
(1XR46@ICP ralava
(1XR46%MCP morreram
(1XR46@IBP rezar
(1XR46@ICP rezava
(1XR46@IDP respondia
(1XR46@IBP rezar

ANEXO 2 – MELHOR RODADA

Name of new cell file: vibranteaprs.cel

• CELL CREATION • 18/06/2015 17:53:49

Name of token file: vibranteaprs.tkn

Name of condition file: vibranteaprs.cnd

(

; Identity recode: All groups included as is.

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

;(6)

(7)

(8 (A (col 8 A))

(A (COL 8 B)))

;(9)

)

Number of cells: 186

Application value(s): 10

Total no. of factors: 15

Group	1	0	Total	%

1 (2)	1	0		
X N	314	644	958	45.2
%	32.8	67.2		
Y N	520	641	1161	54.8
%	44.8	55.2		
Total N	834	1285	2119	
%	39.4	60.6		

2 (3)	1	0		
R N	578	583	1161	54.8
%	49.8	50.2		
U N	256	702	958	45.2
%	26.7	73.3		
Total N	834	1285	2119	
%	39.4	60.6		

3 (4)	1	0		
4 N	201	338	539	25.4
%	37.3	62.7		

5 N 180 364 544 25.7
% 33.1 66.9

2 N 120 239 359 16.9
% 33.4 66.6

3 N 333 344 677 31.9
% 49.2 50.8

Total N 834 1285 2119
% 39.4 60.6

4 (5) 1 0
6 N 659 399 1058 49.9
% 62.3 37.7

7 N 175 886 1061 50.1
% 16.5 83.5

Total N 834 1285 2119
% 39.4 60.6

5 (7) 1 0
I N 550 807 1357 64.0
% 40.5 59.5

M N 284 478 762 36.0
% 37.3 62.7

Total N 834 1285 2119
% 39.4 60.6

6 (8) 1 0
C N 355 473 828 39.1
% 42.9 57.1

A N 381 542 923 43.6
% 41.3 58.7

D N 98 270 368 17.4
% 26.6 73.4

Total N 834 1285 2119
% 39.4 60.6

TOTAL N 834 1285 2119
% 39.4 60.6

Name of new cell file: vibranteaprs.cel

• BINOMIAL VARBRUL • 18/06/2015 17:54:15

Name of cell file: vibranteaprs.cel

Averaging by weighting factors.

Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:

Convergence at Iteration 2

Input 0.394

Log likelihood = -1420.415

----- Level # 1 -----

Run # 2, 2 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.392

Group # 1 -- X: 0.431, Y: 0.557

Log likelihood = -1404.444 Significance = 0.000

Run # 3, 2 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.387

Group # 2 -- R: 0.611, U: 0.367

Log likelihood = -1360.831 Significance = 0.000

Run # 4, 4 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.392

Group # 3 -- 4: 0.480, 5: 0.435, 2: 0.438, 3: 0.600

Log likelihood = -1399.245 Significance = 0.000

Run # 5, 2 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.363

Group # 4 -- 6: 0.743, 7: 0.258

Log likelihood = -1176.157 Significance = 0.000

Run # 6, 2 cells:

Convergence at Iteration 3

Input 0.393

Group # 5 -- I: 0.512, M: 0.478

Log likelihood = -1419.326 Significance = 0.150

Run # 7, 3 cells:

Convergence at Iteration 4
Input 0.391
Group # 6 -- C: 0.538, A: 0.522, D: 0.361
Log likelihood = -1404.424 Significance = 0.000

Add Group # 4 with factors 67

----- Level # 2 -----

Run # 8, 4 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.361
Group # 1 -- X: 0.420, Y: 0.566
Group # 4 -- 6: 0.745, 7: 0.255
Log likelihood = -1159.444 Significance = 0.000

Run # 9, 4 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.356
Group # 2 -- R: 0.619, U: 0.358
Group # 4 -- 6: 0.747, 7: 0.254
Log likelihood = -1122.614 Significance = 0.000

Run # 10, 8 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.361
Group # 3 -- 4: 0.443, 5: 0.454, 2: 0.438, 3: 0.614
Group # 4 -- 6: 0.746, 7: 0.255
Log likelihood = -1156.084 Significance = 0.000

Run # 11, 4 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.363
Group # 4 -- 6: 0.744, 7: 0.257
Group # 5 -- I: 0.518, M: 0.469
Log likelihood = -1174.374 Significance = 0.062

Run # 12, 6 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.362
Group # 4 -- 6: 0.741, 7: 0.260
Group # 6 -- C: 0.532, A: 0.516, D: 0.390
Log likelihood = -1168.405 Significance = 0.000

Add Group # 2 with factors RU

----- Level # 3 -----

Run # 13, 8 cells:
Convergence at Iteration 6

Input 0.353
 Group # 1 -- X: 0.420, Y: 0.566
 Group # 2 -- R: 0.619, U: 0.357
 Group # 4 -- 6: 0.750, 7: 0.251
 Log likelihood = -1106.673 Significance = 0.000

Run # 14, 16 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.354
 Group # 2 -- R: 0.618, U: 0.359
 Group # 3 -- 4: 0.463, 5: 0.446, 2: 0.430, 3: 0.609
 Group # 4 -- 6: 0.748, 7: 0.252
 Log likelihood = -1105.076 Significance = 0.000

Run # 15, 8 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.355
 Group # 2 -- R: 0.620, U: 0.356
 Group # 4 -- 6: 0.748, 7: 0.253
 Group # 5 -- I: 0.522, M: 0.461
 Log likelihood = -1120.070 Significance = 0.026

Run # 16, 12 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.354
 Group # 2 -- R: 0.616, U: 0.361
 Group # 4 -- 6: 0.745, 7: 0.255
 Group # 6 -- C: 0.525, A: 0.515, D: 0.409
 Log likelihood = -1117.848 Significance = 0.009

Add Group # 1 with factors XY

----- Level # 4 -----

Run # 17, 32 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.352
 Group # 1 -- X: 0.425, Y: 0.562
 Group # 2 -- R: 0.617, U: 0.359
 Group # 3 -- 4: 0.469, 5: 0.444, 2: 0.436, 3: 0.602
 Group # 4 -- 6: 0.750, 7: 0.250
 Log likelihood = -1091.448 Significance = 0.000

Run # 18, 16 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.352
 Group # 1 -- X: 0.419, Y: 0.567
 Group # 2 -- R: 0.620, U: 0.356
 Group # 4 -- 6: 0.751, 7: 0.250
 Group # 5 -- I: 0.523, M: 0.459

Log likelihood = -1103.846 Significance = 0.018

Run # 19, 24 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.351

Group # 1 -- X: 0.418, Y: 0.568

Group # 2 -- R: 0.616, U: 0.360

Group # 4 -- 6: 0.748, 7: 0.252

Group # 6 -- C: 0.524, A: 0.518, D: 0.403

Log likelihood = -1101.369 Significance = 0.007

Add Group # 3 with factors 4523

----- Level # 5 -----

Run # 20, 64 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.351

Group # 1 -- X: 0.424, Y: 0.563

Group # 2 -- R: 0.618, U: 0.358

Group # 3 -- 4: 0.470, 5: 0.447, 2: 0.434, 3: 0.601

Group # 4 -- 6: 0.751, 7: 0.249

Group # 5 -- I: 0.521, M: 0.463

Log likelihood = -1089.232 Significance = 0.039

Run # 21, 96 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.350

Group # 1 -- X: 0.423, Y: 0.564

Group # 2 -- R: 0.615, U: 0.362

Group # 3 -- 4: 0.473, 5: 0.444, 2: 0.437, 3: 0.599

Group # 4 -- 6: 0.749, 7: 0.252

Group # 6 -- C: 0.524, A: 0.515, D: 0.410

Log likelihood = -1087.030 Significance = 0.013

Add Group # 6 with factors CAD

----- Level # 6 -----

Run # 22, 186 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.350

Group # 1 -- X: 0.422, Y: 0.564

Group # 2 -- R: 0.616, U: 0.361

Group # 3 -- 4: 0.474, 5: 0.448, 2: 0.434, 3: 0.597

Group # 4 -- 6: 0.749, 7: 0.251

Group # 5 -- I: 0.524, M: 0.457

Group # 6 -- C: 0.529, A: 0.513, D: 0.404

Log likelihood = -1084.084 Significance = 0.016

Add Group # 5 with factors IM

Best stepping up run: #22

Stepping down...

----- Level # 6 -----

Run # 23, 186 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.350
 Group # 1 -- X: 0.422, Y: 0.564
 Group # 2 -- R: 0.616, U: 0.361
 Group # 3 -- 4: 0.474, 5: 0.448, 2: 0.434, 3: 0.597
 Group # 4 -- 6: 0.749, 7: 0.251
 Group # 5 -- I: 0.524, M: 0.457
 Group # 6 -- C: 0.529, A: 0.513, D: 0.404
 Log likelihood = -1084.084

----- Level # 5 -----

Run # 24, 96 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.353
 Group # 2 -- R: 0.616, U: 0.360
 Group # 3 -- 4: 0.467, 5: 0.450, 2: 0.426, 3: 0.604
 Group # 4 -- 6: 0.748, 7: 0.253
 Group # 5 -- I: 0.523, M: 0.460
 Group # 6 -- C: 0.529, A: 0.509, D: 0.411
 Log likelihood = -1098.513 Significance = 0.000

Run # 25, 96 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.358
 Group # 1 -- X: 0.421, Y: 0.565
 Group # 3 -- 4: 0.454, 5: 0.456, 2: 0.437, 3: 0.604
 Group # 4 -- 6: 0.746, 7: 0.255
 Group # 5 -- I: 0.520, M: 0.464
 Group # 6 -- C: 0.535, A: 0.514, D: 0.388
 Log likelihood = -1131.810 Significance = 0.000

Run # 26, 48 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.351
 Group # 1 -- X: 0.417, Y: 0.569
 Group # 2 -- R: 0.617, U: 0.359
 Group # 4 -- 6: 0.749, 7: 0.252
 Group # 5 -- I: 0.527, M: 0.453
 Group # 6 -- C: 0.529, A: 0.516, D: 0.396

Log likelihood = -1097.712 Significance = 0.000

Run # 27, 96 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.382

Group # 1 -- X: 0.432, Y: 0.556

Group # 2 -- R: 0.607, U: 0.371

Group # 3 -- 4: 0.507, 5: 0.428, 2: 0.432, 3: 0.588

Group # 5 -- I: 0.518, M: 0.468

Group # 6 -- C: 0.535, A: 0.520, D: 0.375

Log likelihood = -1315.046 Significance = 0.000

Run # 28, 96 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.350

Group # 1 -- X: 0.423, Y: 0.564

Group # 2 -- R: 0.615, U: 0.362

Group # 3 -- 4: 0.473, 5: 0.444, 2: 0.437, 3: 0.599

Group # 4 -- 6: 0.749, 7: 0.252

Group # 6 -- C: 0.524, A: 0.515, D: 0.410

Log likelihood = -1087.030 Significance = 0.016

Run # 29, 64 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.351

Group # 1 -- X: 0.424, Y: 0.563

Group # 2 -- R: 0.618, U: 0.358

Group # 3 -- 4: 0.470, 5: 0.447, 2: 0.434, 3: 0.601

Group # 4 -- 6: 0.751, 7: 0.249

Group # 5 -- I: 0.521, M: 0.463

Log likelihood = -1089.232 Significance = 0.008

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: None

Best stepping up run: #22

Best stepping down run: #23

**ANEXO 3 – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO
LIVRE E ESCLARECIDO**

UFRGS – Programa de Pós-Graduação em Letras/CNPq
 Pesquisa de Mestrado: A realização de vibrante simples em lugar de múltipla
 em onset silábico na cidade de Antônio Prado-RS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado participante, leia com atenção as informações a seguir, sobre a pesquisa de que você consente em participar.

Dados da pesquisa

Pesquisadora: Raquel da Costa Corrêa

Orientadora: Elisa Battisti, Doutora, PPGLET/UFRGS

Contatos da pesquisadora: (raquelpets@gmail.com), (051) 84902020

Objetivo da pesquisa

A pesquisa tem como objetivo analisar o emprego de vibrante simples (aroz) em lugar de múltipla (arroz) no português de contato com o italiano numa comunidade do interior sul-rio-grandense, Antônio Prado, de modo a contribuir para a descrição de variedades lingüísticas regionais.

O objetivo das entrevistas etnográficas

As entrevistas etnográficas têm o objetivo de fornecer subsídios para a interpretação dos resultados quantitativos, através das informações obtidas durante as conversas com os informantes sobre suas práticas sociais diárias na comunidade e fora dela.

Procedimentos de pesquisa

O participante responderá questões gerais sobre Antônio Prado e seu dia-a-dia na cidade. Em entrevista gravada, falará sobre suas experiências na comunidade com familiares, amigos, colegas de trabalho, vizinhos. Informações pessoais (idade, escolaridade, ocupação, hábitos de lazer e consumo) serão registradas pela a pesquisadora ao preencher uma Ficha de Entrevista. Essas serão de consumo interno da pesquisa, para organização dos dados. Não serão divulgadas em palestras, comunicações orais ou publicações.

Informações complementares

A participação neste estudo é voluntária e sem custos. Todos os participantes têm a liberdade de cancelar sua participação a qualquer momento. A identidade de todos os participantes permanecerá confidencial em toda publicação referente a esse material. Se as entrevistas forem transcritas, não conterão quaisquer informações que permitam identificar o participante.

DECLARAÇÃO

Declaro que li e compreendi as informações acima mencionadas e que consinto em participar da pesquisa.

.....
 Nome Assinatura Data

**ANEXO 4 – CODIFICAÇÃO DE VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS
REALIZAÇÃO DE VIBRANTE SIMPLES EM LUGAR DE
MÚTIPLA EM ONSET SILÁBICO.**

CODIFICAÇÃO DE VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS REALIZAÇÃO DE VIBRANTE SIMPLES EM LUGAR DE MÚLTIPLA EM ONSET SILÁBICO			
(1) VARIÁVEL DEPENDENTE			
0	Não aplicação de vibrante simples		
1	Aplicação de vibrante simples		
Variáveis extralinguísticas		Variáveis linguísticas	
(2) GÊNERO		(6) TONICIDADE DA SÍLABA	
X	mulher	%	tônica
Y	homem	@	pretônica
(3) LOCAL DE RESIDÊNCIA		#	postônica
U	urbano	(7) POSIÇÃO DA SÍLABA NA PALAVRA	
R	rural	I	inicial
(4) FAIXA ETÁRIA		M	medial
2	15-30	(8) NÚMERO DE SÍLABAS NA PALAVRA	
3	31-50	A	monossílaba
4	51-70	B	dissílaba
5	71+	C	trissílaba
(5) ESCOLARIDADE		D	polissílaba
6	primário-fundamental		
7	médio- superior		
(9) INFORMANTES			
a	154	y	169
e	159	Z	165
f	144	E	160
g	168	G	158
h	140	H	146
i	138	J	147
j	161	K	149
!	117	L	152
l	167	N	164
m	151	P	124
o	162	S	132
r	141	T	133
t	145	V	137
u	143	\$	115
v	153	&	119
x	157	*	113